

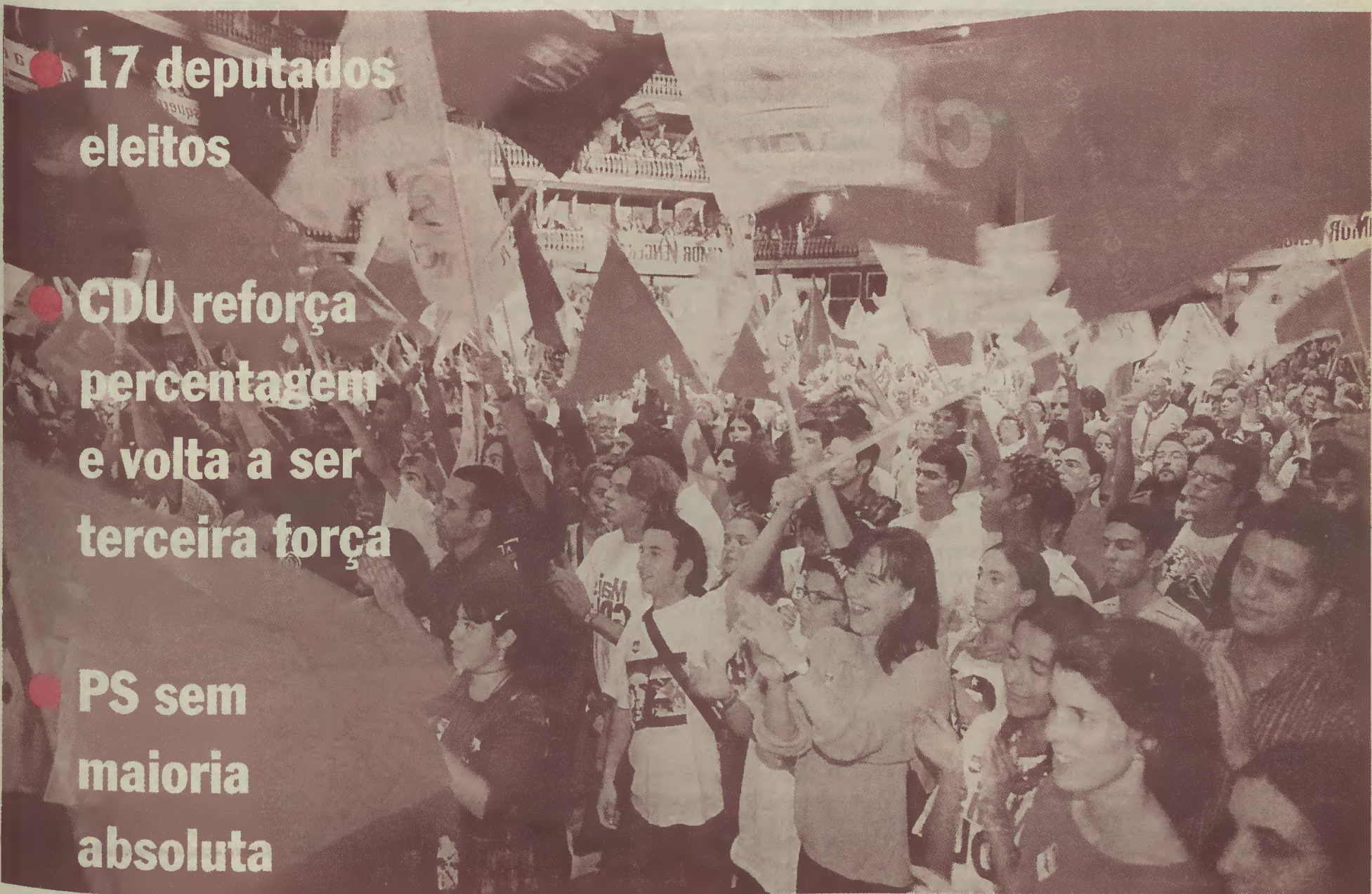
Proletários de todos os países UNI-VOS!

Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 14 de Outubro de 1999 • Preço: 180\$00 (IVA Incluído) • N.º 1350 • Director: José Casanova

Um resultado muito positivo!



● 17 deputados eleitos

● CDU reforça percentagem e volta a ser terceira força

● PS sem maioria absoluta

Carlos Carvalhas ao «Avante!»
Resultados abrem novas perspectivas e reforçam confiança das organizações

Editorial **Viva a CDU!**

EDITORIAL

Viva a CDU!

Se é verdade que, como a vida e a história demonstram, vale sempre a pena lutar, mesmo quando a luta não se traduz, de imediato, em resultados positivos, também é verdade que o êxito de uma luta na qual nos empenhámos determinadamente nos dá mais força, estímulo e entusiasmo para as batalhas que se seguem – para além das alegrias que nos traz, naturalmente. Que o digam os milhares de militantes comunistas e de outros activistas da CDU que no domingo passado viram a sua intervenção esforçada, dedicada, confiante, justamente premiada com um muito positivo resultado eleitoral e, alegre e espontaneamente, festejaram com festa rija esse resultado.

Reforçar a expressão eleitoral da CDU e procurar impedir que o PS obtivesse a maioria absoluta, eram os nossos objectivos essenciais para estas eleições. Tratava-se de uma tarefa tanto mais difícil quanto sabíamos o quadro difícil e desfavorável em que actuávamos. Mas com trabalho, perseverança e determinação alcançámos os objectivos traçados e temos, por isso, razões muitas para nos sentirmos satisfeitos. Outro será, sem dúvida, o estado de espírito daqueles que, confundindo os seus desejos com as realidades, decretaram categoricamente «o declínio irreversível do PCP»...

Aumentando a sua expressão eleitoral, elegendo mais dois deputados, subindo de quarta para terceira força na Assembleia da República, a CDU não só obteve, nas circunstâncias actuais, um excelente resultado como deu sinais de suste e inverter uma tendência que há dezasseis anos vinha marcando negativamente a sua evolução eleitoral. Manter vivos estes sinais e transformá-los numa inversão efectiva e sólida dessa tendência negativa é um objectivo da máxima importância e claramente exequível. Na verdade, os resultados eleitorais de 10 de Outubro, vistos globalmente, indiciam que sectores significativos da sociedade portuguesa foram e estão sensíveis à nossa mensagem e à seriedade da nossa intervenção; fizeram suas muitas das nossas apreensões face à eventualidade de o PS vir a obter uma maioria absoluta; compreenderam a importância da intervenção do PCP na vida nacional e o papel singular por ele desempenhado na crítica responsável à política de direita, na luta contra essa política e por uma política de esquerda. A coerência e o permanente apego a princípios e ideais que sempre têm caracterizado a intervenção dos comunistas tiveram, nestas eleições, um reconhecimento mais amplo, confirmando que uma prática de verdade, de seriedade, de respeito pela inteligência das pessoas, de permanente defesa dos interesses dos trabalhadores, do povo e do País, acaba sempre por ser reconhecida e valorizada.

A eleição de um deputado em Braga – facto que não se verificava desde 1991 e que resultou de um aumento de cerca de 3400 votos por parte da CDU – e de mais um deputado em Setúbal – neste caso retirado ao PS – reveste-se de profundo significado. Por um lado porque a conquista destes dois deputados é uma das expressões concretas do êxito da CDU nestas eleições; por outro lado porque o facto de se tratar de dois distritos com uma grande massa de trabalhadores é uma confirmação inequívoca da influência social do PCP.

Significativa também, do ponto de vista político, é a circunstância de a CDU, na continuidade do que ocorrera nas recentes eleições para o Parlamento Europeu, se ter confirmado como terceira força eleitoral nacional.

Um outro aspecto que merece referência destacada é o que respeita à eleição de mulheres para o Parlamento. Está ainda na memória de muita gente a tentativa do PS de impor, por lei, cotas de 25% para a representação de mulheres e as razões invocadas pelo PCP para rejeitar tal imposição. Olhando para o quadro saído das eleições de Domingo passado, constata-se que foram eleitas 37 mulheres, ou seja 16,6% do total dos deputados. E é indispensável referir, sem necessidade de quaisquer comentários, que a CDU ultrapassou a «cota» – elegendo cinco mulheres num total de dezasseis eleitos, isto é 29,4% – seguindo-se o PS com 19,8%, o PSD com 11,3%, o PP com 7,1% e o BE com 0%...

Digamos então, mesmo que repetindo-nos, que os muito positivos resultados eleitorais da CDU justificam plenamente a satisfação e a alegria vividas pelos comunistas e pelos seus aliados.

Para estas eleições, o PS definiu como seu objectivo central a obtenção da maioria absoluta. Para o alcançar não hesitou em recorrer a todos os meios e práticas, num autêntico e despuddorado vale-tudo que superou tudo o que até então fora feito. As inaugurações nacionais, distritais, concelhias, de freguesia; a propaganda eleitoral produzida, distribuída e paga por ministérios, governos civis, câmaras municipais; as promessas para

todos os gostos e desejos; a manipulação hipócrita dos mais nobres sentimentos humanos – foram algumas das muitas armas utilizadas pelo partido do Governo na sua monumental operação de caça ao voto. Operação que passou, também, pela tentativa de esvaziar eleitoralmente as principais forças que, à direita e à esquerda, se opunham a esse objectivo. Em vão: o eleitorado não só não quis dar o poder absoluto a Guterres como quis sublinhar a sua crítica à política do governo. E os carinhos e atenções prodigalizados quer ao PP quer ao BE, viriam a revelar-se, também, infrutíferos: o primeiro não logrou sequer beliscar o eleitorado do PSD, e o segundo acabaria por ir buscar o essencial do seu crescimento, muito provavelmente, a eleitorado descontente do próprio PS.

Com tudo isto, o partido do Governo caiu, pela segunda vez consecutiva, na sua própria armadilha: nas eleições para o Parlamento Europeu colocou a fasquia acima dos 50% e, assim, fez com que os 43% que obteve parecessem uma derrota; agora, apresentou a maioria absoluta como a mãe de todas as ambições e acabou a festejar lúgubre e tristemente o facto de ter sido o partido mais votado...

Dentro de algumas semanas, o PS voltará a formar governo. E sendo certo que os resultados eleitorais apontam para uma nova política, não é crível que o PS assim o entenda. Com efeito, tudo indica que o novo governo prosseguirá no fundamental a velha política do seu antecessor – talvez com uma maior carga de retórica social... Se assim for, manter-se-á a oposição firme e determinada do PCP – uma oposição assente quer na acção do agora reforçado grupo parlamentar comunista que dará sequência à quantidade, qualidade e responsabilidade da sua intervenção na anterior legislatura; quer na apresentação de propostas positivas alternativas; quer através da luta social, na qual os comunistas ocuparão o lugar que lhes compete; quer ainda através das múltiplas formas de acção que constituem a intensa actividade do PCP. E sem dúvida que os bons resultados eleitorais da CDU darão mais força e maiores possibilidades de êxito a essa luta.



Milhares de pessoas acompanharam o funeral de Amália Rodrigues, na sexta-feira

RESUMO

6
Quarta-feira

O secretário-geral do PCP desloca-se ao Alentejo, numa visita que engloba Estremoz, Vila Viçosa, Bencatel, Redondo, Évora e Montemor-o-Novo ■ A fadista Amália Rodrigues falece em Lisboa, com 79 anos. É decretado luto nacional de três dias ■ Os Ministérios da Economia e do Ambiente anunciam a criação de um fundo de 150 milhões de contos para a recuperação de minas abandonadas ■ O bispo D. Ximenes Belo e o padre Vítor Melícias chegam a Díli, no mesmo dia em que as milícias integracionistas fazem uma emboscada à Interfet e sofrem duas baixas ■ Chuvas torrenciais no México matam 120 pessoas ■ A empresa de diamantes De Beers, a maior e mais importante do sector, impõe um embargo à Unita ■ As forças russas ocupam o Norte da Tchetchénia até ao rio Terek.

7
Quinta-feira

Carlos Carvalhas visita o Barreiro, o Montijo, Setúbal, Sesimbra e participa num comício em Almada ■ Um alto responsável da Unicef regressado de Timor sublinha que o poder das milícias no território não deve ser subestimado ■ Em França, os estudantes do ensino secundário manifestam-se em Paris contra a falta de professores e as turmas sobrelotadas ■ Circula em Angola uma suposta carta de Jonas Savimbi a propor uma trégua ao governo, mais tarde considerada forjada ■ A Rússia recusa uma mediação internacional para o conflito na Tchetchénia ■ Na Índia, o Partido Nacionalista do primeiro-ministro Atal Behari Vajpayee vence as eleições legislativas.

8
Sexta-feira

A CDU encerra a campanha eleitoral em Lisboa, com uma arruada e um comício no Coliseu dos Recreios ■ A primeira vaga de refugiados de Timor Ocidental regressa a Díli ■ A justiça britânica autoriza a extradição para Espanha do antigo ditador chileno Augusto Pinochet, acusado de violar os direitos humanos ■ As forças tchetchenas infligem pesadas baixas no exército russo, enquanto Moscovo admite a possibilidade de marchar até Grozni.

9
Sábado

Um incêndio destrói parte de um centro de saúde do Porto ■ A agência oficial do Irão revela que,

de acordo com o exército, os três portugueses que foram tomados como reféns estão vivos ■ Em Timor, a Interfet volta a propor o desmantelamento das Falintil ■ O presidente russo, Boris Ieltsin, é novamente internado ■ O poeta João Cabral de Melo Neto falece, no Rio de Janeiro ■ Ao vencer a Hungria por 3-0, Portugal é apurado para o Campeonato Europeu de Futebol do ano 2000.

10
Domingo

O PS vence as eleições legislativas com 43,99 por cento. A CDU recebe 9,02 por cento dos votos e elege 17 deputados ■ Em Timor, as milícias voltam a confrontar-se com a Interfet, sofrendo uma baixa ■ A CDU vence as eleições regionais em Berlim, enquanto o PDS reforça a sua votação e fica em terceiro lugar ■ O governo russo recusa uma proposta de plano de paz apresentada pelo presidente tchetcheno, Aslan Maskhadov ■

11
Segunda-feira

O deputado socialista Manuel Alegre exige, em entrevista, uma viragem do PS à esquerda ■ É adiado para Novembro o processo de corrupção que envolve 67 pilotos da barra de Lisboa ■ A Interfet e o exército indonésio envolvem-se num incidente na fronteira de Timor-Leste com Timor Ocidental ■ O governo britânico sofre uma remodelação e a ministra para a Irlanda do Norte, Mo Mowlam, é substituída por Peter Mandelson ■ A procurador-geral indonésia retira as acusações de corrupção contra o antigo ditador Elias Suharto por falta de provas ■ O alemão Günter Blobel é galardoado com o Prémio Nobel da Medicina.

12
Terça-feira

Na despedida informal aos membros do actual Governo, António Guterres anuncia que o próximo elenco «será um novo governo e não apenas uma remodelação do actual» ■ A UEFA elege Portugal para a realização do Campeonato Europeu de Futebol 2004 ■ Golpe militar no Paquistão destituiu o primeiro-ministro eleito, Nawaz Sharif, que fica retido na sua residência ■ Forças russas bombardeiam várias cidades da Chechénia e prosseguem esforços para capturar o líder checheno Chamil Bassaiev ■ Susana Chou é eleita para a presidência da primeira Assembleia Legislativa da Região Administrativa Especial de Macau e Lau Cheoc Va para a vice-presidência.

*Com trabalho,
perseverança e
determinação
alcançámos os
objectivos traçados e
temos, por isso, razões
muitas para nos
sentirmos satisfeitos.*

Atenção aos novos números de Telefone do Partido Comunista Português e da Redacção do «Avante!»

Avante!

Proprietários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Sôcio Pereira Gomes, 3
— 1600 — 196 Lisboa. Tel. 781 38 00

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Sôcio Pereira Gomes, 3 — 1600 — 196 Lisboa
Tel. 781 71 90 - 781 71 91.
Fax: 781 71 93

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7.º A,
— 1169-161 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matriculada: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial Avante! — Av. Almirante Reis, 90, 7.º A,
— 1169-161 Lisboa
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTA PRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rota — Linho — 2710 Sintra
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 — 4470 Maia
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.º A 1169-161 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7.º A 1169-161 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Impressão
Hedra Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 — 139 Sintra
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EXTRA-EUROPA
50 números: 8 100\$00; 25 números: 4 200\$00	50 números: 30 600\$00
EUROPA	GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE e MACAU
50 números: 21 850\$00	50 números: 23 000\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

Não tem de quê, senhor engenheiro

Diz quem sabe que «estava tudo previsto» para a chegada da maioria absoluta: as bandeiras eram aos milhares, os carros de som às centenas e todo o pão fora transformado em rosas. Mais: para o dia seguinte prometia-se uma surpresa... Quanto aos participantes na festa, era certo e seguro que chegariam, mal a boa nova fosse anunciada – coisa que ocorreria às dezanove, hora do início das celebrações que se queriam de arromba. Dúvidas sobre a anúncio, ninguém as tinha. Aliás, os poucos incrédulos inicialmente detectados, ficaram reduzidos a metade quando o engenheiro se declarou disponível para agarrar Portugal nas suas «boas mãos»; a outra metade passou a acreditar quando «o grande comunicador», «de olhos nos olhos» e «com grande humildade», pediu aos eleitores que votassem «de olhos fechados» e lhe dessem, assim, a maioria absoluta. Acresce que a governamentalização e a instrumentalização corriam à rédea solta por todo o País (não fosse o diabo tecê-las) e as sondagens garantiam que eram favas mais que contadas, e Mário

Soares decretara que o engenheiro «merece a maioria absoluta»... Pergunto: perante tudo isto quem ousaria duvidar?

Contudo, às dezanove, surpreendentemente, ela não chegou. Mas mandou recado: viria, sem dúvida, mas chegaria um pouco mais tarde, ao que parece devido ao trânsito, que era muito intenso, entre Setúbal e Lisboa. Entretanto, e como estava programado, a festa começou: as aparelhagens sonoras cantavam e davam vivas ao engenheiro, as bandeiras agitavam-se, as rosas espalhavam os seus naturais odores... E assim foi passando o tempo. «Quem espera, desespera», diz um ditado; «Quem espera sempre alcança», diz outro: ambos hão-de bater certo consoante as circunstâncias e neste caso bateu certo o primeiro: a esperada não chegava, ao que parece sempre retida entre Setúbal e Lisboa, e a desesperança foi ocupando a festa. Pouco a pouco os cantos calavam-se, as bandeiras enrolavam-se, as rosas murchavam. E quando, às tantas, um íntimo do engenheiro veio dizer aos melancólicos foliões que não sabia, abso-

lutamente, se ela viria ou não mas que, caso não viesse, mandaria a irmã mais pequena... os cantos e as bandeiras e as rosas festejaram tristemente a notícia. E adormeceram.

Da surpresa prometida para o dia seguinte ninguém mais falou: para surpresas bastava o que bastava. No entanto a máquina estava montada e a surpresa aconteceu de manhãzinha – como se tudo se tivesse passado como estava previsto: de um gigantesco cartaz acabadinho de colar, salta-nos à frente dos olhos o engenheiro, com o rosto de há quatro anos e dizendo-nos com a sua voz actual: «Obrigado Portugal».

É óbvio que o cartaz estava noutra onda, que fora pensado e concebido para a outra situação, que o engenheiro agradecera a Portugal antes de tempo, enfim que fora Portugal a fazer a surpresa ao engenheiro...

De qualquer forma, perante aquele «obrigado» tão sem sentido mas tão sentido só nos resta retorquir misericordiosamente: não tem de quê, senhor engenheiro.

■ José Casanova

Novo impulso

A grande importância do resultado das eleições legislativas de domingo passado pode ser avaliada tanto pelo resultado alcançado – o reforço da CDU com inversão da tendência de decréscimo eleitoral que há muitos anos se verificava e o estrondoso falhanço do PS na obtenção da maioria absoluta em que concentrou todos os seus esforços –, como pelo que teria acontecido, em vários planos, caso se tivesse verificado a situação oposta.

Estava montado o cenário dos maus agouros: nova descida eleitoral dos comunistas, ainda por cima por deslocação de uma fatia do seu eleitorado para o Bloco de Esquerda; governo absoluto do PS, com o PCP doravante e no fundamental confinado à influência ao nível de contra-poderes sociais e «protegido» de «tentativas» governativas.

Afinal a maioria do eleitorado mostrou com clareza que não quer que o PS governe com uma maioria absoluta. E reforçou as condições para que a Assembleia da República exerça o seu papel fiscalizador e se mantenha como um importante espaço de debate e de confrontação ou convergência políticas, indispensáveis ao bom funcionamento da democracia.

Quanto ao reforço eleitoral da CDU – em percentagem e com a obtenção de mais dois mandatos parlamentares – importa sublinhar

que ele termina um longo ciclo de descidas eleitorais e que inverte (finalmente) essa tendência.

O que ilustra as possibilidades existentes de um muito maior reforço futuro, desde que preenchidas condições de aprofundamento da ligação do Partido a todos os trabalhadores e à sociedade, com atenção particular à juventude, inseparável do conhecimento das profundas alterações que se observam na realidade social e da procura de respostas ajustadas a essas mudanças; de uma muito maior iniciativa social, política e no domínio ideológico; de uma audaciosa afirmação comunista que não só não é contraditória como exige, ao mesmo tempo, uma igualmente audaciosa abertura, diálogo e convergência, para a construção de um projecto de esquerda e de poder, com condições de vencer.

Aqui se sustenta, pois, a necessidade de retomar, prosseguir e aprofundar o caminho do **novo impulso** que o Comité Central decidiu em Fevereiro do ano passado. Porque do ponto de vista do futuro da nossa causa e da nossa luta, da resposta aos problemas e aos desafios com que estamos confrontados, esse caminho não tem, verdadeiramente, alternativa.

■ Edgar Correia



Foto: Jorge Caria

Cravos – é sempre tempo deles

SPD Para onde vai?

Na Alemanha, nas eleições de Berlim realizadas domingo passado, o grande vencedor foi mais uma vez o Partido do Socialismo Democrático (PDS). Depois dos excelentes resultados em eleições regionais anteriores e de ter mesmo ultrapassado o SPD (Partido Social Democrata) na Turíngia e na Saxónia, o PDS sobe de novo alcançando 39,5% na parte de Berlim que foi capital da antiga República Democrática Alemã.

O grande significado político dos avanços dos nossos camaradas do PDS é evidente. Dez anos passados sobre os dramáticos acontecimentos que conduziram à anexação da RDA, é o capitalismo que se senta no banco dos réus. E com ele também a sua variante social-democrata, protagonizada pelo SPD que acaba de registar em Berlim uma nova descida, a somar-se a um longo rosário de derrotas espectaculares em que o Partido de Schroder registou, em vários casos, os piores resultados desde 1945.

As sucessivas derrotas do SPD de Schroder expressam o fim de uma expectativa e de uma ilusão. A expectativa de que, após 16 anos de governo Kohl, a vitória do SPD nas eleições de 27.9.98 pudesse significar na Alemanha uma alternativa em benefício do mundo do trabalho contra a gula e arrogância do grande capital. A ilusão de que, após as «vitórias socialistas» de Blair e de Jospin, a vitória de Schroder na Alemanha conduzisse a uma «viragem à esquerda» no quadro político europeu. Nada disto aconteceu. Pelo contrário. Tal como em Portugal, a «onda rosa» europeia significou maior concentração do capital e da riqueza, novos retrocessos no plano social, agravamento das injustiças e desigualdades. Significou, com a agressão militar à Jugoslávia, guerra no continente europeu. Significou novas restrições à soberania dos estados com o avanço de uma UE federalista e um «pacto de estabilidade» tutelador das políticas nacionais. Significou o reforço da NATO e relançamento do militarismo na Europa. Significou, não mais «autonomia», mas maior domínio dos EUA sobre a U.E.

Se tudo isto foi possível, foi em parte decisiva porque uma social-democracia domesticada, no governo em 13 dos 15 países da UE, colocou a sua base popular e o que resta do seu crédito de «esquerda» ao serviço do poder do capital. É aliás evidente o propósito de romper definitivamente com a corrente reformista do movimento operário e com as tradições europeias do «estado de bem estar». Nisso se tem destacado particularmente Tony Blair e o seu «New Labour», em articulação estreita com as mais avançadas criações dos centros de produção norte-americanos do «pensamento único». A bem da exportação do «american way of life» e sobretudo dos interesses estratégicos do grande capital norte-americano e da hegemonia imperialista dos EUA sobre a Europa e sobre o mundo. Quando o social-democrata Solana toma posse como «Sr. PESC»; quando o trabalhista George Robertson, actual ministro da defesa britânico, toma posse como novo Secretário Geral da NATO; quando o general alemão Klaus Reinhardt, assume o comando da KFOR no Kosovo, onde entretanto o marco foi introduzido como moeda oficial – quando tudo isto acontece é evidente que estamos perante uma malha muito apertada de interesses e compromissos do grande capital europeu e norte-americano que a social-democracia está a ajudar a tecer. E para a qual se procura o indispensável cimento ideológico. O anunciado encontro em Itália entre Schroder, Blair, D'Alema, Jospin (que recusara anteriores convites) e Clinton, é nesta perspectiva inteiramente lógico. É inquietante.

É neste quadro que terá lugar no final do ano o Congresso do SPD, para o qual já se anuncia um novo «Bad Godesberg» ou seja, um novo salto qualitativo no processo de degenerescência deste partido. Será que as fortíssimas manifestações de oposição e protesto que as derrotas eleitorais do SPD expressam serão capazes de o impedir? Será que vozes tão prestigiadas como as de um Lafontaine ou de Gunther Grass, o Prémio Nobel da Literatura 1999, se farão ouvir com força suficiente? A ver vamos. Pelo que a Alemanha representa na Europa e no mundo, pelo que o SPD representa na Alemanha e como partido dominante na Internacional Socialista, trata-se de uma questão muito relevante.

■ Albano Nunes

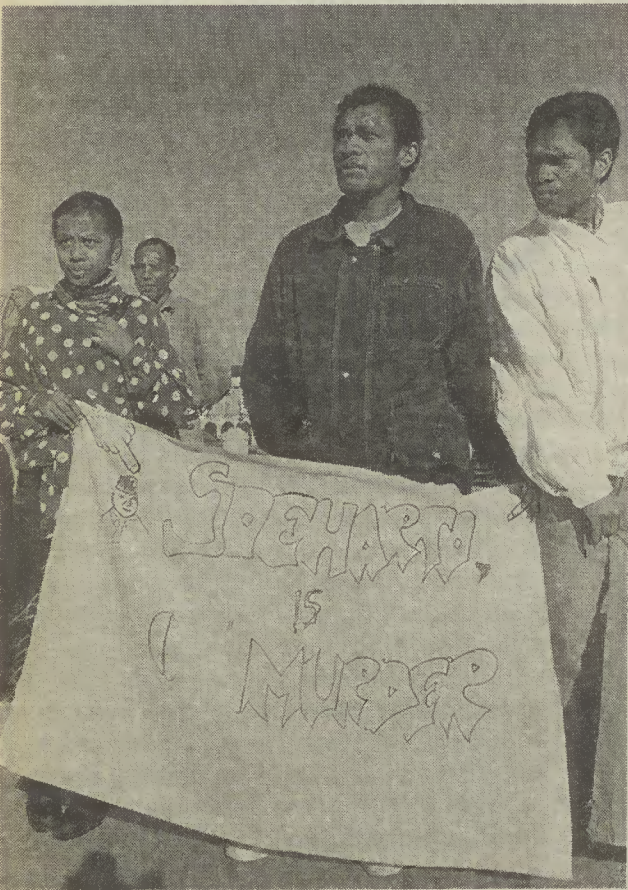


Portugal escolhido para «Europeu 2004»

O Campeonato da Europa de futebol de 2004 vai realizar-se em Portugal, decidiu na passada terça-feira o Comité Executivo da União Europeia de Futebol (UEFA), em Aachen, na Alemanha. A decisão, anunciada por Lennart Johansson, presidente da UEFA, respeitou o parecer da Comissão Organizadora do Campeonato da Europa, que elegeu Portugal em detrimento das candidaturas espanhola e austro-húngara. Segundo a LUSA,

«o anúncio provocou grande emoção em Carlos Cruz, a «cara» da candidatura portuguesa, que irrompeu em choro convulsivo depois de Lennart Johansson ter pronunciado a palavra Portugal como palco do Europeu de 2004». A atribuição do Europeu a Portugal colocou ponto final a uma série de rumores que davam a Espanha como vencedora do processo, em particular durante a manhã que antecedeu a decisão da UEFA,

após as apresentações finais das três candidaturas. No exterior da sala onde se decidiu a escolha da UEFA do país anfitrião do Campeonato da Europa de futebol de 2004, cerca de 80 imigrantes portugueses, na sua maioria trabalhadores numa empresa têxtil, aguardaram ansiosamente o desfecho e, naturalmente, fizeram a festa portuguesa *in loco* quando foi anunciada a decisão a favor da candidatura portuguesa.



Ditador Suharto «ilibado» por Procurador indonésio

O Procurador-Geral da República indonésia, Ismudjoko, decidiu «recomendar» ao próximo presidente indonésio que arquive as acusações de corrupção contra o ex-ditador Suharto, alegando que «não há provas suficientes para prosseguir com a investigação». Recorde-se que a investigação em curso contra Suharto foi decidida pelo seu sucessor, o actual presidente e seu ex-colaborador Habibie, pressionado pela opinião pública indonésia mas, mesmo assim, circunscrevendo as acusações contra o ditador a «eventuais irregularidades» por si perpetradas na gestão de dois fundos de

caridade. O Procurador Ismudjoko ateu-se a estas únicas acusações para respaldar a sua proposta de ilibação de Suharto. Esta «recomendação» de arquivamento do processo contra Suharto é o corolário lógico do próprio processo de acusação instaurado por Habibie contra o ex-ditador, que deixou de fora toda a prática continuada e flagrante de corrupção, nepotismo e depredação feita pelo regime tutelado por Suharto durante mais de três décadas, servindo uma clique familiar e correligionária instalada no aparelho de Estado com a lógica e a prática de uma Mafia.

SEMANA

Seis mil milhões de seres humanos

O nosso planeta Terra atingiu, esta semana, o número oficial de seis mil milhões de habitantes, com o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, a deslocar-se à maternidade num hospital de Serajevo para proclamar um recém-nascido desta cidade como o «bébé seis mil milhões». Segundo dados compilados pela ONU, a Terra tinha mil milhões de pessoas em 1804, dois mil milhões em 1927, três mil milhões em 1960, quatro mil milhões em 1974 e cinco mil milhões em 1987. Mais de mil milhões são, actualmente, adolescentes que entraram na idade de procriação, o maior grupo de população jovem alguma vez existente, vivendo quase todos nos países menos desenvolvidos. As mulheres têm de quatro a sete filhos na África, América Latina e Ásia e apenas 2,1 filhos por mulher nos países desenvolvidos. Quanto à distribuição da riqueza no planeta, os dados apresentados são inquietantes. Em 1960, o quinto da humanidade mais rico detinha 70% dos rendimentos globais; 17 anos depois, esse valor passou para 86%. Entretanto, o quinto mais pobre da humanidade passou de 2,3% para 1,3% dos rendimentos



globais, enquanto as três pessoas mais ricas do mundo têm rendimentos superiores ao Produto Interno Bruto combinado dos 48 países mais pobres. Outro dado inquietante: em cada 20 minutos nascem mais 3500 pessoas e a Terra perde pelo menos uma espécie completa de fauna ou de flora, com a velocidade de extinção de espécies a atingir um número médio alucinante e sem precedentes nos últimos 65 milhões de anos: 27 mil espécies por ano.

Continua ofensiva russa em território tchetcheno

As forças armadas russas já estão a menos de 30 quilómetros de Grozni, a capital da Tchetchénia, quando já dominam mais de um terço do território desta república rebelde do Cáucaso que, há cerca de cinco anos, declarou unilateralmente a independência da Comunidade de

Estados Independentes (CEI) tutelada pelo regime de Ieltsin, o que desencadeou uma ofensiva militar russa que se arrastou numa guerra sangrenta de dois anos e terminou com a humilhante retirada das forças de Moscovo. A nova ofensiva russa surgiu na sequência de bru-

tais atentados à bomba na (CEI), que causaram quase 300 mortos na população civil, a maior parte deles na própria capital, Moscovo atentados esses alegadamente promovidos pelos fundamentalistas islâmicos que actuam a partir da Tchetchénia. Os discursos dos res-

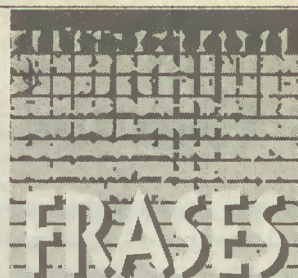
ponsáveis políticos de Moscovo, nomeadamente do novo primeiro-ministro, Vladimir Putin, e do ministro da Defesa, marechal Dmitri Sergueiev, apontam para a intensificação da ofensiva, cujo próximo passo será a tentativa de ocupação militar da capital tchetchena.

Morreu o poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto

Morreu esta semana, com 79 anos, o grande poeta brasileiro João Cabral de Melo e Neto, tendo sido sepultado no mausoléu da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. Considerado no seu país o maior poeta brasileiro de sempre, João Cabral de Melo Neto é igualmente considerado um dos expoentes poéticos em língua portuguesa, a par dos maiores criadores na sua multifacetada história literária, tendo recebido o Prémio Camões em 1999.

A grande projecção literária de João Cabral de Melo Neto afirmou-se nos anos 60, quando editou o extraordinário poema narrativo Morte e Vida Severina, uma obra em jeito de «Auto de Natal» tendo por tema a miséria do Nordeste Brasileiro que, um pouco mais tarde, teria amplo e ilustre tratamento artístico no teatro, cinema e música brasileiros, pelas mãos de criadores tão notáveis como Chico Buarque da Holanda. Seria também este livro a projectar o poeta no nosso país, cuja obra, a partir daí, não mais parou de conquistar leitores, admiradores e estu-

diosos. Em Portugal, Óscar Lopes, Alexandre Pinheiro Torres, Arnaldo Saraiva, Rosa Maria Martelo e António José Ferreira Afonso são apenas alguns dos que lhe dedicaram estudos, investigações e trabalhos, enquanto poetas como Sophia de Mello Breyner e Alexandre O'Neill o invocaram nos seus próprios poemas.



“Esta é a hora de começar por salientar que, como o País sabe e ninguém pode contestar, nestas eleições o objectivo central da campanha da CDU foi o reforço da sua votação e do número dos seus deputados eleitos. Esse objectivo foi alcançado.”

Declaração de Carlos Carvalhas na noite de 10.10.99

“O PS não alcançou a maioria absoluta porque foi castigado pela abstenção e pelo voto à esquerda.”

Vicente Jorge Silva, no «Público», em 11.10.99

“A meia vitória (ou meia derrota?) socialista quase neutralizou a derrota anunciada do PSD e salvou Durão Barroso. Para partilhar a frustração, Guterres só teve um único verdadeiro aliado: Paulo Portas. Não será sintomático?”

Idem

“O País provou que não se quer entregar nas mãos da direita, antiga ou moderna, e que se reconhece mais numa política decidida de esquerda do que nas águas mornas do fim das ideologias.”

José Medeiros Ferreira, no «Diário de Notícias», em 12.10.99

“Se é indiscutível que a maioria absoluta é legítima em democracia, não é menos indiscutível que ela subverte a vontade do povo, impondo a suave ditadura de pouco mais de 40 por cento dos votantes a todos os outros eleitores(…)”

António Rego Chaves, no «Diário de Notícias», em 12.10.99

“Há várias contas a fazer: pode-se somar esquerda à esquerda ou subtrair esquerda à esquerda. Eu somo todos os votos, que dão 55,5 por cento.”

Manuel Alegre em entrevista ao «Público», em 12.10.99

“Não sei se na direcção do PS farão as mesmas contas. Temo que haja quem não as faça e que subtraia o PS ao resto da esquerda para somar ao PP. Isso significaria um grave desvirtuamento do sentido da vontade do povo português. O PS não pode ir por um caminho desses. Isso significaria também que na direcção do PS há quem não tenha compreendido nada do que se passou.”

Idem

“Contas feitas, os comunistas são dos poucos que têm razões para sorrir com o desfecho das legislativas de domingo.”

Raposo Antunes, no «Público», em 12.10.99

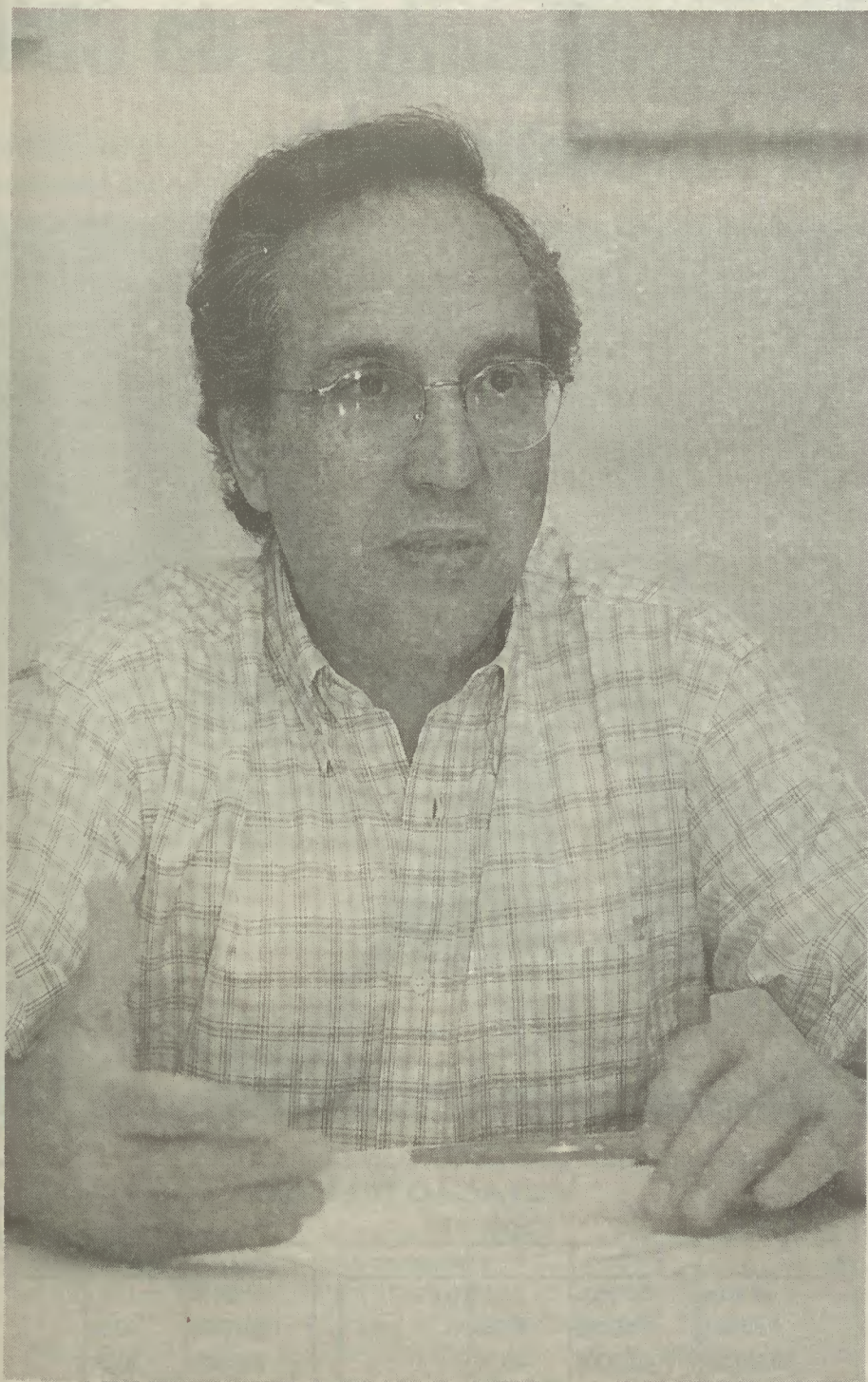
“O PS acabou por pagar, mais do que se poderia esperar, os efeitos de algumas tergiversações ideológicas (sobretudo no caso da despenalização do aborto), e de ter aparentemente preferido em investir em conquistar o aplauso dos banqueiros e da Igreja Católica mais do que, por exemplo, em realizar a reforma fiscal, regular e melhorar os serviços públicos ou reformar a justiça ou o sistema de saúde.”

Vital Moreira no «Público», em 12.10.99

“(…) Este défice na vitória eleitoral do PS talvez seja um bom indicador dos limites da chamada “terceira via” em países do Sul da Europa, onde a existência de um partido comunista ainda com considerável implantação e uma forte tradicional ideologia laica, republicana e socialista não permite que a deriva dos partidos socialistas para o centro seja efectuada sem riscos de perdas sensíveis à esquerda.”

Idem

Carlos Carvalho ao «Avante!»



Resultados abrem novas perspectivas e reforçam confiança das organizações

Está ainda por fazer uma análise aprofundada aos resultados das eleições legislativas de domingo passado, sobre os quais o Comité Central do PCP se está a debruçar durante todo o dia de hoje. Entretanto, passados os naturais momentos de entusiasmo face aos resultados alcançados pela CDU, que lhe deram uma subida quer em percentagem de votação quer em número de deputados eleitos - os dois grandes objectivos que durante a campanha eleitoral se tinha proposto atingir -, o «Avante!» ouviu o secretário-geral do PCP, Carlos Carvalho, sobre uma primeira apreciação do Partido.

Que significado atribuis a esta subida da CDU?

Um significado muito positivo. Como sabes, estas eleições não eram fáceis. «Sondagens» e analistas previam o nosso afundamento. O PS jogou tudo na maioria absoluta, utilizou em cheio o aparelho do Estado para fins eleitoralistas, as inaugurações, os governadores civis. Protelou medidas como o aumento dos combustíveis...

O período da campanha eleitoral, com Timor, vinda de Xanana Gusmão, falecimento de Amália Rodrigues, foi-lhe objectivamente favorável.

Por outro lado, houve todo o populismo e as ditas medidas sociais apresentadas pelo PSD e PP, embora em contradição com a sua prática. E houve também, pela parte do PS e da comunicação social que lhe é mais afectada, um claro soprar nas velas do Bloco e do PP.

É neste quadro, complexo e nada fácil, que tem que se

apreciar a eleição de mais dois deputados e a passagem a terceira força eleitoral.

Quais as suas repercussões na actividade e na luta futuras do Partido?

Este resultado abre-nos grandes perspectivas. Animo e deu mais confiança às organizações e ao seu trabalho. Em alguns distritos aproximou mais a nossa influência social da influência eleitoral, e mostrou que no futuro poderemos romper e ter aí eleitos.

A eleição em Braga, distrito dos mais jovens do País e com um grande número de trabalhadores, é muito importante. Mostrou que era possível eleger e que é possível eleger noutros distritos vizinhos, facilitando no futuro o combate à demagogia e à mistificação do chamado voto útil no PS.

A eleição de mais um deputado em Setúbal é também plena de significado e de perspectivas. Como o são os

avanços em outros distritos e em concelhos com uma grande concentração operária e de assalariados.

É agora necessário prosseguir o trabalho e, nos diversos plenários a realizar, chamar também os independentes que estiveram neste combate, para que possam participar, com a sua opinião, com a sua avaliação, e com as suas propostas e sugestões.

Como avalias a não obtenção da maioria absoluta pelo PS?

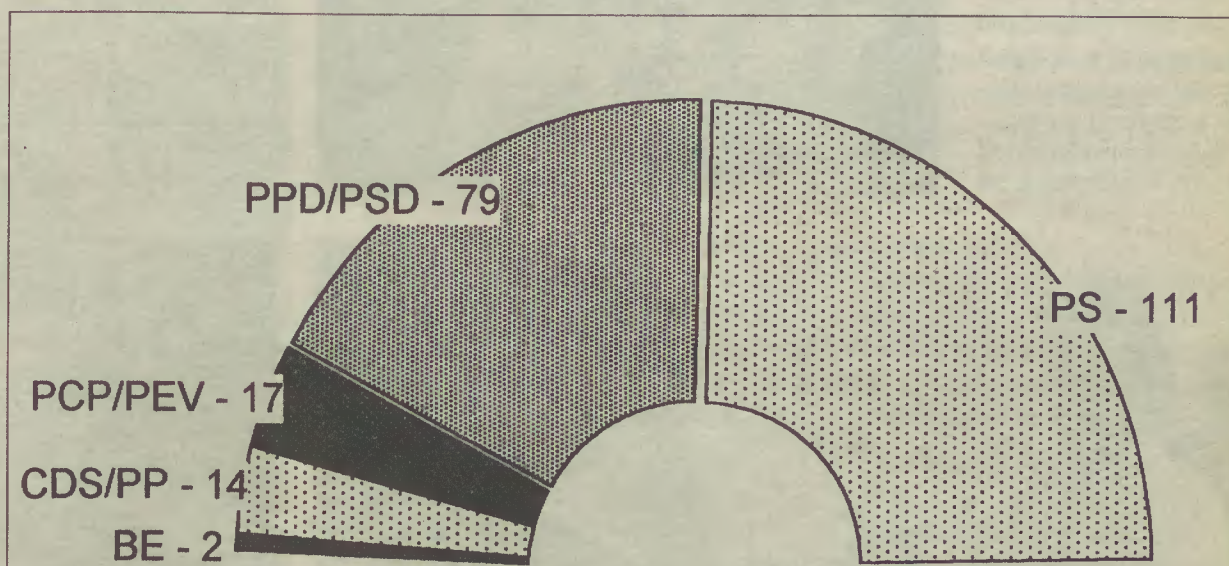
O eleitorado deu um sinal

claro de que não quer poderes absolutos, com os seus autismos, abusos de poder e clientelismos.

Foi bom que o PS não tenha conseguido a maioria absoluta, para o País, para a vida democrática, para as reformas necessárias, e para impedir, por exemplo, legislação de regressão social, como a lei das férias e o pacote laboral.

Quais os temas e as iniciativas que o PCP vai lançar no novo ano político?

As medidas, as prioridades e as tarefas imediatas para todo o Partido serão debatidas na reunião do Comité Central. Mas iremos naturalmente dar corpo, em medidas e em projectos de lei, às causas, valores e propostas que defendemos na campanha eleitoral.



Assembleia da República 1999

(Mandatos atribuídos quando estão por apurar 9 freguesias e 7 mandatos)

LEGISLATIVAS 99

Objectivos eleitorais foram alcançados

Resultados favorecem afirmação da CDU como grande força de esquerda

Apesar de encontrar-se ainda face a resultados provisórios, o secretário-geral do PCP, Carlos Carvalho, ladeado por Manuela Cunha, do Partido Ecologista «Os Verdes», e Blasco Hugo Fernandes, da Intervenção Democrática, fez, na própria noite das eleições, uma declaração aos órgãos de comunicação social que acompanhavam junto à candidatura da CDU a habitual «maratona» dos resultados eleitorais.

A festa na Soeiro Pereira Gomes, onde foi montada a sede da candidatura CDU, começou cedo, com a divulgação de resultados que apontavam já para o reforço da CDU, e atingiu o seu ponto mais alto ao anúncio da eleição de um quinto candidato por Setúbal e de um novo deputado por Braga. Afinal, a mesma alegria que os apoiantes da CDU manifestavam um pouco por todo o País, com particular destaque para os concelhos e distritos onde se verificou maior subida de votos.

Era também visível a satisfação de Carlos Carvalho quando, ao iniciar a sua declaração, considerando que o objectivo central da campanha da CDU - o reforço da sua votação e do número de deputados eleitos - tinha sido atingido.

«Esse objectivo foi alcançado», afirmou Carlos Carvalho, já que «pela primeira vez desde há muitos anos, a CDU aumenta a sua percentagem» e «passa para terceira força política mais votada», elegendo 17 deputados, mais dois do que em 1995.

De sublinhar é, ainda, em sua opinião, o facto de esse crescimento se verificar em dois distritos (Setúbal e Braga) «com uma grande massa de trabalhadores, assumindo um especial significado a eleição de um deputado pelo distrito de Braga, facto que não se verificava desde 1991».

Para a CDU, «trata-se de um resultado muito positivo, tanto mais quanto se tiver em conta o quadro político em que se realizaram as eleições e que comportava factores muito favoráveis ao PS». E, «representando um

sinal de inversão de tendência», trata-se, ainda, de um resultado «muito estimulante e promissor que favorece uma dinâmica de maior afirmação e intervenção de uma grande, coerente e influente força de esquerda».

A não obtenção pelo PS da maioria absoluta, em que tanto o PS como António Guterres apostaram de forma clara e expressa, é «um facto muito positivo para os interesses dos trabalhadores e a vida política nacional, pelo qual a CDU também se bateu e para o qual também contribuiu».

O secretário-geral do PCP agradeceu ao eleitorado a confiança manifestada com o seu voto na coligação, que permitiu aquele resultado, garantindo «que a CDU prosseguirá, com renovado empenho e energia, a sua luta e intervenção por uma viragem à esquerda na política nacional e que honrará todos os compromissos assumidos na campanha eleitoral».

Por último, Carlos Carvalho saudou calorosamente todos os militantes e simpatizantes do PCP e do Partido «Os Verdes», a Intervenção Democrática, os

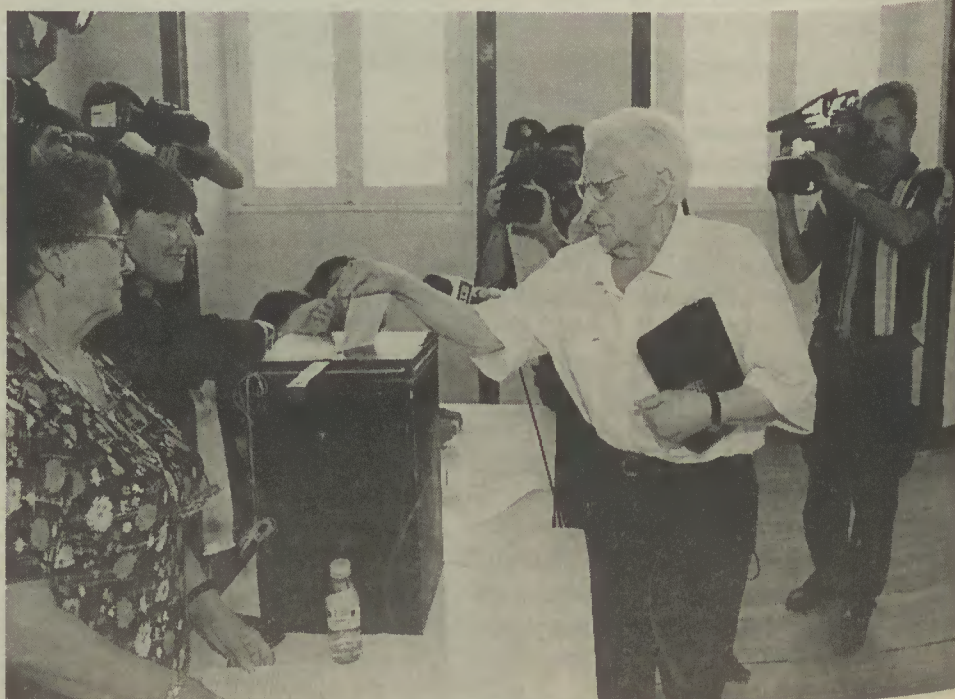
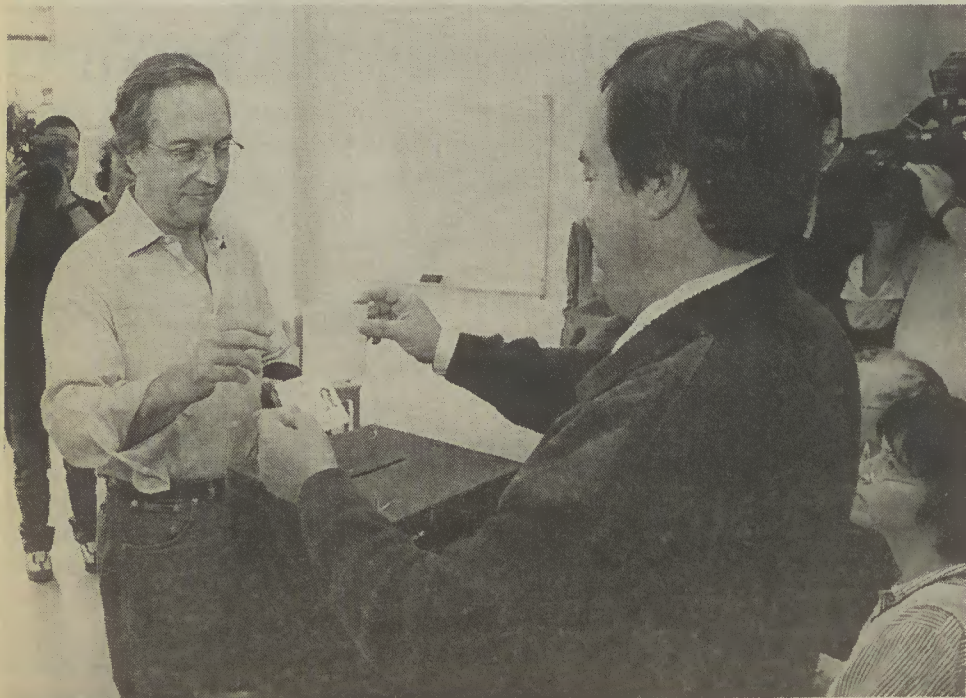
activistas da CDU e os milhares de independentes «a quem se deve o dinamismo e o êxito desta campanha e que, generosamente contribuíram para que hoje todos possamos justamente sentir-nos animados, em todo o País, por uma ainda maior confiança e certeza de que representamos uma grande corrente de ideais e de convicções e de que somos portadores de um projecto político com futuro, audaciosamente voltado para ganhar um maior apoio na sociedade portuguesa».



VOTAÇÃO NO PAÍS *						
	1999			1995		
	TOTAL	%	MANDATOS	TOTAL	%	MANDATOS
Inscritos	8672801			8729129		
Votantes	5363895	61,85		5847809	66,99	
Abstenção	3308906	38,15		2881320	33,01	
PS	2359561	43,99	111	2564004	43,85	111
PPD/PSD	1733589	32,32	79	1987945	33,99	84
PCP/PEV	483675	9,02	17	503829	8,62	15
CDS/PP	449253	8,38	14	531586	9,09	15
BE	131867	2,46	2	-	-	-
PCTP/MR	39463	0,74	0	40710	0,70	0
MPT	19524	0,36	0	7826	0,13	0
PPM	16335	0,30	0	-	-	-
PSN	11418	0,21	0	12453	0,21	0
PH	7937	0,15	0	-	-	-
POUS	4056	0,08	0	-	-	-
PDA	437	0,01	0	2301	0,04	0
PSR	-	-	-	37358	0,64	0
UDP	-	-	-	33358	0,57	0
PG	-	-	-	8044	0,14	0
PPM-MPT	-	-	-	5913	0,10	0
MUT	-	-	-	2371	0,04	0

* Escrutínio provisório

(Freguesias apuradas 4232, de um total de 4241; mandatos apurados 223, de um total de 230)



As primeiras apreciações aos resultados

Um pouco por toda a parte, as organizações do PCP começaram a analisar os resultados eleitorais e, a partir deles, a proceder à avaliação crítica do trabalho realizado e à definição de orientações para a sua actividade futura. É, entretanto, unânime a apreciação muito positiva que fazem quer em relação ao reforço da votação e do número de deputados da CDU quer no que respeita à não obtenção da maioria absoluta pelo PS.

A Direcção da Organização Regional de Setúbal do PCP, em conferência de imprensa realizada na terça-feira, considera que «apesar das características únicas e excepcionais» em que a campanha eleitoral se desenrolou, foi possível a alguns sectores do eleitorado perceber «quem, na Assembleia da República, mais e melhor trabalhou nos últimos quatro anos em benefício do distrito» e destrinçar entre quem assumiu compromissos justos que «respondem à satisfação das necessidades e aspirações das populações» e os que «se limitaram a promover a demagogia e a enunciar um conjunto de promessas eleitoralistas».

Para a DORS, o PS «contrariando» a ligeira tendência de crescimento nacional que registou (0,14%), «foi penalizado no distrito de Setúbal com a perda de 1,4 ponto percentual e de um deputado» por ter assumido uma política de direita, ao serviço dos grandes grupos financeiros, contra os trabalhadores e o distrito».

Aliás, das quatro principais forças políticas, a CDU foi a única que aumentou o número de deputados e registou uma subida percentual (1,04%), que lhe permite «retomar as posições eleitorais mais condizentes com os objectivos e o projecto de sociedade por que luta», ao mesmo tempo que impediu a obtenção da maioria absoluta pelo PS.

A DORS realça, por fim, a perda de influência do PSD e do CDS/PP (menos 2 pontos percentuais) e a continuação da dispersão de cerca de cinco por cento dos votos por pequenas organizações políticas «cuja vida se limita a aparecerem nos períodos eleitorais».

Ovar

No concelho de Ovar, a CDU regista uma subida assinalável, quer em número de votos quer em percentagem.

Segundo a Comissão Concelhia de Ovar do PCP, importa, contudo, salientar o facto de a CDU ter registado uma subida na totalidade das oito freguesias, quer em número de votos (mais de 20%) quer em percentagem (de 4,8 para 6,45%).

Por seu lado, o PS, o PSD e o PP registaram uma descida global de votos, quer em número de votos quer em percentagem.

Assim, apesar de lamentar que a CDU não tenha conseguido eleger um deputado por Aveiro (objectivo que logo à partida se afigurava muito difícil), a Concelhia de Ovar considera os resultados alcançados como muito positivos, confirmando-se «uma tendência de crescimento sustentado da CDU quer no concelho quer em todo o distrito».

Palmela

Também no concelho de Palmela, a CDU é «singularmente a única grande força política que, em relação a 1995, não só aumentou o número de votos (de 5149 para 5342), mas igualmente sobe 2,5 pontos percentuais (de 21% para 23,5%). O PS, apesar de vencedor no concelho, perde 1236 votos e 1,7 pontos percentuais e o PSD e o CDS/PP descem respectivamente 212 e 601 votos.

Assim, segundo a Comissão Concelhia do PCP, confirma-se em Palmela «o ciclo do reforço constante da CDU desde 1995 em todas as eleições entretanto havidas» (para as Autarquias e para o Parlamento Europeu), que é «indissociável» da luta do PCP e da CDU em defesa dos trabalhadores e das populações, nas organizações, movimentos e instituições, designadamente nas autarquias locais maioritariamente CDU.

Portalegre

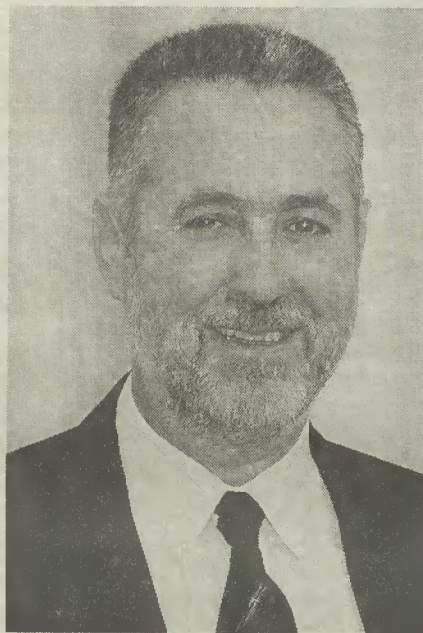
Em Portalegre, a CDU passou para terceira força política, continuando a ser a única que aumentou em percentagem e em número absoluto de votos, apesar de uma subida de 7,5% na abstenção.

O PS, apesar de partido mais votado, foi o que o eleitorado mais penalizou no concelho, o PSD prossegue o declínio eleitoral que iniciou em 1995 e o CDS/PP, «não obstante o recurso à demagogia e à distorção dos factos, não só perdeu votos como passou a ser definitivamente a 4.ª força política local».

Os ganhos eleitorais da CDU reflectem, assim, «o apoio crescente aos seus candidatos, em especial a Joaquim Miranda, cabeça de lista, e a confiança no trabalho, nos projectos e na luta dos eleitos do PCP e da CDU».

CDU elege dois novos deputados

A lista de deputados da CDU na Assembleia da República foi enriquecida com a eleição de um quinto deputado pelo distrito de Setúbal e um novo deputado pelo distrito de Braga. A propósito deste importante reforço da coligação ouvimos Agostinho Lopes, cabeça de lista por Braga, distrito que desde 1991 não elegia qualquer deputado pelo distrito pela CDU, e Octávio Teixeira, o primeiro candidato por Setúbal.

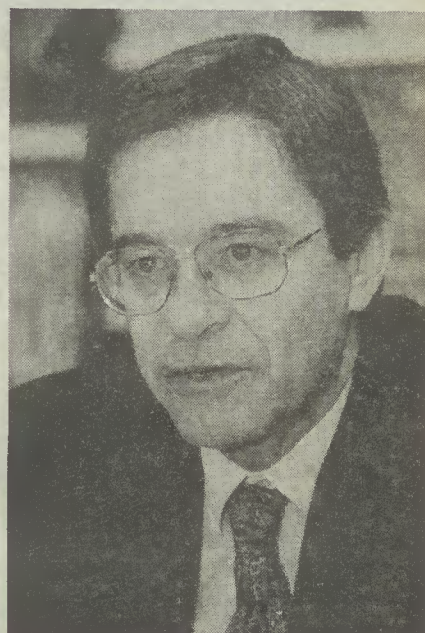


Agostinho Lopes: Uma boa notícia para os trabalhadores

A eleição de um deputado da CDU pelo distrito de Braga é, em primeiro lugar, uma boa notícia para os trabalhadores e o povo da região. É a certeza de que as suas lutas, as suas reivindicações, os seus problemas terão outra visibilidade e continuidade na Assembleia da República.

A recuperação do deputado perdido em 1991 pela redução do número de deputados eleitos pelo círculo de Braga, é também a expressão e reconhecimento do trabalho político e eleitoral dos comunistas e do PCP ao longo dos últimos anos no Minho, onde, mesmo sem deputados eleitos na Assembleia da República, sempre estiveram presentes quando os trabalhadores têxteis, os agricultores, as populações, precisaram.

E, finalmente, esta eleição representa ainda o abrir da porta para uma maior presença institucional do PCP, através dos seus eleitos da região nos órgãos de poder. A defesa do desenvolvimento e qualidade de vida no Minho exigem mais eleitos do PCP na Assembleia da República, no Parlamento Europeu, nas autarquias do Minho.



Octávio Teixeira: Eleitorado quer viragem à esquerda

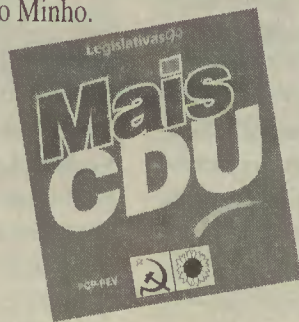
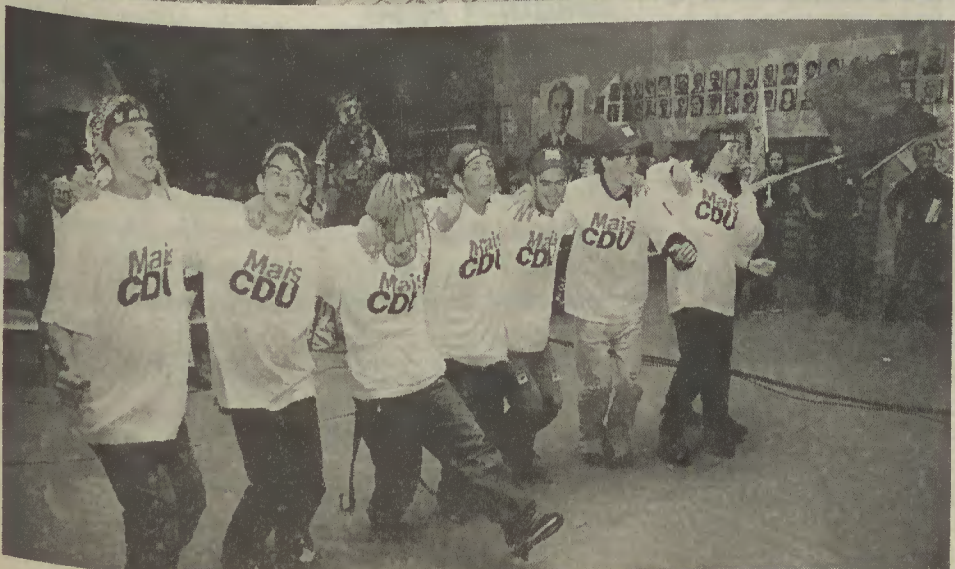
A eleição de mais um deputado pelo distrito de Setúbal teve um importante significado político, na medida em que consubstancia o núcleo central da campanha eleitoral da CDU.

Por um lado, de que nestas eleições o que estava em causa era a alteração da relação de forças entre os eleitos da CDU e do PS: e no distrito o que se assistiu foi ao confronto eleitoral entre a CDU e o PS, já que as restantes forças políticas passaram despercebidas.

Por outro lado, e o nosso grande objectivo eleitoral, de que essa alteração da relação de forças exigia o reforço da CDU: no distrito de Setúbal esse reforço concretizou-se com a eleição do quinto deputado da CDU.

Finalmente, e como corolário daquele objectivo, que o reforço da CDU contribuía de forma decisiva para impedir a maioria absoluta que o PS ambicionava: e isso foi bem patente em Setúbal, já que o novo deputado eleito pela CDU foi retirado ao PS, contribuindo directa e inofensivamente para impedir a sua maioria absoluta a nível nacional.

Essa eleição do quinto deputado significou, ainda, a vontade dos eleitores de uma viragem política à esquerda (reforçando a CDU) e de castigo de orientações governativas de direita e de penalização do distrito (reduzindo os eleitos do PS).



SMAS de Matosinhos em discussão

A Câmara Municipal de Matosinhos decidiu proceder à realização de um concurso público para a «concessão de exploração do serviço municipal de distribuição de água para consumo público, recolha, tratamento e rejeição de efluentes», pelo prazo mínimo de 25 anos.

Apesar de esta decisão ter de ser submetida à deliberação da Assembleia Municipal, a Comissão Concelhia de Matosinhos do PCP e os eleitos da CDU na Assembleia Municipal manifestaram desde logo a sua discordância face a uma medida que não só «contradiz a política» adoptada nos últimos anos como «ofende os interesses da população e põe em causa os direitos dos trabalhadores dos serviços».

Tendo em conta a defesa da qualidade de vida e da saúde pública, há longos anos que o PCP defende a distribuição de água e a recolha e tratamento dos esgotos como primeiras prioridades da Câmara Municipal.

O PS esteve durante muito tempo surdo a esta reclamação mas, há alguns anos, inverteu esta política para o que contou com o manifesto apoio da CDU. Assim, conforme se verifica no Plano de Actividades para 1999, Matosinhos abastece com água de qualidade quase 100% da população e tem uma rede de saneamento que serve cerca de 85% dos matosinhenses. O que quer dizer que o maior esforço em termos de investimento já foi feito, devendo a população de Matosinhos dele «usufruir em toda a sua plenitude».

Por outro lado, sabendo-se que os resultados de explora-

ção dos últimos quatro anos ascenderam a cerca de 3 milhões de contos, o PCP considera que esta acumulação de recursos deve continuar a fazer-se ao serviço da melhoria da qualidade de vida da população em vez de ir engrossar os lucros dos titulares da empresa beneficiária da concessão.

«Se algo está mal na gestão dos Serviços Municipalizados», dizem os comunistas, então «que se tenha a coragem política de mudar os gestores».

A Comissão Concelhia de Matosinhos do PCP e os eleitos da CDU na Assembleia Municipal manifestam, assim, a sua total oposição à proposta do Partido Socialista de privatização dos SMAS e, ao mesmo tempo, disponibilizam-se para discutir o futuro destes serviços, seja qual for o aspecto que se considere.



Eurodeputados comunistas apoiam agricultura familiar

Por iniciativa dos deputados do PCP no Parlamento Europeu, Ilda Figueiredo e Joaquim Miranda, foi aprovada uma alteração ao processo orçamental para o ano 2000, que visa a criação de uma nova linha orçamental no sentido de garantir medidas de apoio e informação específicas para a agricultura familiar.

Esta alteração, aprovada em 29 de Setembro na Comissão de Orçamentos, irá ser votada a 28 de Outubro, na segunda sessão plenária do Parlamento Europeu.

Segundo informação da Direcção da Organização Regional de Viana do Castelo do PCP, a linha orçamental vai contar com dois milhões de euros (cerca

de 400 mil contos), terá a duração de dois anos e servirá para financiar associações de agricultores que desenvolvam acções de informação, projectos e prestação de serviços em prol dos agricultores com explorações agrícolas de índole familiar.

O PCP considera que esta linha vai garantir visibilidade aos problemas da agricultura familiar que, constituindo o cerne do modelo agrícola da região, foi atingida nos últimos anos por duas reformas da PAC que aumentaram as injustiças na distribuição das ajudas e contribuíram para, no espaço de dez anos, o desaparecimento de 44 234 explorações agrícolas no Entre-Douro-e-Minho.

Açores PCP questiona Governo Regional

A representação parlamentar do PCP/Açores apresentou, no passado dia 6 de Outubro, na Assembleia Legislativa Regional, um requerimento que pretende saber se o Curso de Técnico de Gestão Agrícola, aprovado pelo Fundo Social Europeu para a Escola Básica Integrada Padre Maurício de Freitas das Flores, vai ou não ter início no ano lectivo de 1999-2000.

A candidatura, apresentada no âmbito do Programa de Formação e Inserção de

Jovens, para além da aprovação do FSE mereceu a aquiescência da Direcção Regional da Juventude, Emprego e Formação profissional, no sentido de vir a ser leccionado.

Entretanto, onze jovens mostraram-se interessados em frequentar o curso e, em 17 de Setembro último, apelaram ao Secretário Regional da Educação para que o mesmo tivesse início no corrente ano lectivo. Contudo, até 6 de Outubro, nem o curso teve início nem o Secretário Regional informou

os jovens sobre as suas intenções em relação ao único curso para Técnico Agrícola aprovado na Região pelo Fundo Social Europeu para este ano.

Nesta sequência, Paulo Valadão, deputado do PCP, requereu ao Governo Regional a informação urgente sobre se vai ser dado início ao curso e, em caso negativo, por que razões. No requerimento, o PCP pergunta ainda qual o orçamento previsto para a execução deste curso.

Em defesa do ambiente

O PCP está preocupado com as notícias vindas a público sobre a queima de alimentos contaminados com dioxinas na Sedil, em pleno Parque Natural da Arrábida.

Em nota à comunicação Social, a Direcção da Organização Regional de Setúbal considera que esta queima indicia que a co-incineradora para resíduos tóxicos prevista para a Arrábida

não está completamente afastada, podendo esta decisão querer testar a reacção das populações do concelho e do distrito.

Perguntando com que base e segundo que critérios autoriza o Ministério do Ambiente que em plena Serra da Arrábida se queimem estes resíduos, os comunistas chamam a atenção para estas iniciativas pseudo-isoladas e reclamam a garantia de que a

Central Incineradora não será localizada em Setúbal.

A DORS apela, assim, à mobilização das populações e das suas estruturas representativas em defesa do ambiente e da qualidade de vida, reafirmando que decisões como esta só deverão ser tomadas após debate nacional e com a participação das populações e das autarquias.

CAMARADAS FALECIDOS

Álvaro de Carvalho Cardoso

Faleceu recentemente o camarada Álvaro de Carvalho Cardoso, natural do Barreiro. Camarada muito dedicado, fazia parte da organização da Freguesia do Barreiro e foi eleito membro da Assembleia desta Freguesia. Apoiava também a distribuição da imprensa do Partido a nível do concelho. Era membro destacado da Comissão da URAP no Barreiro.

António Nicolau

Faleceu em Portimão, no dia 8 de Outubro, com 72 anos de idade, o camarada António Nicolau, reformado da construção civil. Membro do Partido desde muito antes do 25 de

Abril, esteve preso nas prisões fascistas.

Francisco Domingos

Faleceu no dia 6 de Outubro, com 54 anos de idade, o camarada Francisco Domingos, natural da freguesia de Mouriscas. Membro do PCP desde 1975, integrou as listas da FEPU em 1976, de 1979 a 1985 as listas da APU e de 1985 a 1997 as listas da CDU, pelas quais foi, em 1997, candidato à Câmara Municipal de Abrantes. Ao longo destes anos, foi eleito na Assembleia de Freguesia de Mouriscas e de S. João e na Assembleia Municipal de Abrantes. Foi membro da Direcção Regional de Santarém do PCP e era, actualmente, membro da Comissão Concelhia de Abrantes do PCP.

Homem de grande generosidade, dedicou grande parte da sua energia à luta pela defesa dos trabalhadores e da população do concelho de Abrantes.

Henrique Ferreira

Com 74 anos de idade, faleceu, no passado dia 30 de Setembro, o camarada Henrique Ferreira. Membro do Partido desde 1974, pertencia à freguesia de Vialonga. Foi o 1.º presidente da Junta de Freguesia eleito democraticamente após o 25 de Abril. Activista do Movimento Associativo, foi presidente da CURPIV, dirigente do Grupo Desportivo de Vialonga, da Comissão de Moradores de Alpiatre, do Concelho de Moradores, e sócio fundador da ABEIV, cujos órgãos sociais integrou.

Horácio Mota Leitão

Faleceu recentemente o camarada Horácio Leitão, professor reformado. Militante antifascista de longa data, teve os primeiros contactos com o Partido em 1935, através da «Liga Contra a Guerra». Preso no início dos anos 50, foi activista do MUD, do MND e participou em diversas campanhas eleitorais durante o fascismo. Após o 25 de Abril, integrou o Sector Intelectual de Coimbra do PCP.

Idalina Fernandes Almeida Matos

Faleceu no dia 4 de Outubro passado, com 68 anos de idade, vítima de doença pro-

longada, a camarada Idalina Fernandes Almeida Matos. Era uma militante activa na organização das Caldas da Rainha, quer nas iniciativas locais quer na Festa do «Avante!», tendo granjeado ao longo dos anos de actividade a amizade e estima de camaradas e amigos.

Joaquim José da Silva

Vítima de doença súbita, faleceu num hospital de Lisboa, no dia 1 de Outubro, o camarada Joaquim José da Silva, de 71 anos de idade. Natural de Mamede do Sotão, Grândola, estava organizado nos Reformados do Prior-Velho, onde era um camarada muito activo. Estimado por quantos o conheciam, o seu funeral, que se realizou na sua terra natal, constituiu

uma grande e sentida manifestação de pesar.

José Luís Guerreiro

Faleceu no dia 27 de Setembro, em Alvor, Portimão, com 56 anos, o camarada José Luís Guerreiro, comerciante. Membro do PCP desde 1974, integrava há muitos anos a Comissão Concelhia de Portimão. Militante muito dedicado, foi membro da 1.ª Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de Alvor, dirigente de uma Associação de Moradores e de outras estruturas associativas. O seu funeral constituiu uma profunda manifestação de pesar.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Professores protestam

Em Coimbra, o Sindicato dos Professores da Região centro acusou o Governo de ainda não ter cumprido a promessa de apresentar uma proposta de lei que preveja a atribuição de um subsídio aos docentes desempregados.

Numa resolução aprovada num plenário distrital, professores contratados e desempregados defenderam a negociação urgente da legislação relativa à atribuição do subsídio de desemprego e restantes proteções sociais aos docentes do ensino público nos períodos em que não estão ocupados. Esta medida foi prometida aos professores e educadores no dia 22 de Setembro, durante uma manifestação de docentes contratados promovida pela FENPROF.

A regulamentação do regime de incentivos à colocação em zonas isoladas e desfavorecidas, a revisão global da legislação de concursos e a criação de lugares nos quadros das escolas segundo critérios de natureza pedagógica, são outras medidas preconizadas na resolução.

CDU/Açores

Dia 2 de Outubro, José Decq Mota, coordenador do PCP/Açores e vereador da CDU na Câmara da Horta, reuniu, na Escola de Pedro Miguel, com várias dezenas de habitantes daquela freguesia, para discussão de questões ligadas à reconstrução.

A reunião realizou-se por iniciativa e a convite de uma comissão de cidadãos daquela freguesia e proporcionou um largo debate sobre a reconstrução.

Preocupa especialmente as populações questões que se prendem com a definição das novas zonas de expansão urbana e das zonas de construção condicionada, verificando-se haver um sentimento muito geral de revolta pelo facto de «tudo estar a ser planificado nas costas das populações».

Decq Mota defendeu que «a reconstrução tem que dar segurança mas respeitar, no maior grau possível, o tipo de povoamento existente e o modo de vida das populações» e comprometeu-se a lutar para que as populações sejam ouvidas e as suas opiniões respeitadas.

Na sequência desta reunião novos contactos terão lugar entre o vereador da CDU e a população daquela freguesia sinistrada.

População

O ritmo de crescimento da população residente em Portugal deverá sofrer um abrandamento em 1999, apesar do crescimento efectivo da população total, devido a ligeiras quebras nos saldos natural e migratório.

Estes dados constam das «Estimativas da População Residente» para 1999 agora divulgadas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE). O INE estima para 1999 uma taxa de crescimento efectivo da população total de cerca de 0,18 por cento (valor inferior ao registado em 1997 - 0,22 %), num ano em que as previsões indicam que a população residente no País atingirá os 9 997 520 indivíduos.

O aumento populacional resultou de valores positivos tanto do saldo natural (7120 indivíduos), como do saldo migratório (10 000), correspondendo a uma taxa de crescimento natural de 0,07 % e a uma taxa de crescimento migratório de 0,10 %.

Seixal acessível

Idosos e deficientes em cadeiras de rodas vão poder entrar em casa ou tomar banho mais facilmente, ao abrigo de um projecto concelhio que pretende eliminar barreiras arquitectónicas em residências particulares. *Seixal acessível* é um projecto implementado pela Cooperativa Nacional de Apoio ao Deficiente (CNAV) e a Câmara Municipal do Seixal e consiste no levantamento e posterior eliminação das barreiras arquitectónicas que impedem a mobilidade de deficientes motores ou idosos com dificuldades em andar dentro das suas próprias casas. Construção de rampas de acesso, colocação de apoios nas casas de banho, sinalização luminosa de escadas e portas mais largas, são algumas das obras a realizar pela CNAV, com o apoio financeiro da autarquia.

O projecto, cujo acordo de parceria será assinado no final do mês, surge no seguimento de outros programas, como o «Cidadãos de Pleno Direito», que se destina a eliminar as barreiras arquitectónicas nos edifícios camarários, e o «Seixal Incluir», que pretende promover a educação, o emprego, saúde e formação profissional de deficientes. Paralelamente, a Câmara do Seixal deverá ter pronto, em 2000, o regulamento municipal de acessibilidade nos edifícios.

Luís Miguel

Processo reaberto

Volvidos cinco anos sobre os protestos contra o aumento das portagens da Ponte 25 de Abril, realizou-se sexta-feira, em Almada, o debate instrutório do processo relativo ao jovem Luís Miguel Figueiredo, baleado pela PSP durante os incidentes.

Esta é a terceira vez que o processo - arquivado por duas vezes - é reaberto.

Luís Miguel ficou com as pernas paralisadas devido a um disparo alegadamente feito por um agente da PSP, que o atingiu na coluna vertebral, no dia 25 de Junho de 1994, durante um grande protesto popular contra os aumentos das portagens na Ponte 25 de Abril. Após um longo internamento no Hospital Garcia de Orta, em Almada, e um período de fisioterapia, Luís Miguel, contando com múltiplos apoios, deslocou-se à China, em 1997, onde durante um ano foi sujeito a técnicas de medicina oriental - no nosso país medicina alternativa - com resultados positivos.

Amália Rodrigues Na hora do adeus recordar uma vida

Horas depois da morte de Amália Rodrigues, a sua obra estava praticamente esgotada, no mercado. Um claro testemunho, também evidente na emocionada multidão que acompanhou o seu funeral, de como «a maior figura do fado português», como é em geral considerada, é apreciada no nosso país. Talvez saudade já de quem tão bem cantou esse sentimento.

Falecida dia 6 deste mês, com 79 anos, Amália é provavelmente a figura artística portuguesa mais conhecida no estrangeiro. Deixa um extenso legado de mais de 170 registos discográficos e de mais de uma dezena de filmes, bem como apresentações ao vivo em todo o mundo, de onde vieram as mais expressivas mensagens de sentimento.

Amália Rodrigues nasceu em Lisboa, filha de pais naturais da Beira Baixa radicados na capital. Educada pela avó, cantou pela primeira vez em público em 1929 numa festa da Escola Primária da Tapada da Ajuda, que frequentava, após o que trabalhou como bordadeira.

Em 1933, empregou-se numa fábrica de bolos e rebuçados em Lisboa e dois anos mais tarde, com a irmã, trabalha numa loja de *souvenirs* no Cais da Rocha, acompanhada pela mãe, vendedora de fruta.

Em 1935 desfilou na Marcha de Alcântara e cantou pela primeira vez acompanhada à guitarra numa festa de beneficência. Estreou-se em 1939 no retiro da Severa, interpretando três fados.

A sua estreia no estrangeiro, a 7 de Fevereiro de 1943, ocorreu em Madrid. Em Setembro do ano seguinte viajou pela primeira vez para o Brasil onde o sucesso registado levou a prolongar a estada de seis semanas para três meses.

Amália Rodrigues gravou os primeiros discos em Outubro de 1945 no Brasil. Em 1951 gravou pela primeira vez em Portugal. É

de 1954 o seu primeiro álbum de sempre, «Amália Rodrigues Sings Fado From Portugal And Flamenco From Spain», publicado nos Estados Unidos.

Em 1962 foi editado o álbum «Amália Rodrigues», mais conhe-



Carlos Carvalho e outros dirigentes do PCP, estiveram presentes nas cerimónias fúnebres



Uma imensa multidão participou no funeral de Amália Rodrigues, em que marcaram presença as mais diversas personalidades, nomeadamente o Presidente da República

Vinho do Porto em acordo de última hora

«Seria positivo que a África do Sul desse passos para resolver a situação abusiva e ilegal» com que utiliza a denominação de origem *Porto*, disse Ilda Figueiredo, deputada comunista no Parlamento Europeu, justificando o voto de abstenção.

Uma situação agora superada, mas que chegou a colocar em risco o acordo comercial entre a África do Sul e União Europeia, assinado em Pretória esta segunda-feira.

Na sua declaração de voto, Ilda Figueiredo, sublinhando embora «a necessária solidariedade com os países em vias de desenvolvimento», chama a atenção para algumas consequências económicas e sociais do acordo, nomeadamente a «eliminação dos direitos aduaneiros sobre produtos sensíveis para Portugal, tais como matérias têxteis e vestuário», de par da questão específica dos vinhos e bebidas espirituosas.

Entretanto - e após um compromisso de última hora segundo o qual o acordo de vinhos e bebidas espirituosas (um apêndice ao acordo global) será concluído até ao fim do mês pelas duas partes - o acordo foi assinado por responsáveis sul-africanos e europeus, na presença do presidente Thabo Mbeki.

Abrangendo 200 páginas e respeitando mais de dez mil produtos, o acordo define ainda modalidades de cooperação em matéria de concorrência, de critérios industriais e de ajuda europeia à África do Sul.

cido como «Busto» ou «Asas fechadas», o primeiro pensado como tal e também o primeiro com música de Alain Oulman.

No início de 1970, Amália Rodrigues recebeu em Paris a condecoração de Cavaleiro da Ordem das Artes e Letras e é editado o álbum «Com Que Voz», um dos seus mais aclamados. Trata-se de um álbum orientado por Alain Oulman e David Mourão-Ferreira pelo qual Amália recebeu o IX Prémio da Crítica Discográfica Italiana, o Grande Prémio da Cidade de Paris e o Grande Prémio do Disco de Paris.

Depois do 25 de Abril edita em *single*, no dia 24 de Maio, «Meu

Amor é Marinheiro», com capa alusiva à revolução, após o que se sucede «Trova do Vento que Passa».

Em Julho do mesmo ano, edita mais dois *singles* com repertório de algum modo relacionado com o 25 de Abril, «Fado Peniche», que fora um fado polémico nos tempos da censura, e «Grândola Vila Morena», numa versão inédita gravada muito antes da escolha da canção para senha da revolução.

Em 19 de Abril de 1985 Amália deu o seu primeiro concerto a solo em Portugal, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa. Pouco tempo depois foi editada a dupla colectânea de êxitos «Estranha Forma de Vida» e foi eondecorada pelo ministro francês da Cultura Jack Lang com a Ordem das Artes e das Letras de França.

O primeiro CD de Amália, «Sucessos», foi publicado em Outubro de 1987. Na década de 90, continua a edição em CD da sua discografia.

«Segredos» - o último álbum de Amália - foi editado em Dezembro de 1997, com um conjunto de gravações inéditas realizadas entre 1965 e 1975.

No total, Amália Rodrigues deixou-nos entre 450 e 500 canções gravadas, praticamente todas editadas.

Concurso de Fotografia

O Secretariado da Comissão Nacional do Ensino Superior da JCP informa que, devido a problemas de organização, não é possível publicar os resultados do Concurso de Fotografia do Espaço da Juventude da

Festa do «Avante!» 99, ficando a publicação dos mesmos adiada para a edição do jornal «Avante!» de dia 4 de Novembro.

Um adiamento pelo qual a direcção dos jovens comunistas pede desculpa.

TRABALHADORES

Corticeiros do Montijo em luta Patrão afronta a lei impunemente

Os trabalhadores da unidade do Montijo do grupo corticeiro José Valério estão em luta contra despedimentos, salários em atraso e arbitrariedades impunemente cometidas pela entidade patronal.

O filme não se diferencia muito dos que têm sido rodados noutras empresas, espalhadas de Norte a Sul do País, em que surge, quase sempre, em primeiro plano, um patrão, com a ostensiva arrogância que lhe é permitida pela conivência do Governo e de quem tem por obrigação fazer cumprir as leis. A história é simples, mas não deixa de ser revoltante.

Nos finais do mês de Agosto, o patrão José Valério, argumentando falsamente com a escassez de encomendas, apresentou aos operários uma proposta que o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Corticeira do Sul rotula de vergonhosa: desvinculação com 50 por cento das devidas indemnizações, férias e outros direitos, a pagar em 6 prestações mensais, ressaltando, porém, que só garantia a entrega da primeira prestação. Caso

os trabalhadores não aceitassem esta filantropia patronal, «não levam nada» - ameaçou ainda.

Ora, os corticeiros sabem que a empresa tem uma boa carteira de encomendas, até porque a qualidade da produção - revestimentos para chão e paredes, essencialmente - é da melhor que se encontra no País. Aliás, a Inspeção do Trabalho já passou por esta fábrica e fez um levantamento de várias irregularidades. Só que, como acontece em tantos e tantos casos, ninguém conhece até hoje se vai ou como vai actuar.

Entretanto, segundo o sindicato, alguns trabalhadores, «submetidos a grande pressão», viram-se obrigados a aceitar a referida proposta, «metendo assim mais uns milhões nos bolsos do sr. José Valério». Outros, sublinha Luís Guerreiro, daquela estrutura sectorial da CGTP, continuam a resistir, «exigindo

trabalho e os salários que têm em atraso, ou as indemnizações consagradas na lei».

Atropelos

Os trabalhadores estão indignados com a arrogância do patrão, que até chegou a atirar com o seu Mercedes para cima de uma equipa de reportagem de uma estação de TV. «Nós não precisamos da presença da GNR, porque não somos arruaceiros, somos humildes, e se alguém precisa da autoridade é o sr. Valério, uma autoridade que o obrigue a respeitar a lei» - dizem os trabalhadores. «Vamos lutar com as nossas armas, que são o diálogo sem medo, porque temos a razão do nosso lado. Vamos lutar até ao pagamento integral dos salários em atraso!»

Já antes, um grupo de trabalhadores da empresa, num comunicado muito duro e frontal, perguntava ao sr. Valério: «Quem julga que nós somos? Os seus preservativos?» É que

- reflectem eles - o patrão usou-os «com toda a segurança», tirou um «imenso prazer com os subsídios da UE que recebeu» e depois, «plenamente satisfeito e com os bolsos cheios», atirou-os para a «sanita como coisa inútil».

Os corticeiros sabem-se pobres, mas honestos e trabalhadores. Querem um «diálogo honesto e sem rasteiras» e exigem aquilo a que têm direito: dois meses de pré-aviso, vencimento de Setembro, o equivalente a um mês de salário por cada ano de trabalho na empresa e o fundo de desemprego. «É tudo quanto queremos, nem mais nem menos! E é por isso que vamos lutar até ao fim. Os nossos filhos merecem-no!»

Soubemos há dias, pela Imprensa, que vários patrões espanhóis tinham sido presos por desrespeitarem flagrantemente os contratos que haviam assinado com os trabalhadores. Por vezes, até a Espanha de Aznar nos parece tão longe!

■ José Augusto

Reduzir horários para os motoristas

Reduzir o horário de trabalho, «porque a fadiga mata», foi a principal exigência da Festru/CGTP que, em conjunto com sindicatos espanhóis, levou a cabo na semana passada, em Vilar Formoso, uma acção integrada na jornada internacional contra o excesso de tempo de trabalho dos trabalhadores dos transportes rodoviários. Numa conferência de imprensa conjunta com sindicalistas espanhóis, Amável Alves, dirigente da federação, disse que os motoristas portugueses trabalham hoje mais horas do que há três ou quatro anos e viram a sua situação agravar-se.

A jornada foi lançada pela Federação Internacional dos Trabalhadores de Transportes (ITF) e pela Federação Europeia dos Trabalhadores dos Transportes (ETF).

Entre as razões para esta iniciativa sindical, a Festru apontou o facto de os trabalhadores do sector estarem excluídos do âmbito de aplicação da regulamentação europeia sobre organização do tempo de trabalho. Também não têm regulamentação específica, para além de um regulamento (3820/85), que é aplicável apenas a parte dos motoristas e apenas no que toca aos tempos de condução e repouso, e que tem sido de difícil fiscalização.

«Os motoristas e outros trabalhadores dos transportes rodoviários são sistematicamente sujeitos a um número excessivo de horas de trabalho, à irregularidade dos horários e a um importante peso, para muitos, de trabalho nocturno», diz a federação, na informação que distribuiu à imprensa acerca da jornada de 5 de Outubro. Aquelas condições, salienta a Festru, têm «inquestionáveis e graves consequências para a sua saúde e segurança, e para a segurança rodoviária, onde se contam sérios riscos para os restantes utentes da estrada, para além dos prejuízos às respectivas vidas familiares».

Administração Local prometeu «castigo»

Uma «Carta de Protesto» com milhares de assinaturas de trabalhadores das autarquias foi entregue quinta-feira passada na residência oficial do primeiro-ministro por dirigentes sindicais do sector.

O abaixo-assinado, que foi igualmente entregue, na sexta-feira, no Governo Civil do Porto com assinaturas recolhidas nas autarquias do Norte, acusa António Guterres de não ter cumprido, no mandato que agora termina, as promessas que fez aos trabalhadores da Administração Local, que são mais de cem mil.

Numa alusão à forma como esses trabalhadores iriam votar no domingo, o documento elaborado pelo Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local e pelo Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa recorda que «quem não cumpre tem castigo».

Em declarações à Agência Lusa, o dirigente sindical José Manuel Marques disse que os trabalhadores pretendem, basicamente, recuperar o poder de compra perdido nos últimos quatro anos, já que os seus aumentos foram absorvidos pela inflação. Assim, reclamam um aumento intercalar mínimo de cinco contos e a regulamentação imediata do suplemento de risco e insalubridade, que devia ter entrado em vigor há três anos.

Por outro lado, a diferença



Negada a maioria absoluta a António Guterres e Jorge Coelho, os trabalhadores vão prosseguir a luta (foto de arquivo)

entre o índice 100 - salário mínimo da Administração Pública - e o salário mínimo nacional, em vez de diminuir, continuou a aumentar, tendo passado de 3,5 por cento em 1995 para os actuais 7,6 por cento. Os sindicatos exigem que essa diferença seja eliminada, ainda que de forma faseada.

Finalmente, os trabalhadores das autarquias pretendem que seja uniformizado para três anos o tempo de permanência em cada escalão da carreira, medida que a própria Assembleia da República já contemplou numa

autorização legislativa que deu ao Governo.

Matosinhos

A greve de sexta-feira nos Serviços Municipalizados de Matosinhos registou uma adesão de 75 por cento, de acordo com o STAL. João Avelino, dirigente do sindicato, disse à Lusa que «alguns sectores encerraram e o atendimento esteve a 50 por cento», tendo vários dos 204 trabalhadores dos SMM feito greve pela primeira vez na sua vida.

Uma delegação de trabalhadores foi recebida pelo governa-

dor civil do Porto, Carlos Barral, que se comprometeu a transmitir ao presidente da Assembleia Municipal de Matosinhos, Soares de Oliveira, as preocupações que lhe foram manifestadas.

Os trabalhadores contestam a concessão a privados, por 25 anos, da gestão dos SMM, decidida pela Câmara de Matosinhos e que terá de ser ratificada pela Assembleia Municipal. O STAL considera que, «tendo em conta a experiência de outros municípios, se corre o risco de socialização dos custos e da privatização dos lucros, característica indissociável da lógica privada».

Trabalhadores do Atlantis aceitaram acordo

Os trabalhadores do hotel Atlantis, que vai ser demolido devido à ampliação do aeroporto da Madeira, decidiram aceitar o acordo global proposto pelo Governo da República para rescisão dos contratos laborais.

Leonel Nunes, dirigente do sindicato da Hotelaria, manifestou à Lusa, na semana passada, o «desagrado» dos trabalhadores pela «insensibilidade» dos técnicos da secretaria de Estado do Turismo em relação à situação de alguns trabalhadores e à intransigência em majorar algumas das indemnizações.

Embora pretenda insistir nestes casos, Leonel Nunes declarou não haver muita esperança na mudança de atitude do Governo, que já fez saber que «nem mais um tostão para o Atlantis».

O hotel Atlantis será demolido devido às obras de ampliação do aeroporto da ilha Madeira, uma situação que afectou cerca de 200 trabalhadores da unidade hoteleira que, após um processo que se arrasta há aproximadamente quatro anos, serão agora indemnizados na sequência da rescisão dos contratos laborais. O dirigente sindical referiu que, no decorrer da corrente semana, técnicos daquele departamento do Governo central deverão deslocar-se à Região para definir os valores finais a atribuir a cada trabalhador do Atlantis.

Fora deste processo ficaram as três dezenas de trabalhadores do complexo turístico da Matur que decidiram despedir-se da Grão Pará, alegando justa causa, pois não recebem salários há cerca de um ano, anunciou também Leonel Nunes.

TRABALHADORES

Já há trabalho não pago De que cortes são feitos os lucros da Telecom

O Sindicato das Telecomunicações e Audiovisual diz que não tem meios para confirmar se são reais os mais de 40 milhões de contos de lucros da PT, no primeiro semestre de 1999, anunciados por Murteira Nabo, mas denuncia alguns factos sobre a forma como poderão ter sido obtidos.

No comunicado que distribuiu na semana passada aos trabalhadores, o Sinttav/CGTP responde a declarações do presidente do conselho de administração da Portugal Telecom, referindo que teve conhecimento do seu conteúdo através da comunicação social e começando por notar que «Murteira Nabo fala na PT virtual, ignora a PT real» - «aquela onde estão os trabalhadores, que vivem cada vez mais desmotivados, aquela que, para enfrentar a concorrência, presta cada vez pior serviço aos clientes».

Para reduzir as despesas, diz o sindicato, a PT estabeleceu que a limpeza passará a ser feita de dois em dois dias, nas instalações onde os funcionários se encontram permanentemente, e encontram permanentemente, e encontram permanentemente, e encontram permanentemente. A passagem «de limpeza a imundície» é agravada pelo facto de a Telecom ter rescindido o contrato «com todas as empresas que vinham fazendo este serviço, e abriu um concurso nacional, ao qual agora não sabe que fazer», acusa o Sinttav.

A conservação da rede telefónica, «embora sendo uma medida das mais lucrativas a prazo, não o é no imediato» e «deixou de ser feita», provocando «situações inacreditáveis». O sindicato conta, por exemplo, que a empresa ignorou o pedido de um cliente para mudança de um cabo, porque ia ser construída uma casa, pelo que «o homem construiu a casa com o cabo por

dentro da mesma». Existem postes partidos «há anos, com os cabos telefónicos no chão, sem serem reparados, porque os responsáveis dizem que não há dinheiro para a conservação». Vêm-se «caixas de distribuição penduradas pelas paredes, sem a devida fixação, abertas», e «na época balnear, havia cabos telefónicos estendidos pelas areias das praias». Também há «edifícios onde já não existe contrato de manutenção dos equipamentos de ar condicionado, os filtros não são limpos há anos».

O sindicato denuncia ainda a situação nas lojas da PT, cuja exploração poderá já ter sido cedida ao grupo Jerónimo Mar-

tins, e onde «os trabalhadores são obrigados a fazer horas suplementares nos dias de semana e aos sábados, sem serem pagas».

Face a uma política da administração que terá decidido «vender todos os edifícios onde não existem centrais de telecomunicações, o sindicato admite também que «decerto, uma boa parte dos lucros anunciados foi obtida à custa da venda de imóveis».

A equipa de Murteira Nabo prepara-se ainda, diz o Sinttav, para entregar a empresas privadas a exploração de todos os bares que servem o pessoal da PT, «como um primeiro passo para depois acabar com todos eles».



As condições de trabalho e a qualidade do serviço perdem a favor dos resultados financeiros (foto de arquivo)

Metalúrgicos denunciam manobra da CIP

A Confederação da Indústria Portuguesa tentou, «nas costas dos trabalhadores, influenciar o poder político, em altura de eleições», acusou na semana passada o Sindicato dos Metalúrgicos do Norte.

A posição dos corpos gerentes do sindicato foi tomada na sequência de contactos da CIP com o PS, PSD e o PP, para lhes apresentar as propostas que a estrutura patronal «pretende ver assumidas na próxima legislatura».

O sindicato acusa a CIP de pretender importantes alterações legislativas, designadamente:

- passar para 4 anos a validade dos contratos a termo, com possibilidade de 3 renovações, com prorrogação excepcional de mais dois anos (em 2000 e 2001) e retirando ao trabalhador o direito a indemnização no final do contrato;

- consagrar, na lei dos despedimentos, a inaptidão do trabalhador como justa causa de despedimento; instaurar a caducidade automática dos contratos quando os trabalhadores atingem 65 anos; atribuir ao Estado a responsabilidade de compensar nas indemnizações aos tra-

balhadores, em caso de despedimento; agravar o dever do trabalhador de indemnizar a empresa, quando se despede sem aviso prévio;

- consagrar em lei o princípio da polivalência de funções;

- excluir as pausas na contagem do tempo efectivo de trabalho;

- condicionar à assiduidade o direito a férias e o respectivo subsídio;

- reduzir o número de faltas que podem ser justificadas e,

mesmo essas, deixar de as pagar;

- na contratação colectiva, instituir a caducidade, ao fim de 4 anos, das convenções que estejam sem revisão, com prevalência dos contratos posteriores em relação aos antigos, o que acabaria com as negociações entre associações patronais e sindicais.

Para o sindicato, «propor estas alterações, significativamente prejudiciais aos trabalhadores, numa altura de eleições

que terão como resultado a formação de um novo governo, é uma forma de querer influenciar o poder político, a nível dos apoios que são procurados». No comunicado, de 6 de Outubro, comenta-se que «não é por acaso que a CIP apenas consultou 3 partidos com assento na AR, caracterizados pela sua unidade em torno de uma política económica e financeira que privilegia os detentores dos monopólios económicos».

Schindler-Efacec despede

A Schindler-Efacec consumou o despedimento colectivo de três trabalhadores com 30 anos de casa, depois de ter acordado rescisões «amigáveis» com outros 15.

Em comunicado, o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas do Norte considerou «injusta e injustificada» esta decisão. «Dado este residual de trabalhadores, fácil seria a Schindler-Efacec encontrar uma solução para aqueles três trabalhadores, que passaria sempre pela sua continuidade na empresa», considera o STIEN/CGTP-IN.

O sindicato, no documento citado pela Lusa, acusa a Schindler de não ter cumprido a sua pala-

vra, «enganando tudo e todos», ao despedir estes três trabalhadores depois de ter garantido, em 28 de Maio, que a reestruturação que iria empreender não envolveria despedimentos colectivos. «Para a Efacec contaram mais os milhões que lucraram com o negócio da venda dos elevadores à Schindler do que o acompanhamento social dos seus trabalhadores que transitaram para a Schindler em resultado dessa negociata», lê-se no comunicado.

A Schindler tem ao seu serviço, em Portugal, mais de 900 trabalhadores e a Schindler-Efacec possui mais 435, tendo esta empresa justificado o despedimento colectivo com o facto de ter cessado a fabricação de elevadores no País.

Seguros vão a votos na próxima quinta-feira

«A situação a que chegou o nosso sindicato comprova claramente que está esgotada a opção feita nos últimos actos eleitorais, bem como se encontra testada a incapacidade do modelo sindical preconizado e praticado nos últimos 15 anos», pelo que «chegou a hora de mudar» - defende a tendência «Um sindicato de todos e para todos», no manifesto em que apela ao voto na Lista B, para os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores de Seguros do Sul e Regiões Autónomas, nas eleições marcadas para dia 21 de Outubro.

A pretendida mudança é concretizada em dez pontos, salientando a candidatura que «o sindicato começa nas empresas» e que, «por esse motivo e contrariamente ao que tem sido a prática sindical desde 1976, a nossa acção desenrolar-se-á, fundamentalmente, nos locais de trabalho, acompanhando os trabalhadores nos seus anseios e reivindicações, procurando com eles defender adequadamente os seus direitos e interesses».

psicológico» e ainda o receio do desemprego, que pressionam os trabalhadores a aceitarem o arbítrio patronal;

- incremento da contratação com vínculos precários, até para funções de elevado índice técnico e atingindo, sobretudo, jovens;

- a «satelitização» de serviços e funções da actividade seguradora, com prejuízo para os trabalhadores.

Merece uma referência especial a «grande deterioração» dos salários, afirmando a tendência «Um sindicato de todos e para todos» que «a política seguida, de actualizar as tabelas salariais segundo o critério simplista da inflação, é um embuste». No comunicado são apontados exemplos de perdas de poder de compra dos salários, superiores a 40 por cento, apenas relativamente à inflação verificada nas últimas duas décadas.

Perante tão forte ofensiva, «a Direcção do nosso sindicato não fez rigorosamente nada», «foi cúmplice da acção do patronato» e «deve, por isso, ser responsabilizada».

STSSRA
vota B

um sindicato de todos e para todos Nº. 1

PRECISAMOS DE UM SINDICATO QUE NOS DEFENDA

VOTA B

A principal motivação que leva um trabalhador a sindicalizar-se e a manter-se sindicalizado é resultado da intervenção do Sindicato na melhoria das suas condições de vida e de trabalho, na aplicação e alargamento de direitos, na prestação de apoio individual e colectivo aos trabalhadores.

Mas para que a intervenção sindical se produza e seja eficaz, é necessário garantir, em cada momento, a participação activa dos trabalhadores e o seu poder de decisão em todas as grandes questões da vida associativa se sintam como parte integrante.

Entendemos, por isso, que o desenvolvimento do Sindicato e o seu prestígio passa inevitavelmente pelo reforço da sua capacidade de intervenção. Por outro lado, consideramos a unidade dos trabalhadores e do movimento sindical como princípio estratégico da acção sindical a nível nacional e internacional.

Porém, a unidade não se defende nem se reforça com compromissos ou cedências que ponham em causa os princípios sindicais. A unidade defende-se e reforça-se

- na permanente acção contra os actos governamentais e patronais lesivos dos interesses e direitos dos trabalhadores;
- na manutenção e reforço dos direitos sociais, directos e indirectos dos trabalhadores e da população;
- no reforço da organização e acção sindical, a nível da empresa e dos locais de trabalho;
- no combate firme contra todas as limitações à liberdade de organização e aos direitos de acção sindical nos locais de trabalho.

Reagir à ofensiva

No sector de seguros, afirma a tendência, «aprofunda-se a ofensiva» contra os trabalhadores e os seus direitos, no quadro de «uma política maximalista patronal e governamental, que visa fundamentalmente o lucro à custa da sobre-exploração de quem trabalha». No comunicado em que anunciou o lançamento da candidatura, refere alguns dos mais graves fenómenos que dão corpo a tal ofensiva:

- reformas compulsivas, despedimentos mascarados de «rescisões amigáveis», transferências sem controlo, processos disciplinares - práticas que têm levado à saída de milhares de trabalhadores e às consequentes deficiências técnicas que já se registam;

- trabalho extraordinário não remunerado, perda de regalias, um clima de «terror

A tendência promotora da Lista B acusa ainda os actuais dirigentes do STSSRA de, na proposta de revisão contratual, «proporem» ao patronato a eliminação da definição de funções, depois de terem destruído as pensões complementares de reforma (que deixaram de ser um direito dos novos trabalhadores e diminuíram substancialmente para os restantes) e de terem permitido que, ilegalmente, seja recusada aos mediadores a constituição das suas carteiras de seguros.

Embora «muitos colegas, cada vez mais abandonados à sua sorte nos conflitos constantes com as entidades patronais, através de uma fase de desânimo», a tendência afirma que «a hora não é de desânimo», mas sim de «mudança com frontalidade e decisão», elegendo no dia 21 «uma direcção sindical não comprometida com as associações patronais nem com o aparelho governamental».

TIMOR

Timor Lorosae

Reconstruir a partir de *abaixo de zero*

A chegada da época das chuvas poderá agravar ainda a difícil situação que se vive em Timor-Leste. Um factor mais a considerar num país devastado, onde uma boa parte da população se encontra doente e subalimentada, o regresso dos refugiados é um processo difícil que se deverá arrastar ao longo de meses, e as provocações e ameaças por parte das forças indonésias são ainda uma realidade. Neste quadro, entretanto, o futuro prepara-se e a confiança frutifica.

Uma parcela importante do futuro imediato de Timor Lorosae tem vindo a passar, estes dias, por Melbourne e Jacarta.

Da capital indonésia vêm, sobretudo, mais ameaças. Os incidentes de domingo, entre militares indonésios e a Interfet, agudizaram uma situação de confronto. São óbvias as tentativas de o utilizar para criar novos obstáculos a uma pacificação e normalização da vida no território timorense. Assim, deputados indonésios apelaram ao governo para que apresente protestos formais junto das Nações Unidas e dirigiram-se mesmo às TNI (forças armadas indonésias) para «não hesitarem» em disparar contra as tropas da Interfet, sugerindo que os soldados internacionais terão entrado em Timor Ocidental.

O ministro da Defesa e chefe das forças armadas indonésias, general Wiranto, deslocou-se entretanto a Timor Ocidental, para «dar apoio moral às suas tropas» nestes dias reforçadas. E justificou, com um espantoso argumento - «desde o princípio que sempre tentamos construir a paz e não a guerra».

O incidente foi mesmo aproveitado para alimentar mais dúvidas quanto à data em que a recentemente formada assembleia nacional indonésia tenciona debater a ratificação dos resultados do referendo timorense, abrindo caminho à anulação do decreto que anexa Timor-Leste como a 27.ª província indonésia.

Tudo isto muito embora o próprio comandante militar indonésio no local ter reconhecido terem sido agentes de segurança do regime de Jacarta os primeiros a disparar. O que é inequivocamente confirmado por imagens então recolhidas por soldados australianos.

O incidente de domingo é o terceiro desde que a Interfet montou uma base na zona de fronteira, e durante os quais três milícias foram mortos, seis outros feridos e dois soldados australianos igualmente feridos.

De sublinhar que, apesar da presença da Interfet, soldados indonésios continuam estacionados em Timor-Leste, ainda que limitados aos seus quartéis e a alguns edifícios, incluindo a sede da empresa de telecomunicações, a Telkom, e a empresa eléctrica.

Os soldados têm impedido os técnicos da Unamet e da Interfet de entrarem nesses locais, para tentarem restaurar os serviços de telecomunicações e parte dos serviços eléctricos para a cidade de Díli.

Sinais de esperança

É de reconstrução e de recuperação que hoje se trata. A partir do «abaixo de zero», segundo a expressão utilizada por Xanana Gusmão.

Em Melbourne, na Austrália, o dirigente timorense foi aclamado por milhares de pessoas, que o ouviram prometer que a futura República de Timor Lorosae «nascerá em breve das cinzas da nossa devastada terra natal».

Falando durante um encontro com homens de negócios, sindicalistas e jornalistas, Xanana Gusmão disse que Timor-Leste «poderá muito bem ser a primeira nova nação do século XXI», depois de ter «esperado demasiado tempo para nascer».

Mas para isso acontecer, sublinhou o presidente do Conselho Nacional da resistência Timorense (CNRT), os timorenses necessitam da ajuda da comunidade internacional para garantir a segurança no território e o regresso de milhares de pessoas dos «campos de concentração» do lado ocidental de Timor.

Os timorenses necessitam de «comida, medicamentos, roupas e abrigos», disse Xanana, sublinhando que o governo indonésio tem de colaborar com a ONU no desarmamento das milícias e «libertar os reféns em Timor Ocidental». Além disso, salientou ainda, os timorenses precisam dos meios necessários para



Solidariedade em Timor mobilizou milhares de pessoas por todo o país

reconstruir a sociedade civil e o país em si, porque as cidades e vilas foram queimadas e o povo perdeu os seus haveres.

«As qualidades de resistência, coragem e disciplina do nosso povo não são suficientes para a nossa nação ser próspera», notou Xanana Gusmão, referindo que o «desenvolvimento sustentado a longo prazo» exige uma «boa governação» e investimentos.

Nesta difícil fase de transição, a urgência está em tentar salvar as vidas ameaçadas pela fome, pelas doenças, pelas possíveis epidemias que as chuvas poderão agora causar, pelo cativo nos campos de Timor Ocidental.

No terreno, vão-se tentando construir as respostas. As agências médicas não governamentais estão a preparar planos de contingência alargados para combater possíveis epidemias. Organizações como a OMS (Organização Mundial de Saúde) apostam na recomposição das infra-estruturas médicas e hospitalares e infra-estruturas básicas «para não agravar as condições de saneamento e de higiene». As equipas médicas da missão portuguesa têm vindo a atender, em Díli, uma média de 200 pessoas por dia. A CARE, organização humanitária internacional, tem vindo a distribuir abrigos para a chuva, devendo seguir-se, nas semanas seguintes, a distribuição de materiais de construção para auxiliar as populações na reconstrução das suas habitações.

Sexta-feira passada começou o plano de repatriamento do ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. Um trabalho que se deverá prolongar por vários meses, para

que os cerca de 250 mil timorenses deslocados na região fronteira de Timor-Ocidental regressem a Timor Lorosae. Acção que se desenvolve em circunstâncias particularmente difíceis, pois nestes campos as milícias anti-independentistas continuam a circular impunemente.

Neste próximo sábado, em Darwin, irão reunir-se as cúpulas do CNRT. Estarão em discussão, para além da estrutura do Conselho da Resistência face ao novo estatuto do território, a preparação da futura administração e debates sectoriais sobre as principais questões do futuro país.

Num país hoje em ruínas, é o futuro de Timor-Leste que está em construção.

Quinze de acordo sobre ajuda suplementar

Os quinze chegaram a acordo, esta segunda-feira, no Luxemburgo, sobre o mecanismo que vai levar à aprovação de um apoio suplementar à Unamet (missão de assistência das Nações Unidas) de 1,4 milhões de contos.

Esta verba corresponde a 20 por cento do montante pedido pelas nações Unidas, para cobrir o prolongamento do mandato da Unamet até 30 de Novembro.

O dinheiro será utilizado pela Unamet, sobretudo na fase inicial da criação de uma administração civil de Timor-Leste.

No texto das conclusões da reunião, «o Conselho de Ministros dos Quinze instou o parlamento indonésio a cumprir as obrigações decorrentes do acordo celebrado em 5 de Maio de 1999 entre a Indonésia e Portugal e a respeitar a vontade expressa pelo povo Leste-timorense na consulta popular de 30 de Agosto, a fim de que a Indonésia desfaça formalmente os seus laços com Timor-Leste».

Os responsáveis pela diplomacia da UE pedem também às autoridades de Jacarta que cooperem com as organizações de ajuda humanitária internacionais na transferência para Timor-Leste de todos os refugiados e deslocados timorenses que se encontram espalhados pela Indonésia e sobretudo na parte ocidental da ilha.

O Conselho de Ministros adoptou ainda formalmente, e sem debate, um regulamento comunitário, já aprovado politicamente em 16 de Setembro, que proíbe durante seis meses o fornecimento à Indonésia de equipamento susceptível de ser utilizado na repressão interna ou terrorismo.

Entretanto, em Bratislava, a Federação Europeia dos Partidos Verdes aprovou, por unanimidade, uma moção apresentada pelo Partido Ecologista «Os Verdes». Por proposta deste movimento ecologista português, os membros da Federação acordaram, nomeadamente, em promover uma campanha com vista a ajudar a reconstrução do território de Timor-Leste.



Resistência timorense em reunião da ACP/UE

O reconhecimento do futuro Estado de Timor-Leste e a criação de um tribunal internacional para os crimes cometidos no território, estiveram esta semana em debate entre os oitenta e seis países participantes na 29.ª reunião da Assembleia Paritária ACP/UE, que hoje termina em Nassau, nas Bahamas.

Ao debate e consequente aprovação da declaração final assistiu uma delegação da resistência timorense, presente na Assembleia Paritária na sequência de um pedido feito pelo eurodeputado comunista Joaquim Miranda ao co-presidente deste fórum.

Ao longo de quatro dias, os participantes da Assembleia Paritária ACP/UE, que reúne deputados do Parlamento Europeu e parlamentares de países de África, Caraíbas e Pacífico, puderam apreciar o documento resultante das cinco propostas de resolução preparadas pelos diferentes grupos políticos representados no PE.

Para além do reconhecimento e do consequente «rápido estabelecimento» de relações diplomáticas com o futuro Estado de Timor-Leste, os membros da Assembleia ACP/UE propuseram a rápida adesão do novo

país à Convenção de Lomé e a previsão dos «meios orçamentais necessários» para, em estreita colaboração com o Conselho Nacional de Resistência Timorense (CNRT), proceder à «reabilitação e reconstrução» do território.

Paralelamente, a declaração final sublinha a necessidade de «garantir imediatamente» o regresso dos refugiados em Timor Ocidental e insiste na urgência de acelerar e tornar mais eficaz a distribuição de ajuda humanitária, por forma a que possa chegar a toda a população de Timor-Leste.

Livro dedicado a Timor na feira de Frankfurt

Um livro dedicado a Timor-Leste com poemas de autores portugueses foi apresentado em Frankfurt, terça-feira, véspera da abertura da Feira do Livro.

«Timor - O dever de falar», é o título deste livro, uma iniciativa da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL), e destina-se a ser vendido essencialmente em Portugal. O resultado das vendas dos cinco mil exemplares impressos reverterá a favor da reconstrução do território.

A obra, que tem um texto introdutório da autoria do Presidente da República, Jorge Sampaio,

inclui poemas de José Agostinho Batista, Sofia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade, Nuno Júdice, Jorge Lauten, José Tolentino Mendonça, Fernando Passos, José Cardoso Pires e António Manuel Couto Viana.

Na Feira do Livro de Frankfurt, que decorre até 18 de Outubro, Portugal estará representado num pavilhão de 400 metros quadrados e, dentro dele, Timor-Leste terá uma área própria decorada com artesanato típico, onde estarão disponíveis livros sobre o território.

INTERNACIONAL

■ Sérgio Ribeiro

O «perdão» da dívida

Farisaísmo, hipocrisia, cinismo

Bill Clinton anunciou, com pompa, circunstância e grande impacto mediático, que os Estados Unidos iriam perdoar a totalidade das dívidas de 36 países dos ditos pobres e muito endividados.

Com C de cínicos se escreve Clinton e outros nomes e apelidos que pela letra C começam. Além de capitalismo, claro.

Face à dimensão do problema da dívida – a que já houve quem chamasse bomba ao retardador – e à pressão da chamada opinião pública, expressa por ONGs, mas também por partidos políticos, há anos que se debate a redução e, até, a anulação das dívidas dos «países pobres».

Pois, a abrir a assembleia anual do FMI/Banco Mundial (BM), encerrada já este mês e a quarta desde que a questão é considerada por tais paragens, Bill Clinton anunciou, com pompa, circunstância e grande impacto mediático, que os Estados Unidos iriam perdoar a totalidade das dívidas de 36 países dos ditos pobres e muito endividados.

Esse «perdão» seria financiado por um crédito de mil milhões de dólares, como veio afirmar o secretário de Estado do Tesouro dos EUA, apesar do valor facial das dívidas a «perdoar» ser seis vezes mais elevado. Assim é por o valor real da dívida desses países aos EUA ser substancialmente inferior ao seu valor facial dada a reduzida probabilidade de pagamento.

Isto é, «perdoa-se» quase só o que de antemão se sabe que não irá ser pago...

Com H de hipocrisia se escreve a sigla HIPC (*Heavily Indebted Poor Countries*) como é conhecida a iniciativa que começou a ser congemina em 1996.

Ora o generoso e tão publicitado gesto de Bill Clinton é irrisório se o confrontarmos com outros números. Na verdade, a HIPC tomou expressão na assembleia anual FMI/BM através de um «programa de perdão de dívidas» e na sequência de decisão do G7 de Junho passado, em que esses 7 grandes e ricos-7 (Alemanha, Canadá, EUA, França, Itália,

Japão e Reino Unido) se comprometeram a «perdoar» 90% das dívidas dos «países pobres».

O «programa», à partida, atingirá 40 países e deverá ultrapassar 70 milhares de milhões de dólares. O que quer dizer que o gesto de Clinton vale adicionar 100 a um total de 70.000..., isto é, 0,14%! E tão-só como compromisso, tendo já outros Estados, grandes e/ou ricos mas não tão ricos nem tão grandes

va, hoje, a referência de 2 biliões de dólares -, ajuda a melhor dimensionar quão infinitesimal foi o gesto, e como seria estulto dar-lhe tanto relevo se não fossem tão grandes o cinismo e a hipocrisia.

Com F de fariseus se escreve FMI-BM e alguns apelidos e nomes próprios de comentadores desta questão e do gesto de Clinton.

Mas o mais importante nem é o tamanho dos números.

A dívida não apareceu e não cresceu por acaso. Tem, como sempre teve, um papel estratégico no capitalismo. Esse papel ganhou

vos flutuantes; a terceira fase está associada ao neoliberalismo tatcher-reaganiano, com «globalização do ajustamento estrutural», mais tarde continuado, no mesmo sentido «globalizador», pela invasão técnica, financeira e depois económica dos países socialistas.

Assim se foi dando «ouro aos pobres»⁽¹⁾, e mais ainda se lhes dá agora com o magnânimo «perdão» e com o que depois se vier a investir. Desde que... como proclama o editorialista do DE, os países tenham «uma elite minimamente confiável e uma política económica previsível», tranquilizado pela

Há quem⁽²⁾ lembre o tão citado (e re-citado) Plano Marshall para atacar os que chama «sobreviventes da «vulgata» marxista» por hoje tomarem posição idêntica que teriam tido à cinquenta anos relativamente ao dito Plano.

E depois? M também é letra com que se escreve memória, e ela lembra que o capitalismo (coisa que ainda existe...) se serviu desse Plano como arma estratégica. Ora, sendo os marxistas anti-capitalistas, têm todo o direito (até diria o dever) de estar contra estratégias do capitalismo. Que alguns que hoje teriam perdido memória se lem-

cacau, com preços impostos por quem comanda o comércio internacional e que, como muito bem lembra FSC (desta lembrou-se!), são os mesmos que um estudo do BM sublinha praticarem «direitos aduaneiros sobre produções industriais provenientes dos países pobres quatro vezes mais altos que os direitos sobre importações vindas de outros países desenvolvidos».

Estas são manifestações do imperialismo económico que substituiu e/ou complementa o colonialismo político, e que continua a utilizar a arma da dívida externa, em si mesma e por via do condicionalismo dos «perdões».

O que ajuda a compreender (sem, no entanto, levar a aceitar) o que apareceu escrito sobre Angola, cuja dívida não deveria ser «perdoada» pois dessa maneira «(se) iria, sobretudo, favorecer o Governo do MPLA e, consequentemente, provocar um desequilíbrio entre as duas partes em conflito militar»⁽³⁾.

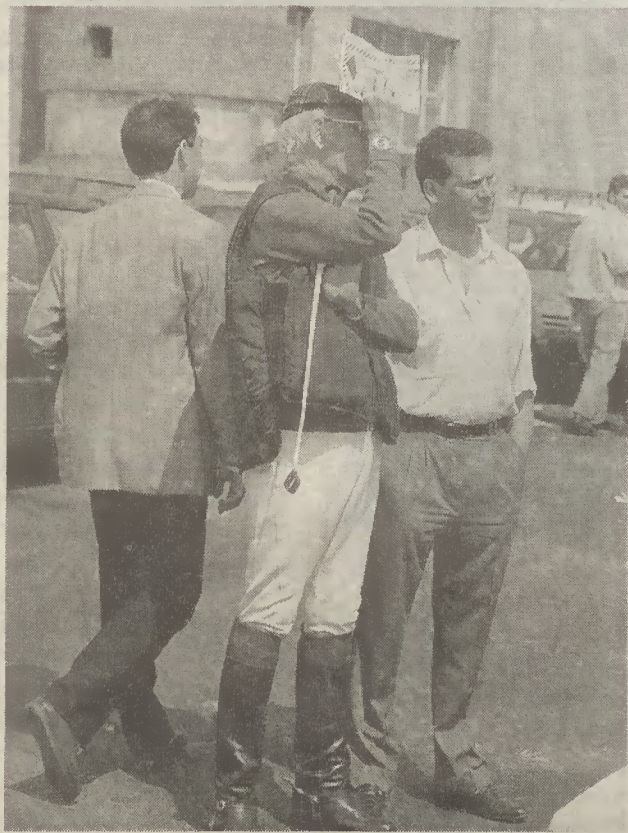
Lê-se, e espanta como se pode ir tão longe. Não sei se na ignorância, se na má-fé...

Angola é até acusado de ser país rico em recursos naturais, «não fazendo muito sentido aplicar um perdão de dívida (ao governo)», como se escreve sem se acrescentar que a outra «parte em conflito» se serve criminosamente desses recursos naturais – dos diamantes – para prosseguir a guerra que dizima aquele povo. E que o faz no reiterado desprezo e desrespeito por sucessivos acordos e decisões, alguns com aval da «comunidade internacional» de que tanto se fala⁽⁴⁾, e ainda com ajudas para dispor de armas que, segundo FSC, o governo do país não deveria poder comprar por ter dívidas e serviço de dívida para pagar!

Por hoje, chega!

Muito haveria ainda a dizer sobre a confusão quanto ao condicionalismo relativo às aplicações dos fundos resultantes do «perdão»: em «projectos de desenvolvimento» para FSC, em «acções sociais» para o economista César das Neves na «peça» assinada por CT, em «programas de reajustamento durante três anos» e «em educação e no combate à sida» noutra «peça» do mesmo jornal, decerto em formação de «elites minimamente confiáveis», evitando a conhecida «fuga de cérebros», se bem interpreto SF.

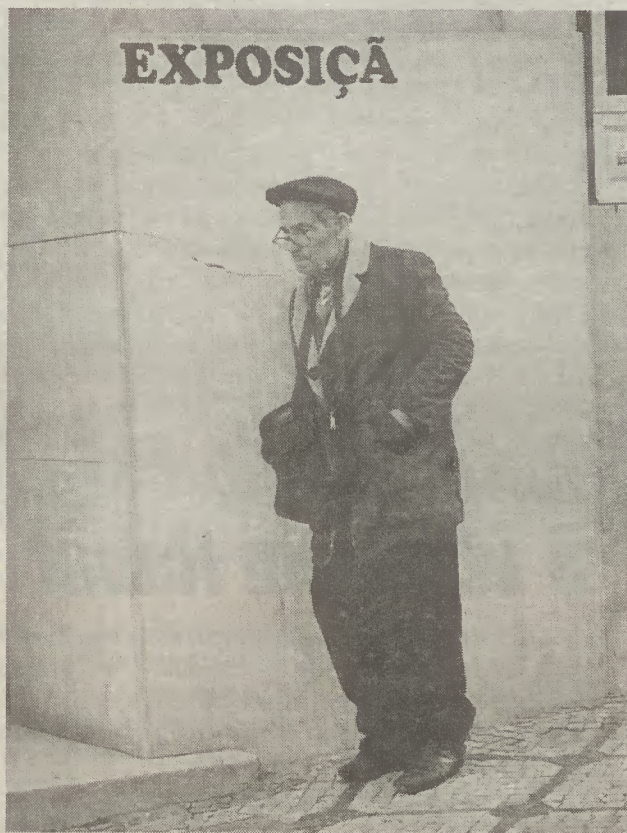
O tema é inesgotável. Mas, por hoje, chega!



como os EUA, contribuído efectivamente para a realização do Fundo da HIPC.

Dir-se-á que vale o significado do gesto e o efeito multiplicador que possa ter. Até porque Tony Blair - ah! esta dupla Bill & Tony... - se mostrou logo disposto a seguir o exemplar «gesto de liderança mundial»⁽⁵⁾. No entanto, a lembrança de que, em 1993, a dívida total do «mundo pobre» era estimada em 1660 milhares de milhões⁽⁶⁾ - pelo que não será excessi-

relevância quando as relações coloniais se começaram a desmoronar e se criou e estabeleceu a dívida por via de uma invasão tecnológica (quase sempre inapropriada e não menos vezes obsoleta), financiada pela «ajuda ao desenvolvimento» dos novos países (politicamente) independentes; a segunda fase⁽⁷⁾ foi a da subida em flecha dos seus montantes, e correspondente serviço⁽⁸⁾, com investimentos maciços e arriscados, e reciclagem de capitais especulati-



promessa do FMI de «ser vigilante e exigente».

Com F de função, M de Marshall e I de imperialismo se compõe a sigla FMI.

Tudo comprova a função estratégica, quer do estabelecimento e crescimento da dívida, quer da cínica, hipócrita, farisaica, recuperação da justa reivindicação da sua anulação através deste «perdão», nos montantes e nas condições que se conhecem.

brems do que liam há vinte e trinta anos sobre a «dívida externa», então na adolescência da arte⁽⁹⁾. Até parece que a desmemória lhes faz seguir Lenine às avessas, numa de desaprender, desaprender, desaprender sempre. Pelo que... não sobreviverão a coisa nenhuma!

Neste contexto se enquadram alguns comentários (e a ausência de outros) relativos a esta questão da dívida, e do seu «perdão», e a duas situações, que contribuem para melhor entendimento – teimoso, persistente, fundamentado – do que é o imperialismo.

De A - como Angola - a Z se escreve a geografia do imperialismo.

A primeira situação referida respeita a S. Tomé e Príncipe, que é dito ser o país que tem o maior rácio Dívida Externa/PIB – quase 7! – sem que nada se acrescente sobre a sua condição de país dependente, de monocultura agrícola, o

ra. Já a CDU, com 40,8 por cento dos votos (contra 37,4 por cento em 1995), alcança o seu melhor resultado de sempre. Quanto ao PDS, sobe a sua votação de 14,6 por cento para 17,7 por cento, enquanto os Verdes (aliados do SPD no governo federal) descem de 13,2 por cento para 9,9 por cento. Os Liberais, por seu turno, confirmam a tendência para a extinção, não indo além dos 2,2 por cento dos votos, ficando mesmo atrás dos Republicanos, de extrema-direita, que chegam aos 2,7 por cento.

O novo Parlamento de Berlim passa desta forma a contar com 78 lugares da CDU, 42 do SPD, 33 do PDS e 18 dos Verdes.

A divisão política entre as partes ocidental e oriental de Berlim, que conta com um total de 23 distritos e 2,47 milhões de eleitores, ficou uma vez mais patente neste escrutínio. Enquanto no lado ocidental a CDU se afirma como a primeira força política, com 48,9 por cento dos votos, na parte oriental a liderança pertence ao PDS, com 40,9 por cento dos votos.

Todos os comentadores são unânimes em reconhecer que o PDS é o grande vencedor das

eleições de Berlim. Para além de confirmar a sua liderança no leste, que representa cerca de 60 por cento do território da cidade, o PDS também conseguiu melhorar os seus resultados no lado ocidental, duplicando a votação alcançada em 1995 e ganhando em números absolutos mais de 19 000 votos, ou seja, um progresso ainda mais significativo do que no Leste (mais 12 000 votos do que no último escrutínio). Um dos melhores resultados do PDS foi no distrito de Mittle, sede do governo federal, em que conquistou 42,1 por cento dos votos, contra 22 por cento da CDU e 12,3 por cento do SPD.

Com os resultados de domingo, o PDS passa a estar representado em 19 das 23 administrações locais, para além de aumentar o número de deputados no Parlamento de Berlim.

A capital alemã é governada desde 1991 por uma coligação entre a CDU e o SPD, que agora não parece ser fácil reeditar. Eberhard Diepgen, cabeça de lista da CDU e actual presidente de Berlim, convidou os social-democratas para negociações ainda esta semana, mas o SPD ainda não respondeu ao convite.

Berlim

CDU e PDS sobem, SPD e Verdes descem

As eleições de domingo em Berlim saldaram-se pela vitória da democracia-cristã (CDU), a queda dos social-democratas (SPD) e uma significativa subida do Partido do Socialismo Democrático (PDS), que para além de se afirmar como a primeira força política da parte oriental da cidade conseguiu melhorar a sua votação na parte ocidental.

O Partido Social-democrata Alemão (SPD), do chanceler Gerhard Schröder, sofreu em Berlim o seu último desastre eleitoral do ano, passando de 23,6 por cento para 22,4 por cento, o que não lhe dá mais do que 42 lugares no novo Parlamento da cidade. Desde Fevereiro, o SPD viu o cartão vermelho do eleitorado em sete eleições regionais, nas eleições europeias e em várias eleições municipais, o que traduz um claro descontentamento popular com a sua política de reformas, cada vez mais virada para a defesa da economia de mercado em detrimento da justiça social.

Apesar da quebra eleitoral do SPD não ter sido tão acentuada como se previa, o resultado dos social-democratas é o pior desde o pós-guer-

(1) Título de comentário de Francisco Sarsfield Cabral (FSC) no *Público* de 01.10.99.

(2) Em A "Aldeia-Mundo" e o seu Castelo - ensaio contra o FMI, a OMC e o Banco Mundial, Philippe Paraire (PhP), *Avante!*, Janeiro de 1999.

(3) Servi-me do livro de PhP para este faseamento, por me parecer interessante aquele que lá se propõe, com fundamento que merece estudo, reflexão e desenvolvimento.

(4) Aos montantes emprestados, ao "capital inicial", têm sempre de se somar os juros (variáveis) com que se remunera o "investimento" e se cobrem os seus riscos, a que se chama "serviço da dívida". Quem já pediu dinheiro emprestado (para comprar carro ou casa, por exemplo) conhece bem a matéria...

(5) Sugestivo título de um editorial de Sérgio Figueiredo (SF), director do *Diário Económico* (DE), na edição de 04.10.99, tão sugestivo (aliás como o texto!) que sugere a ideia de "pérolas a porcos"...

(6) FSC no artigo-comentário citado.

(7) Por exemplo, A Armadilha da dívida externa - o Fundo Monetário Internacional e o desenvolvimento da dependência (*The debt trap*), Cheryl Payer, edição portuguesa da Moraes Editora, de 1974.

(8) "Peça" na mesma edição do *Público* de 01.10.99, *Economistas aplaudem perdões selectivos* - "Eles nunca iriam pagar...", assinada por Clara Teixeira (CT).

(9) Notícias divulgadas enquanto escrevia informam que se estão a verificar reservas de uma multinacional diamantífera relativamente a Savimbi e ao seu movimento, embora sem que se concretizem, por parte da dita "comunidade internacional", as sanções que o seu criminoso comportamento há muito exige.

Extrema-direita em segundo lugar na Áustria

A extrema-direita de Joerg Haider conquistou mais 415 votos do que os conservadores, confirmando-se como o segundo partido mais votado nas eleições legislativas de 3 de Outubro na Áustria. Segundo os resultados oficiais divulgados na terça-feira, a vitória coube ao Partido Social-Democrata (SPOe), que obteve 33,15 por cento dos votos e 65 deputados, seguindo-se o Partido da Liberdade (FPÖe), com escassa diferença do Partido do Povo (ÖVP), com praticamente os mesmos 26,9 por cento e 52 deputados. Os Verdes conquistaram o seu melhor resultado de sempre com 7,4 por cento e 14 deputados. Dada a reduzida diferença entre o FPÖe e o ÖVP, os social-democratas consideram que os seus parceiros do Partido do Povo na coligação governamental não perderão a face se aceitarem negociar a formação do novo governo. O dirigente do ÖVP, Wolfgang Schuessel, afirmou que passaria à oposição se o partido ficasse em terceiro lugar, mas numa entrevista publicada segunda-feira admitiu não ter pensado numa «escassa margem» quando fez tal afirmação.

Fatos Nano lidera PS albanês

O antigo primeiro-ministro albanês, Fatos Nano, foi eleito segunda-feira presidente do partido socialista (PS), no poder, ao conseguir 295 votos contra os 260 do seu principal adversário, o actual primeiro-ministro e presidente cessante do PS, Pandeli Majko. Esta curiosa escolha do terceiro congresso da organização, que decorreu em Tirana, ocorre numa altura em que Nano está na iminência de ter de responder perante a justiça a acusações de «corrupção e desvio de fundos». No início do congresso, no sábado, Nano disse à imprensa que se conseguisse a liderança do PS iria «exigir a demissão do governo de Majko».

Remodelação no governo britânico

O governo britânico, liderado por Tony Blair, foi remodelado na segunda-feira, destacando-se a substituição da ministra para a Irlanda do Norte, Mo Mowlam, por Peter Mandelson, antigo ministro do Comércio e da Indústria, que em Dezembro se demitiu do cargo devido a um

Sahara Ocidental Marrocos aumenta repressão

A situação nos territórios ocupados do Sahara Ocidental agrava-se de dia para dia. O mês de Setembro foi marcado por várias manifestações de saharauis e confrontos com as milícias marroquinas e a polícia de Rabat. A Representação da Frente Polisário em Portugal fala em «uma das mais cruéis matanças e repressão» levadas a cabo por Marrocos.

Uma delegação marroquina que visitou os territórios ocupados no fim do mês passado veiculou uma opinião no mesmo sentido, manifestando a sua indignação pelas acções dos agentes do Ministério do Interior, do exército e das milícias. A delegação era dirigida pelo general Hasni Bem Esleiman, responsável nacional pela Polícia, e pelo director do Gabinete do rei Mohammed VI para a questão saharauí.

Jalihena Ould Rachid, antigo ministro responsável pelo Sahara Ocidental, acusou os responsáveis do *dossier* pela grave situação que se vive, mas a Frente Polisário sublinha que

esta «não é mais do que um prolongamento da sua política de mão dura dos anos anteriores».

A Frente Polisário questiona ainda sobre as verdadeiras intenções destas acções. «Interrogamo-nos sobre se esta repressão sangüinária levada a cabo pelo ministro do Interior, Dirss Basri, através das suas milícias, dos seus verdugos e dos militares era necessária para acalmar as marchas e manifestações de protesto por parte dos cidadãos saharauis ou se é apenas uma mensagem clara dirigida ao novo rei, Mohammed VI, de forma a recordar-lhe a importância e capacidade de Driss Basri na estabilidade ou instabilidade



A Nizkor responsabiliza as autoridades marroquinas pelos últimos acontecimentos, acusando-as de fomentar a violência junto dos colonos, na sua maioria recrutados entre a população marginal

de Marrocos, em especial numa altura em que fala da substituição do ministro por uma comissão encarregada do *dossier* de Sahara Ocidental.»

A organização humanitária Nizkor responsabiliza as autoridades marroquinas por estes acontecimentos, acusando-as de

fomentar a violência junto dos colonos, na sua maioria recrutados entre a população marginal e transferidos pelos serviços de informações.

A Nizkor chama a atenção para o facto de, nos dias anteriores aos motins, terem sido transferidas durante 48 horas discretas unidades de forças anti-motim. Fala ainda na utilização dos veículos da Minurso (as forças das Nações Unidas) por membros do exército marroquino.

«É evidente que esta campanha de terror responde à necessidade de Marrocos de instrumentalizar a situação, de forma a que o referendo de auto-determinação não se concretize», considera a organização de defesa dos direitos humanos.

A Nizkor pede a realização de uma investigação imparcial com o objectivo de identificar os responsáveis pelas operações marroquinas e apela à Minurso que adopte todas as medidas necessárias para proteger a população civil.

Os acontecimentos

No dia 22 de Setembro, cidadãos saharauis manifestam-se em Aaiún, denunciando a inter-

venção de Marrocos e exigindo a abertura do diálogo sobre os desaparecidos e a libertação de prisioneiros políticos. A repressão policial não se faz esperar, tendo-se registado dois mortos e dezenas de feridos e desaparecidos.

A 27 de Setembro uma nova manifestação tem lugar. As milícias marroquinas respondem e, armadas de facas e paus, assaltam casas, lojas e incendiaram algumas empresas de propriedade saharauí, sempre com a colaboração da polícia marroquina.

Os saharauis reagem, incendiando automóveis da polícia e de dirigentes marroquinos. As forças de Rabat reforçam o cerco nas cidades saharauis ocupadas com novas forças militares.

No dia seguinte verificam-se confrontos de cidadãos saharauis com a polícia e as milícias. Enquanto estava a filmar os acontecimentos, um membro da ONU foi objecto dos ataques das forças ocupantes, que ignoraram tanto a sua nacionalidade como a sua missão. Nessa noite é decretado em todas as cidades ocupadas o recolher obrigatório.

No dia 29, novos confrontos. A polícia usa novos meios: armas de fogo e bombas lacrimogéneas.

Reforma do Estado à vista em Rabat

O rei Mohammed VI de Marrocos, no poder há dois meses, sublinhou a necessidade de separar os poderes legislativo, executivo e judicial, num discurso proferido na abertura solene da sessão autónoma do Parlamento.

«A nossa firme convicção é que o fundamento da democracia se baseia na separação de poderes e na instauração de um equilíbrio entre eles», defendeu o monarca, na sexta-feira.

A concretizar-se, uma reforma deste tipo significaria a limitação das funções do rei, que interfere nos três poderes do Estado, nomeadamente ao presidir ao Conselho de Ministros (executivo), ao emitir decretos reais (legislativo) e ao presidir ao Tribunal Supremo (judicial).

Mohammed VI elegeram como «problemas urgentes» o emprego e o ensino. As taxas são assustadoras em ambas as áreas. Por um lado,

mais de metade da população adulta é analfabeta e a percentagem de crianças inscritas na escola é baixa. Por outro, o desemprego afecta pelo menos um quinto dos marroquinos.

«É necessário generalizar a escolaridade e facilitar o acesso a todas as camadas da população», afirmou, anunciando que o ensino primário passará a ser gratuito, bem como o secundário para as famílias pobres.

O monarca prepara-se para abrir a economia marroquina à iniciativa privada e aos investimentos estrangeiros, tendo pedido aos órgãos legislativos que ponham em marcha «os instrumentos jurídicos que constituam uma alavanca para a acção social e uma ferramenta para favorecer o arranque económico». Mohammed VI dirigiu-se aos jovens, encorajando-os a contarem menos com o Estado e a «bater sem complexos à porta do sector privado».

Coreia

Um passo importante para o desanuviamento?

«O acordo alcançado em Berlim entre a República Popular Democrática da Coreia (RPDC) e os EUA pode constituir um passo importante para o desanuviamento e a paz na península da Coreia», afirma o Comité Internacional de ligação para a reunificação e a paz na Coreia.

Em recente comunicado, o Comité congratula-se com o acordo de Berlim, que no essencial estipula o congelamento temporário dos ensaios de mísseis de longo alcance por parte da RPDC e a redução por parte dos EUA das «sanções económicas» que estes lhe haviam imposto. O acordo é considerado «um passo importante», na medida em que «deve ser seguido a breve prazo de conversações de alto nível em Washington tendo em vista a melhoria das relações entre os dois países numa perspectiva da sua normalização».

O Comité manifesta a esperança de que este acordo seja aplicado «e não sistematicamente posto em causa pelos EUA, sob os mais diversos pretextos, como sucedeu com o Acordo RPDC/EUA de 1994».

Neste contexto, recorda-se que «o levantamento das sanções económicas norte-americanas à RPDC já deveria ter sido concretizado desde 1994; uma vez que esse era um dos compromissos dos EUA no Acordo de 1994 o qual, como muitos outros, não foi respeitado». A título de exemplo é recordada a «intensa campanha mediática» lançada no ano passado pelos EUA e a Coreia do Sul sobre o alegado «perigo dos mísseis da Coreia do Norte», que foi acompanhada de «ameaças militares e de um reforço do bloqueio económico».

O Comité dá ainda conta da realização do 10.º Congresso Pan-Nacional e do Festival da Reunificação que recentemente reuniu na RPDC delegações de 72 partidos e organizações nacionais e estrangeiras, incluindo uma importante representação da Coreia do Sul. À margem deste evento teve lugar um acontecimento de grande simbolismo: a realização, pela primeira vez nos 54 anos de divisão da Coreia, de uma competição inter-coreana Norte/Sul de futebol promovida por confederações sindicais dos dois lados da Península coreana.

Índia

Nacionalistas hindus ganham eleições

A Aliança Democrática Nacional (ADN), coligação de 24 partidos dirigida pelos nacionalistas hindus do Partido Bharatiya Janata do primeiro-ministro Atal Behari Vajpayee, venceu por maioria absoluta as eleições legislativas na Índia.

A Assembleia do Povo, dissolvida na Primavera passada, apenas 13 meses depois de ter sido eleita, passa agora a ser constituída por 292 representantes da ADN, num total de 545 lugares.

O processo eleitoral indiano, que envolve 605 milhões de eleitores, decorreu durante um mês e mobilizou candidatos de 45 partidos, dos quais apenas seis têm dimensão nacional.

O grande derrotado destas eleições foi o Partido do Congresso, que durante 45 anos dominou o poder em Nova Deli. Ao eleger apenas 135 deputados, o partido liderado desde há um ano por Sonia Gandhi sofreu o maior revés eleitoral da sua história.

Em terceiro lugar ficou a Frente Unida, integrada pelos dois partidos comunistas indianos e por diversas organizações regionais, que deverá dispor entre 36 a 41 lugares no Parlamento. Os resultados da Frente foram prejudicados com a saída da principal força que a constituía, o partido socialista Janata Dal, que se dividiu e optou maioritariamente por se juntar à ADN.

Chile Grã-Bretanha decide extradição de Pinochet

O Tribunal Penal de Bow Street decidiu, na sexta-feira, extraditar o antigo ditador chileno Augusto Pinochet para a Espanha, onde é acusado de 34 casos de tortura e um de conspiração, praticados durante os últimos 14 meses de exercício da Junta Militar. Cabe agora ao ministro do Interior britânico, Jack Straw, dar «luz verde» definitivamente à extradição.

O processo a correr contra Pinochet refere-se apenas ao período final da Junta Militar chilena e não aos 17 anos da ditadura, porque a Grã-Bretanha apenas adoptou a Convenção Internacional contra a Tortura em Dezembro de 1988, pelo que os crimes cometidos até essa data não são tidos em consideração.

O juiz responsável pela sentença referiu-se no entanto aos casos registados de 1198 pessoas desaparecidas durante a ditadura, abrindo a porta ao julgamento de Pinochet também por situações anteriores a 1988. «Se os desaparecimentos chegam a ser tortura, se o efeito sobre as famílias dos desaparecidos pode chegar a ser tortura mental, e se isto foi ou não o propósito do regime do senador Pinochet é, do meu ponto de vista, um assunto para o tribunal que o irá julgar», afirmou Ronald Bartle.

Conhecido pelo seu carácter muito conservador e por ser membro de um clube cuja vice-presidência está entregue a Margaret Thatcher (amiga íntima de Pinochet e sua defensora), Bartle quase pediu desculpa pela sentença. Antes de anunciar a decisão final, várias vezes referiu que procedia conforme a legislação, como se lembrasse que nada poderia fazer para salvar Pinochet. «Sinto necessidade de sublinhar que a minha decisão neste caso baseia-se na

lei e só na lei. Se o meu entendimento da lei está errado, um tribunal superior o corrigirá.»

A decisão de extraditar Pinochet foi saudada com explosões de alegria por milhares de chilenos que sofreram a repressão do ditador e por familiares e amigos das vítimas que continuam a exigir que seja feita justiça.

A saúde do general

Pinochet, num texto lido pelo seu advogado após a divulgação da sentença, continua entretanto a afirmar-se inocente e a rejeitar a legalidade do processo. «Como ex-presidente do Chile e senador declaro que não sou culpado dos delitos de que sou acusado. A Espanha não produziu nem um só elemento de prova que mostre que sou culpado. E não apenas isso. Creio que a Espanha não procedeu a uma adequada investigação sobre estes delitos, e a Espanha nem sequer tem jurisdição sobre estes delitos.»

O antigo ditador vai mais longe: «A Espanha actua em violação da soberania do Chile. Os acontecimentos do Chile nada têm a ver com a Espanha. Está claro desde há muito tempo que a minha extradição é motivada politicamente e tem razões políticas.»

Pinochet apresentou-se ao longo do processo como um ino-



Depois de décadas de torturas, assassinatos e desaparecimentos, Pinochet argumenta com o seu estado de saúde e pede o repatriamento para o Chile

fensivo senador, um homem de idade com amigos influentes, que apenas pretende algum descanso. Agora insiste nessa imagem.

A defesa e as autoridades do Chile pedem a repatriação por «razões humanitárias» e apelam à justiça referindo-se à saúde de Pinochet, argumento tantas vezes ignorado e brutalmente espezinhado pelo «pobre senhor» que até sexta-feira aguardava a sentença comodamente instalado numa mansão de luxo no Sudoeste de Londres.

Os advogados do Pinochet anunciaram imediatamente que

vão recorrer da decisão, a última hipótese que têm antes da extradição para Espanha se concretizar. A falta de saúde do senador - o argumento apresentado pela defesa para o repatriamento para o Chile -, caso seja aceite como razão válida pelo ministro do Interior, vai ser confirmada por médicos do Ministério ou da Scotland Yard.

«Vamos continuar a usar todos os caminhos, políticos, judiciais e de saúde. É conveniente que o senador Pinochet regresse ao Chile e que aqui enfrente os processos que pesam contra si na justiça», afirmou o

presidente do Chile, Eduardo Frei.

Outros reagiram de forma mais violenta. O exército manifestou «tristeza» e considerou que a decisão britânica é uma «clara manobra de vingança política internacional». O sobrinho do ex-ditador, Gonzalo Townsend Pinochet, foi mais longe. «Não nos vamos esquecer disto. Que nem lhes ocorra, a esses espanhóis, visitar amanhã o Chile, porque a sua estadia não lhes seria grata. Estamos a anotar num caderno todas as pessoas que contribuíram para este acto de vingança.»

escândalo financeiro que envolveu um empréstimo imobiliário. Mowlam passa a ser coordenadora da política do Governo.

A notícia foi recebida com preocupação por parte dos nacionalistas irlandeses. Gerry Adams, presidente do Sinn Fein, apelou ao novo ministro para que «resista a qualquer tentativa dos unionistas de voltar a negociar, interpretar ou escrever o acordo» de Sexta-Feira Santa. Os protestantes congratularam-se com a mudança. «Será um alívio», afirmou um representante do Partido Unionista.

O ministro da Defesa, George Robertson, abandona o cargo para desempenhar as suas novas funções como secretário-geral da Nato, enquanto o ministro da Saúde, Frank Dobson, afasta-se do Governo para se candidatar à presidência da Câmara Municipal de Londres.

Inundações no México

O México sofreu na última semana as chuvas mais intensas das últimas quatro décadas, que provocaram mais de 400 mortos e 700 mil desalojados.

Inundações, desabamentos de terra e enxurradas trouxeram a morte e a destruição aos estados de Puebla, Veracruz, Tabasco e Hidalgo (no sul e centro do país), devastou 240 mil hectares de terreno e mergulhou na ruína 90 mil agricultores. Segundo os meteorologistas, as chuvas foram provocadas pelo choque de uma depressão tropical com uma frente fria no Golfo do México. O presidente Ernesto Zedillo considera que esta é a «tragédia da década» para o país.

Mães da Praça de Maio premiadas

A Unesco galardoou a Associação Mães da Praça de Maio com o prémio Educação, destinado a «promover acções que sensibilizem a opinião pública e mobilizem as consciências em favor da paz».

«As Mães da Praça de Maio lutam junto dos excluídos, dos estudantes e dos professores para a dignidade humana e para a paz na Argentina» e «colaboram estreitamente com a justiça espanhola nos processos» de crimes contra a humanidade cometidos na Argentina e no Chile, sublinhou a Unesco.

A associação foi criada em 1977 por 14 mulheres argentinas que exigiam à ditadura militar que revelasse o paradeiro dos seus filhos desaparecidos. Desde então, manifestam-se semanalmente na Praça de Maio, no centro de Buenos Aires.

Fiasco da União Europeia na «operação sérvia»

Os ministros dos Negócios Estrangeiros da União Europeia (UE) convocaram os representantes da «oposição democrática» sérvia para uma reunião no Luxemburgo, na segunda-feira passada. O objectivo era montar um espectáculo para mostrar o «isolamento» do regime de Slobodan Milosevic e estimular as acções dos que o combatem. A iniciativa foi um fiasco: a maioria dos convidados sérvios preferiu ficar em casa.

No seu afã de intervir nos assuntos internos da Sérvia, os responsáveis pela diplomacia dos Quinze perderam há muito não só o sentido das conveniências como, sobretudo, o mais elementar respeito pelos princípios democráticos que dizem defender. Para a reunião no Luxemburgo, os ministros elaboraram um documento para o qual não acharam necessária a participação dos principais interessados - os políticos sérvios -, e que pretendiam ver subscrito sem discussão e sem alterações. Os sérvios, que no domínio ainda nem sequer sabiam o teor da reu-

nição para que estavam convocados, não gostaram. Como também não gostaram que o «apoio» da UE à sua causa tivesse como moeda de troca o compromisso de cooperarem com o Tribunal Penal Internacional para a antiga Jugoslávia, nem que o levantamento do embargo de petróleo se limite a dois municípios governados pela oposição.

Divididos, sem capacidade para encontrarem uma plataforma comum de pensamento e acção, sem conseguirem mobilizar as massas para a vaga de fundo com que todos sonham para derrubar o governo eleito sem terem de enfrentar o veredicto das urnas, os partidos da oposição sérvia tiveram desta vez a lucidez suficiente para não alinharem numa manobra que arriscava desacreditá-los ainda mais aos olhos do seu próprio povo.

«Energia e democracia»

Com o Inverno à porta, será difícil convencer os sérvios de que o embargo

de combustível a que o país está sujeito serve ao reforço da democracia, sobretudo quando se virem discriminados por terem tido a «ousadia» de escolher democraticamente os seus representantes autárquicos ao arrepio das preferências políticas da União Europeia. Também não será fácil convencer a população de que a falta de apoio da UE à reconstrução do seu país devastado pelas bombas da NATO é um prestimoso contributo para o progresso político e social.

Ora é justamente isso que os ministros dos Negócios Estrangeiros dos Quinze defendem, embora não de uma forma unânime. «Energia por democracia» é o provocatório nome dado à operação de fornecimento de produtos petrolíferos de aquecimento a duas cidades da Sérvia controladas pela oposição ao regime de Belgrado, Nis e Pirot. A iniciativa visa fornecer 25 000 toneladas de gasolina e 1 000 de gasóleo às duas cidades, o que representa

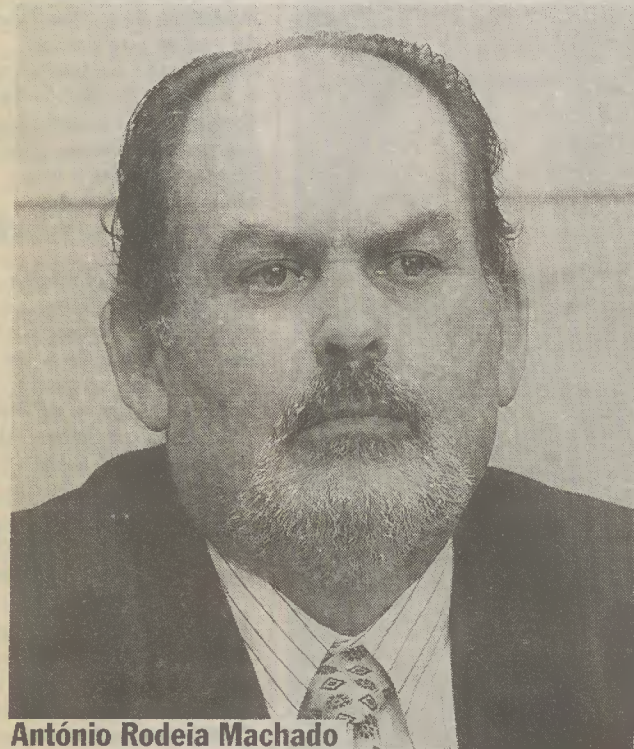
um investimento de escassos cinco milhões de euros (um milhão de contos).

Segundo a proposta, a UE encarregar-se-á de encaminhar os produtos petrolíferos até à fronteira entre a Sérvia e a Bulgária, da qual ficam próximas as duas cidades, cabendo a responsabilidade do fornecimento e da distribuição dos produtos às autoridades municipais. É curioso assinalar que, apesar de continuar a fazer a diabolização do governo sérvio, a UE está «confiante», segundo um porta-voz da Comissão citado pela Lusa, «em que as autoridades sérvias não bloquearão» os comboios de aprovisionamento.

O levantamento total do embargo aos produtos energéticos, defendido por alguns dos Quinze, tem a oposição cerrada do Reino Unido e da Holanda, que alinham nesta matéria com os EUA. O mesmo sucede em relação à proibição de voos civis para território sérvio.

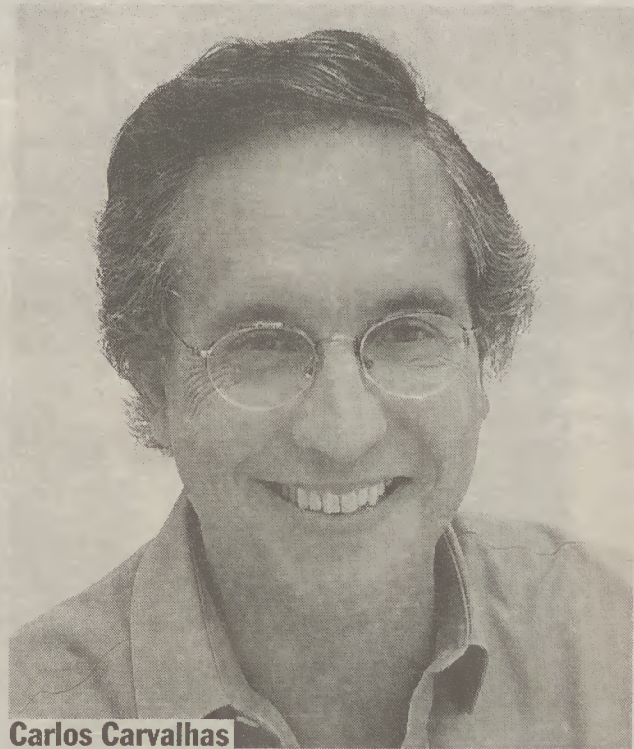
Deputados eleitos pela CDU

Beja

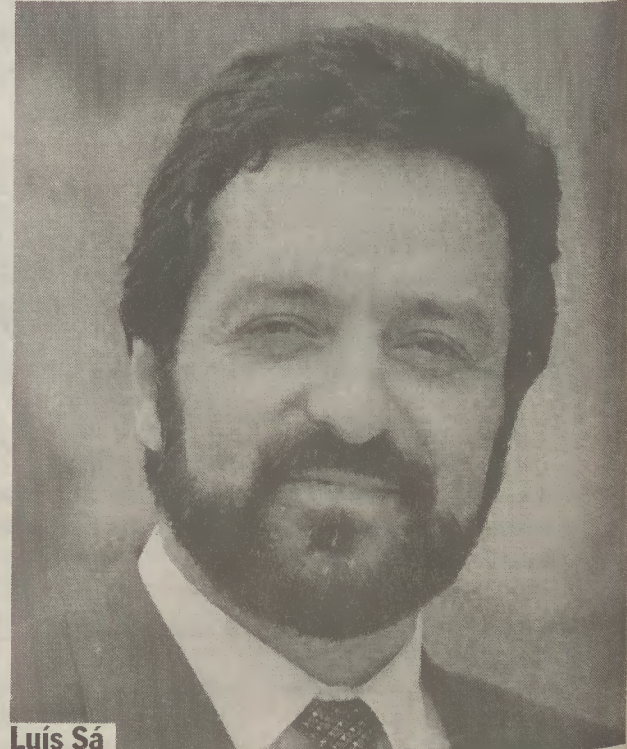


António Rodeia Machado

Lisboa

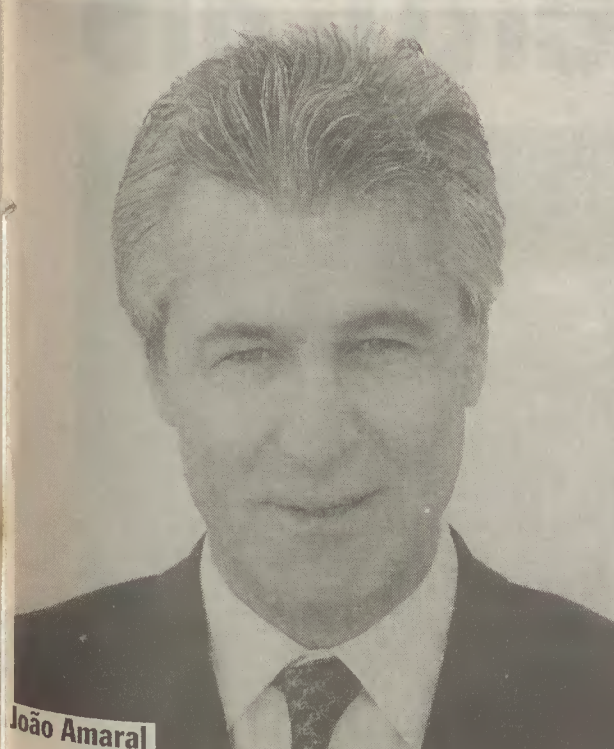


Carlos Carvalhas



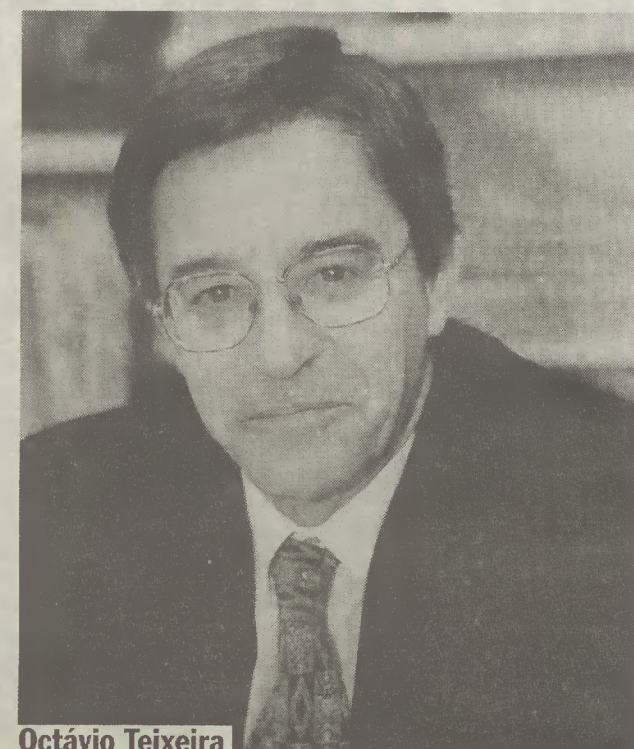
Luís Sá

Porto



João Amaral

Setúbal

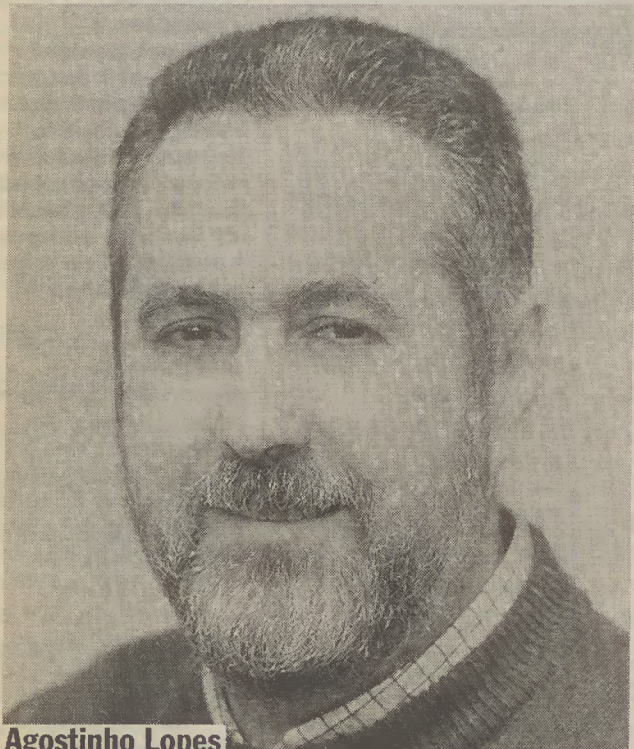


Octávio Teixeira



Odete Santos

Braga



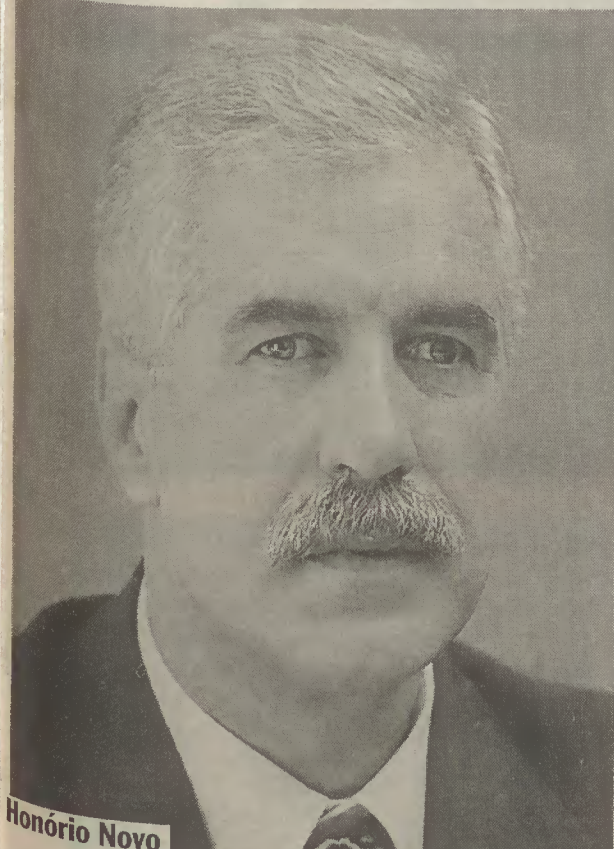
Agostinho Lopes



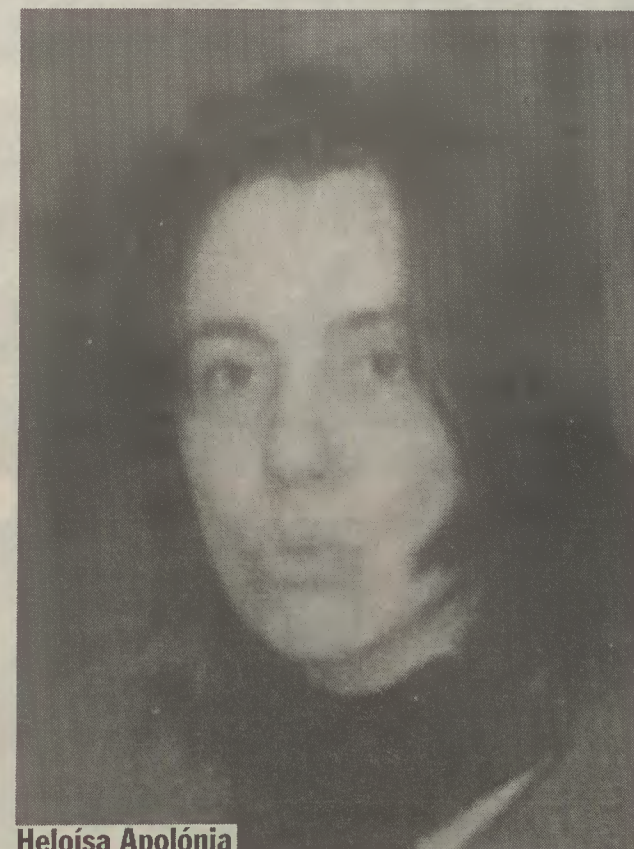
Bernardino Soares



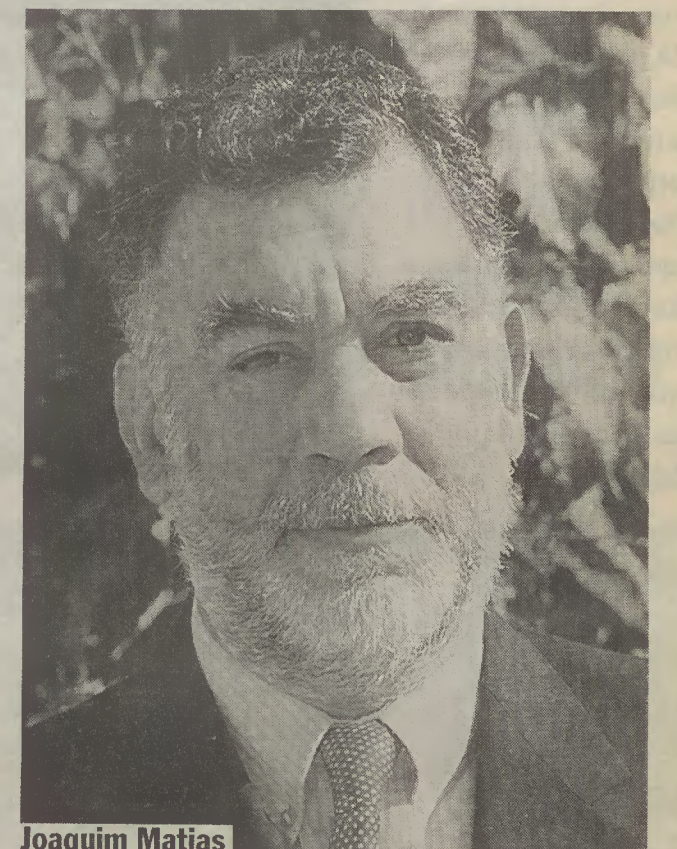
Isabel de Castro



Honório Novo

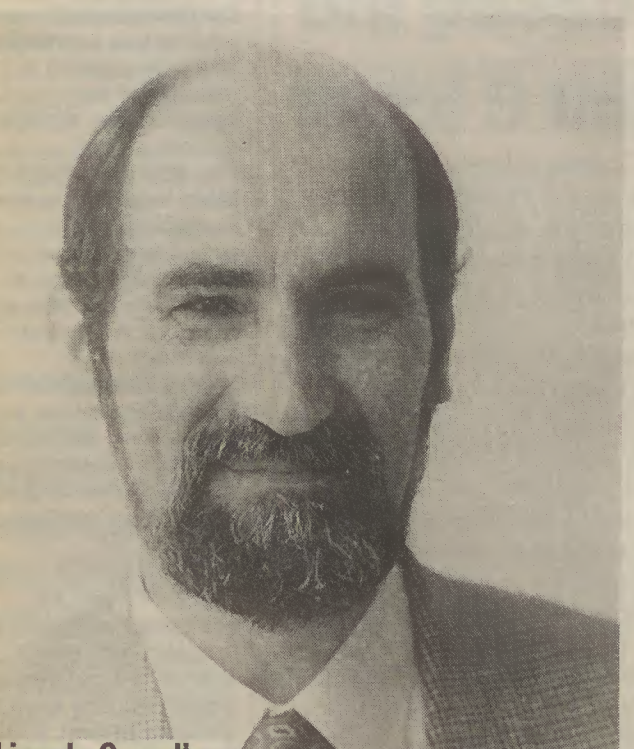


Heloisa Apolónia

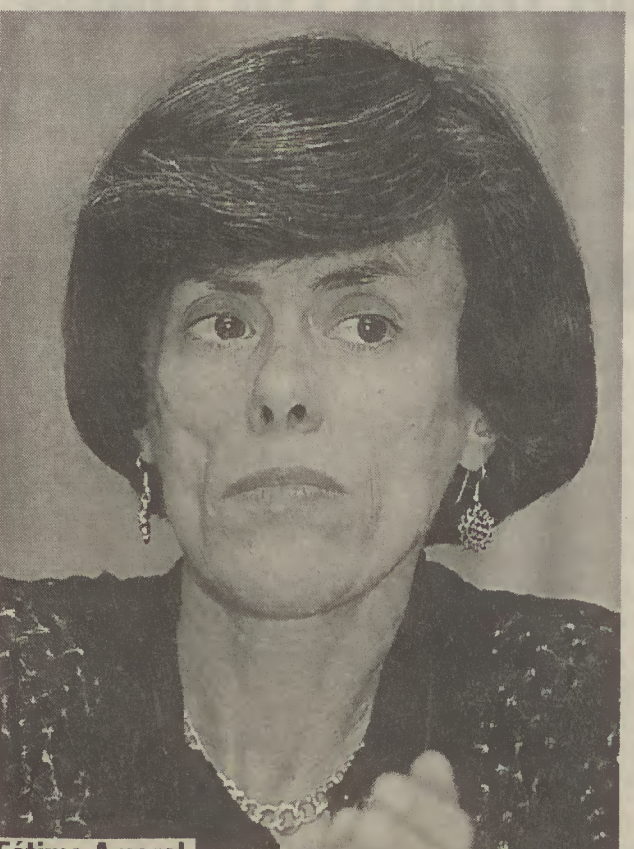


Joaquim Matias

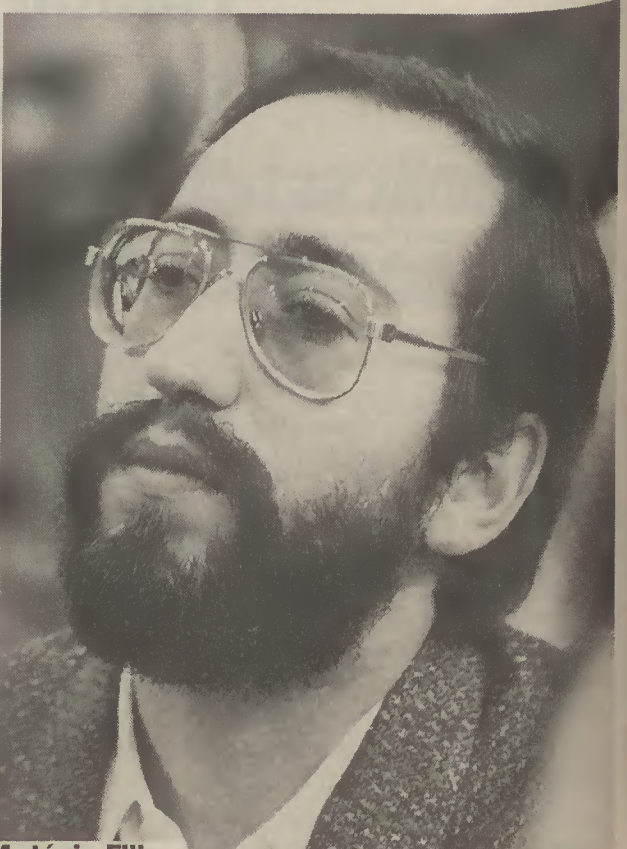
Évora



Lino de Carvalho

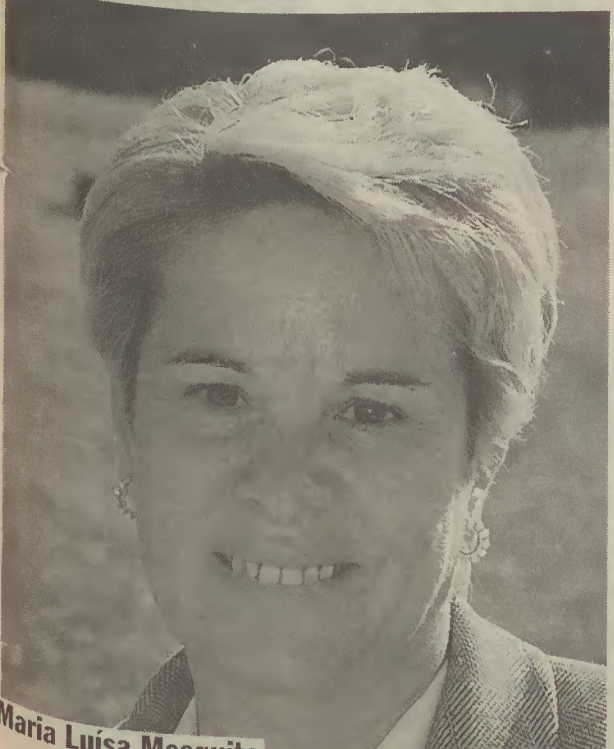


Fátima Amaral

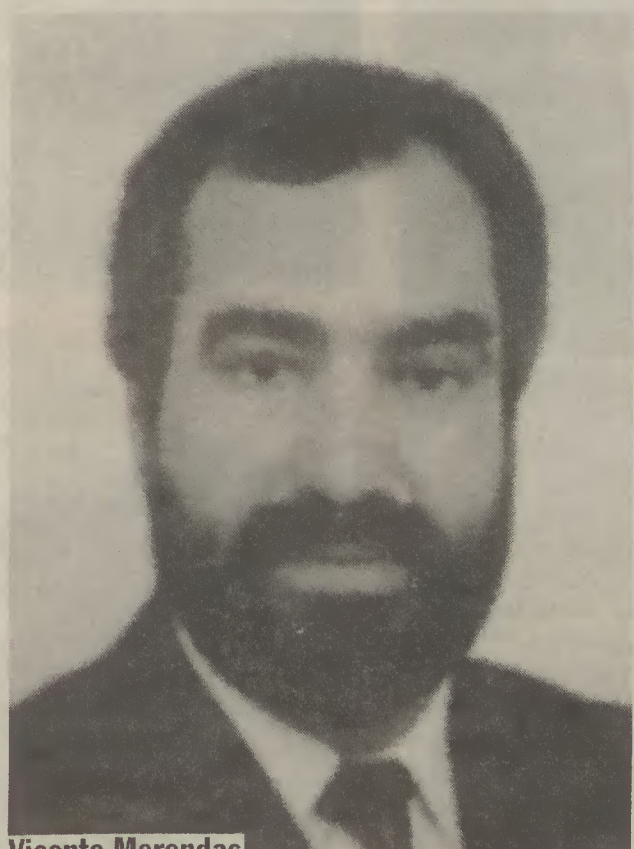


António Filipe

Santarém



Maria Luisa Mesquita



Vicente Merendas

Legislativas 99
**Mais
CDU**



A votação nos círculos eleitorais

Com base nos dados oficiais do escrutínio provisório, publicamos nestas páginas os resultados das eleições legislativas nos vinte círculos eleitorais do território nacional. Estão por apurar os votos do círculo do Porto, onde os eleitores voltam domingo a ser chamados às urnas em assembleias de voto de três freguesias, e na emigração (cujos votos são contados no dia 20, quarta-feira). Destes resultados depende a eleição de sete deputados. Nos quadros que apresentamos, apenas foram consideradas as votações nas cinco forças que vão ter representação na Assembleia da República.



Síntese dos resultados

O PS, com 2 359 228 votos e 43,99 por cento (escrutínio provisório), ganhou as eleições legislativas de domingo, mas não alcançou a maioria absoluta na Assembleia da República. Os socialistas deverão aumentar o seu grupo parlamentar em um ou dois deputados (passando de 112 para 113 ou 114 mandatos, depois de serem apuradas as votações no Porto e na emigração), ficando a quem dos 116 que lhes dariam

a maioria absoluta. Apesar de ganharem mais 0,23 pontos percentuais do que em 1995, obtiveram agora menos 204 491 votos.

O PSD foi o único partido parlamentar a registar perdas na sua futura bancada. Dos anteriores 88 lugares, deverá ficar agora com 82 ou 83 deputados. Além da perda de mandatos, os sociais-democratas desceram 1,80 pontos percentuais obtiveram menos 254 278 votos.

A CDU elegeu mais dois deputados, passando de 15 para 17, e cresceu 0,45 pontos percentuais, apesar de uma diminuição absoluta de 20 160 votos.

O CDS/PP manteve os anteriores 15 lugares, mesmo obtendo menos 0,67 pontos percentuais e 82 326 votos.

O Bloco de Esquerda, que juntou o PSR, a UDP e a Política XXI, ganhou dois lugares em S. Bento, recolhendo 131 864 votos (2,46 por cento).



LEGISLATIVAS 99



Só 37 mulheres no Parlamento

(16,6 por cento)

A nova Assembleia da República terá apenas 16,6 por cento de mulheres, ficando muito aquém dos 25 por cento propalados pelos partidos políticos.

A CDU é a única força que ultrapassa a meta, com 29,41 por cento: elegeu cinco mulheres, num total de 17 deputados.

Seguem-se o PS, com 19,81 por cento (22 mulheres em 111 deputados), o PSD, com 11,39 por cento (nove mulheres em 79 deputados), e o PP com 7,14 por cento (uma mulher em 14 deputados).

Aveiro

Inscritos: 571.633 Votantes: 362.371
Abstenção: 36,61% (em 1995: 31,42%)
Branco: 3.442 Nulos: 2.878

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PS	145.575	40,17	40,24	7	6
PSD	138.686	38,27	41,19	6	6
CDS/PP	49.183	13,57	12,60	2	2
PCP-PEV	12.797	13,53	12,74	-	-
BE	4.676	1,29		-	-

Beja

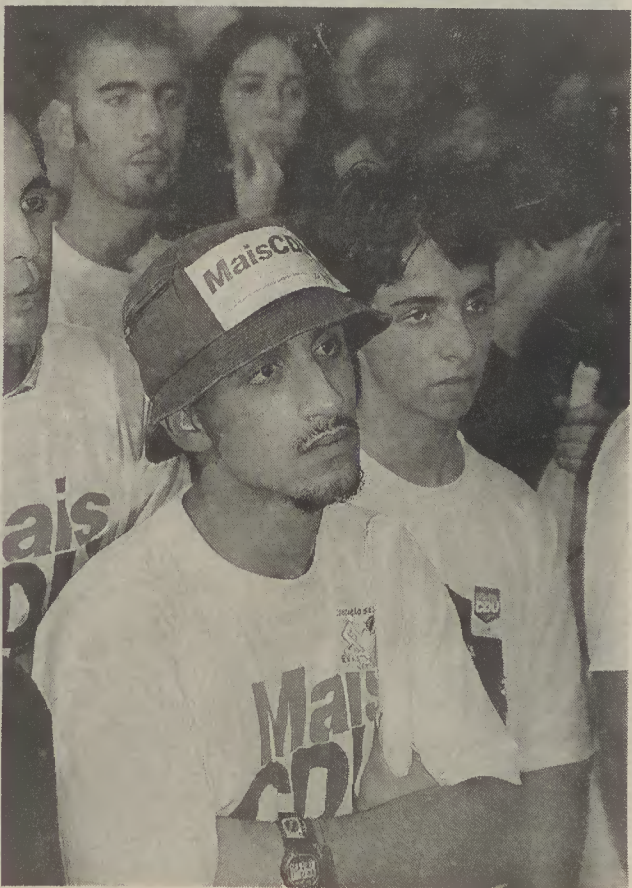
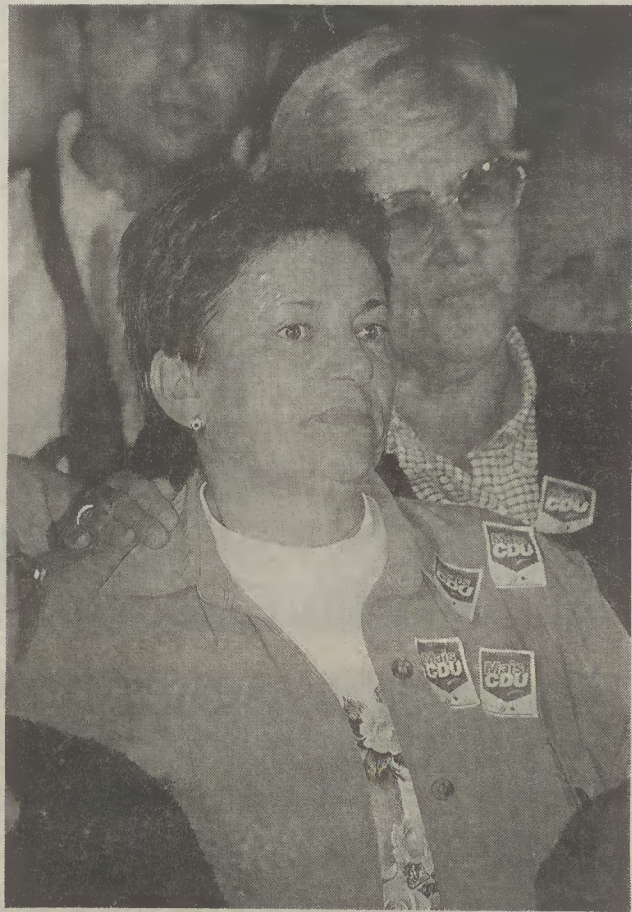
Inscritos: 144.922 Votantes: 85.024
Abstenção: 41,33% (em 1995: 35,91%)
Branco: 858 Nulos: 879

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PS	39.728	46,73	42,88	2	2
PCP-PEV	24.077	28,32	29,12	1	1
PSD	12.308	14,48	15,68	0	1
CDS/PP	3.315	3,90	3,61	-	-
BE	1.316	1,55		-	-

Braga

Inscritos: 654.646 Votantes: 441.438
Abstenção: 32,60% (em 1995: 28,73%)
Branco: 3.125 Nulos: 3.451

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PS	195.602	44,30	42,87	8	8
PSD	162.433	36,80	38,29	7	7
CDS/PP	39.027	8,80	10,63	1	1
PCP-PEV	23.821	5,40	4,53	1	-
BE	5.164	1,20		-	-



A noite da falsa maioria absoluta

«Mais uma vez, as projecções divulgadas pelas televisões portuguesas sobre resultados eleitorais "enganaram" políticos e observadores. Domingo deram uma falsa maioria absoluta ao PS.

«Apenas a SIC, ao indicar na sua sondagem à boca das urnas que o PS ia recolher 44,1 a 48,4 por cento dos votos (109 a 121 deputados), deixava em aberto a possibilidade de os socialistas não alcançarem a maioria absoluta que ambicionavam.

«Na verdade os socialistas, quando faltam apurar sete mandatos (três do círculo do Porto e quatro da emigração) conquistaram 43,99 por cento dos votos e 111 deputados, sendo muito improvável que cheguem aos 116 mandatos.

«Já as projecções da RTP1 e TVI eram inequívocas: os socialistas iam ultrapassar os 116 deputados, isto é, metade mais um dos deputados.

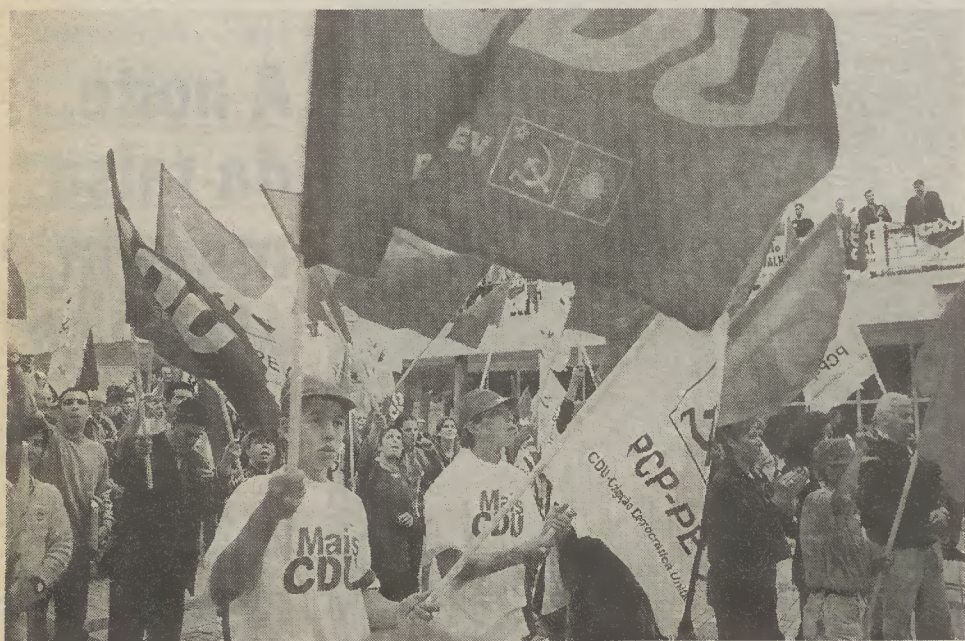
«A RTP1 indicava que o PS teria 44 a 48 por cento dos votos (117 a 123 deputados) e a TVI atribuíu 44,1 a 48,5 por cento dos votos (119 a 124 deputados) aos socialistas.»

LEGISLATIVAS 99

18 boicotes em 16 freguesias com 14 268 eleitores

Os 18 boicotes confirmados oficialmente pelo STAPE em 16 freguesias abrangem um total de 14268 eleitores. A lista inclui:

- secção de voto de Contins, freguesia de Carvalhais, concelho de Bragança (202 eleitores inscritos);
- secção de voto de Vilar de Ledra, na mesma freguesia (167 inscritos);
- freguesia de Alpedrinha, concelho de Fundão (1041 inscritos);
- secção de voto de Zebras, freguesia de Orca, concelho de Fundão (205 inscritos);
- secção de voto de Vila Verde, freguesia de Tourais, concelho de Seia (503 inscritos);
- secção de voto 1 da freguesia de Vilar, concelho de Cadaval (978 inscritos);
- secção de voto 2 da freguesia de Vilar, concelho de Cadaval (278 inscritos);
- freguesia de Jogueiros, concelho de Felgueiras (1137 eleitores inscritos);
- freguesia de Rio de Moinhos, concelho de Penafiel (2304 inscritos);
- secção de voto da freguesia de Foros de Salvaterra, concelho de Salvaterra de Magos (489);
- freguesia de Vila Chã, concelho de Alijó (638 inscritos);
- freguesia de Curros, concelho de Valpaços (290 inscritos);
- freguesia de Lazarim, concelho de Lamego (601 inscritos);
- secção de voto de Alvelos, na freguesia da Sé, concelho de Lamego (531);
- freguesia de Canas de Senhorim, concelho de Nelas (3.193 inscritos);
- secção de voto em Maxial, na freguesia de Torres Vedras (601 inscritos);
- secção de voto em Chaboeira, na freguesia de Bucelas (297 inscritos);
- secção de voto 7 na freguesia de Camarate (813 inscritos).



O primeiro concelho

A CDU obteve 514 votos (17,10 por cento) na Golegã, o primeiro concelho a apurar resultados completos nas eleições de domingo. Nas duas freguesias votaram 3005 eleitores (abstenção de 37,53 por cento), que deram 1551 votos ao PS, 566 ao PSD, 223 ao CDS-PP, 45 ao MRPP e 38 ao BE.

A menor freguesia

PS e CDU empataram com nove votos (32,14 por cento) em São Bento de Ana Loura, a freguesia de Portugal com menor número de eleitores inscritos (50), que pertence ao concelho de Estremoz.

Dos 50 eleitores inscritos, votaram 28 (56 por cento) e abstiveram-se 22 (44 por cento). O PSD obteve cinco votos (17,86 por cento), seguindo-se o MRPP (3), o Bloco de Esquerda (1) e CDS-PP (1).



Bragança

Inscritos: 150.196 Votantes : 82.132
Abstenção: 45,32% (em 95: 40,88%)
Branco: 710 Nulos: 1.038

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PPD/PSD	36.841	44,86	47,74	2	2
PS	32.588	39,68	40,31	2	2
CDS/PP	7.079	8,62	9,39	-	-
PCP-PEV	2.141	2,61	1,92	-	-
BE	679	0,83	-	-	-

Castelo Branco

Inscritos: 192.290 Votantes: 122.622
Abstenção: 36,20% (em 1995: 32,73%)
Branco: 1.047 Nulos: 1.549

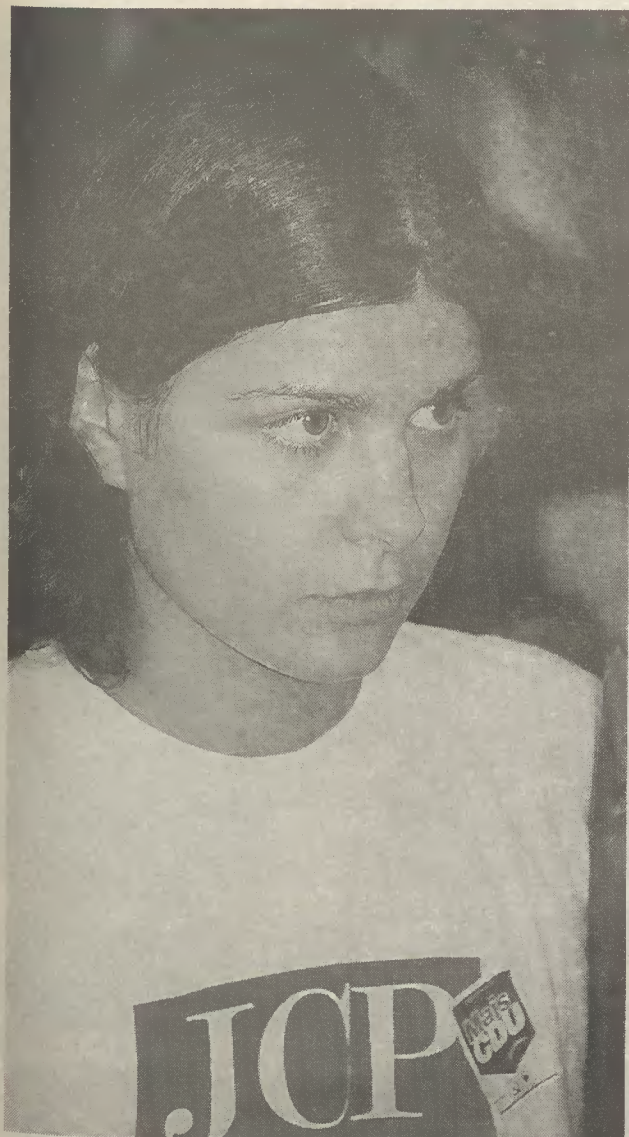
	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PS	63.398	51,70	53,20	3	3
PSD	39.171	31,90	32,09	2	2
CDS/PP	7.665	6,30	7,20	-	-
PCP-PEV	6.442	5,30	3,48	-	-
BE	1.520	1,20	-	-	-

Coimbra

Inscritos: 378.694 Votantes: 233.244
Abstenção: 38,41% (em 1995: 33,51%)
Branco: 2.613 Nulos: 2.389

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PS	109.956	47,14	49,11	6	6
PPD/PSD	82.025	35,17	34,46	4	4
PCP-PEV	14.258	6,11	5,08	-	-
CDS-PP	13.990	6,00	7,04	-	-
BE	4.545	1,95	-	-	-

LEGISLATIVAS 99



O fim da festa que não houve

«Duas horas depois das primeiras projecções dos resultados das eleições legislativas, o ambiente na sede nacional do CDS-PP, em Lisboa, é o de fim de uma festa que não chegou a existir.

«Algumas dezenas de jovens populares mantêm-se no edifício do Largo do Caldas, mas os comentários são

poucos, perante a evolução dos resultados, seguida pelas televisões.

»No exterior do edifício não se vêm apoiantes do CDS-PP, sendo as únicas pessoas presentes três agentes da PSP.

»No largo existem mesmo lugares livres de estacionamento.»

(Lusa, às 21.02 horas de domingo.)

Évora

Inscritos: 148.820 Votantes: 92.586
 Abstenção: 37,79% (em 1995: 30,63%)
 Brancos: 922 Nulos: 826

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PS	42.257	45,64	42,59	2	2
PCP-PEV	22.794	24,62	26,93	1	1
PSD	17.283	18,67	20,12	1	1
CDS/PP	4.636	5,01	5,22	-	-
BE	1.394	1,51		-	-

Faro

Inscritos: 313.469 Votantes: 180.216
 Abstenção: 42,51% (em 1995: 35,85%)
 Brancos: 2.497 Nulos: 2.092

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PS	87.162	48,37	49,57	5	5
PSD	53.096	29,46	29,20	3	3
PCP-PEV	14.886	8,26	7,80	-	-
CDS/PP	3.315	3,90	3,61	-	-
BE	4.106	2,22		-	-

Guarda

Inscritos: 171.374 Votantes: 102.142
 Abstenção: 40,40% (em 1995: 40,18%)
 Brancos: 874 Nulos: 1.558

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PS	44.254	43,33	43,64	2	2
PSD	40.024	39,18	39,89	2	2
CDS/PP	9.987	9,78	9,92	-	-
PCP-PEV	3.253	3,18	2,26	-	-
BE	1.088	1,07		-	-



O fim da festa que custou a haver

«Cerca de 100 a 150 pessoas festejavam hoje pelas 21 horas a vitória do PS, junto ao quartel-general da candidatura do PS, no Hotel Altis (Lisboa). As pessoas acenam bandeiras de Portugal e do PS, assistindo também às declarações dos dirigentes políticos num ecrã de televisão gigante colocado no exterior do hotel, e que vai alternando os canais.

«A Rua Castilho, onde fica o hotel, está parcialmente cortada ao trânsito, desde as 20.20 horas.

«A transmissão televisiva concentra as atenções das pessoas, que só se distraem quando se aproxima uma caravana, altura em que aproveitam para se aproximar e fazer o "V" da vitória, ao mesmo tempo que gritam "PS, PS".

«As bandeiras empunhadas pelos manifestantes estão a ser distribuídas gratuitamente, mas há quem se aproveite da situação, tentando vendê-las a 500 escudos, como aconteceu junto

da sede nacional do PS, no Largo do Rato, onde o negócio só terminou após intervenção de um agente da PSP.

«No Largo do Rato não estavam, cerca das 21.05 horas, mais de 50 pessoas, que dançavam ao som dos "Gipsy King", cuja música saía das enormes colunas de som colocadas à porta da sede do PS.»

(Lusa, às 21.18 horas de domingo.)

«Mais de duzentas pessoas estão concentradas frente ao Hotel Altis, em Lisboa, mas a euforia deu lugar ao silêncio quando foi apontado pela SIC que a maioria absoluta poderá ter escapado ao PS por três deputados.

«As pessoas que agitavam bandeiras de Portugal, do PS e da Juventude Socialista, gritando "PS, PS", rapidamente baixaram as bandeiras para ouvir com atenção a notícia de que o PS poderá não conquistar a maioria absoluta.

«Comentários como "mas já

não estava garantido?", ouviam-se de muitos dos presentes, ao mesmo tempo que se mostravam perplexos por ter sido levantada agora esta possibilidade, com muitos a afirmarem julgar já certa a maioria absoluta dos socialistas.

«O silêncio só foi interrompido por assobios e apupos quando o "video-wall" montado no exterior do Hotel Altis mostrou a sede do PSD a festejar essa possibilidade. Ainda assim, o barulho de buzinas e cornetas é muito e caravanas de carros com bandeiras socialistas continuam a passar na Rua Barata Salgueiro.

«Na Avenida da Liberdade, Praça do Comércio, Rossio e Marquês de Pombal são muito poucos os carros que festejam a vitória socialista nas legislativas de hoje. Só mesmo junto ao Hotel Altis muitos carros continuam a passar, com fortes buzinações, para comemorar a vitória do PS nas legislativas de hoje.»

(Lusa, às 22.11 horas de domingo.)

LEGISLATIVAS 99

Previsões para o calendário parlamentar

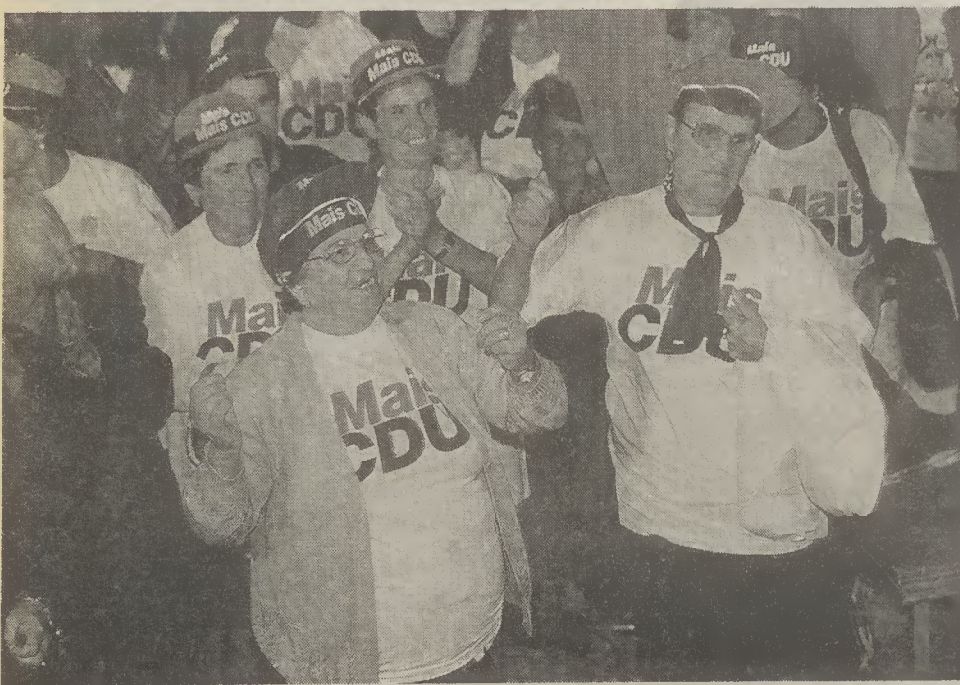
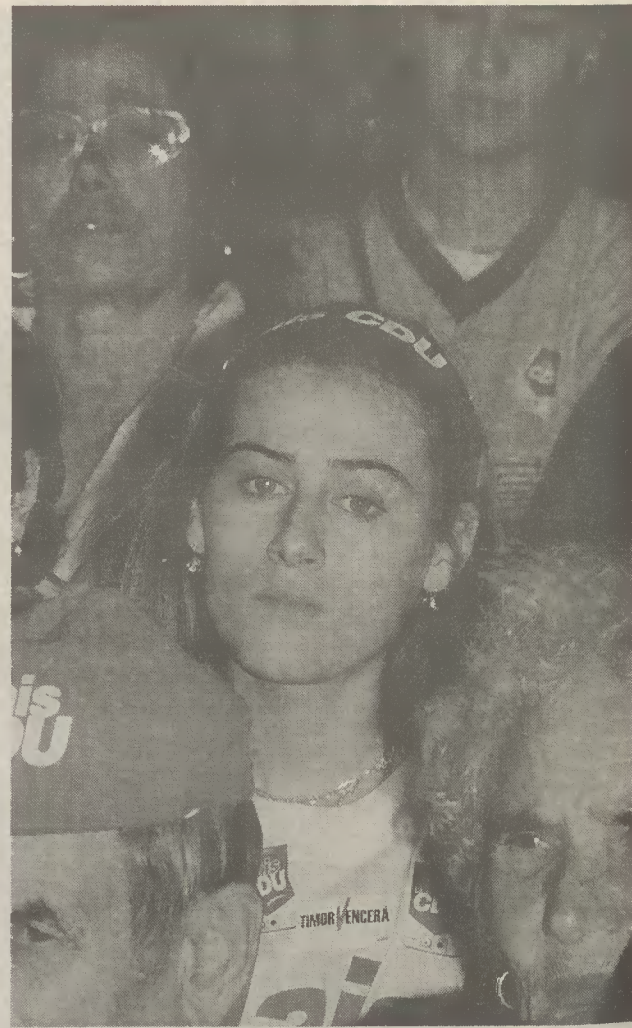
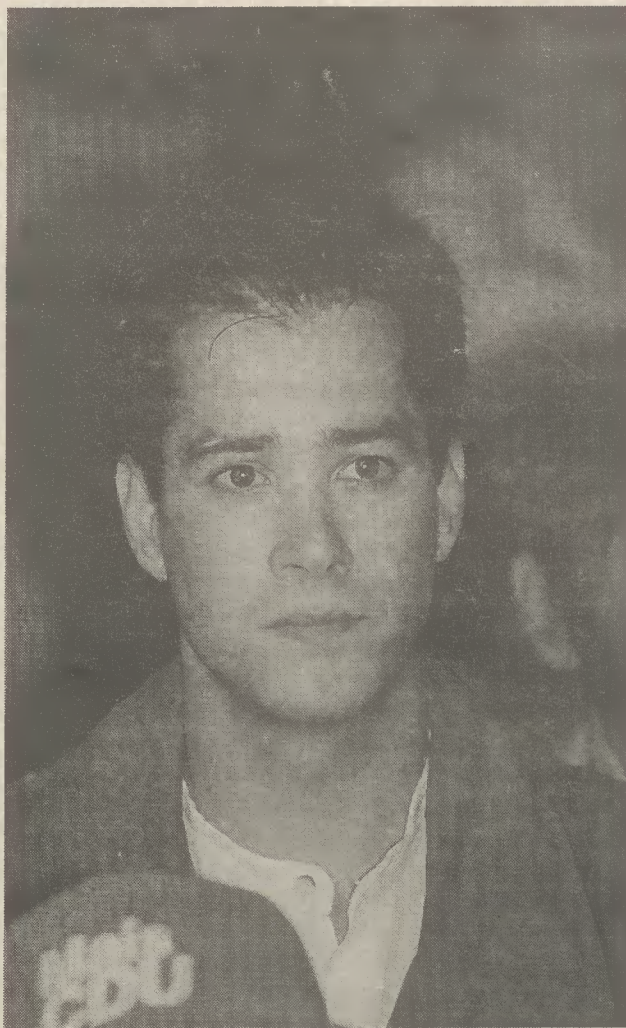
A Assembleia da República saída das eleições de domingo deverá reunir-se pela primeira vez na semana de 25 a 29 de Outubro.

Ao abrigo das disposições constitucionais, a AR reúne-se por direito próprio no terceiro dia posterior ao apuramento dos resultados gerais das eleições, que deveria iniciar-se terça-feira. Para dia 20 está marcado o escrutínio dos votos dos eleitores do estrangeiro, devendo nesse mesmo dia ficar concluído o processo de atribuição dos 230 deputados.

Caso tal se verifique e as actas de apuramento geral de todos os círculos eleito-

rais dêem entrada na Comissão Nacional de Eleições no dia seguinte, o mapa poderia ser publicado em «Diário da República», na melhor das hipóteses, no dia 23 (sábado) e a AR poderia reunir-se pela primeira vez a 26 de Outubro.

Todavia, a partir de dia 21 (com todos os mandatos já atribuídos), e na ausência de dúvidas sobre o partido vencedor do acto eleitoral, o Presidente da República estará em condições de nomear o primeiro-ministro, ouvidos os partidos representados no Parlamento e tendo em conta os resultados eleitorais.



Leiria

Inscritos: 375.983 Votantes: 232.785
Abstenção: 38,09% (em 95: 34,41%)
Branco: 1.838 Nulos: 2.269

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PPD/PSD	99.091	42,57	43,35	5	5
PS	85.589	36,77	36,71	4	4
CDS/PP	23.088	9,92	11,39	1	1
PCP-PEV	12.357	5,31	4,52	-	-
BE	3.843	1,65	-	-	-

Portalegre

Inscritos: 112.297 Votantes: 71.258
Abstenção: 36,55% (em 1995: 29,56%)
Branco: 768 Nulos: 675

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PS	36.545	51,29	50,46	2	2
PPD/PSD	16.068	22,55	23,43	1	1
PCP-PEV	10.723	15,05	13,96	-	-
CDS/PP	4.180	5,87	6,30	-	-
BE	876	1,23	-	-	-

Lisboa

Inscritos: 1.822.630 Votantes: 1.127.653
Abstenção: 38,10% (em 1995: 32,95%)
Branco: 14.702 Nulos: 9.339

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PS	479.772	42,60	44,10	23	24
PSD	307.623	27,30	29,00	14	15
PCP-PEV	138.175	12,30	12,00	6	6
CDS/PP	96.141	8,50	9,40	4	5
BE	55.260	4,90	-	2	-

Porto

Inscritos: 1.410.409 Votantes: 917.408
Abstenção: 34,95% (em 1995: 28,80%)
Branco: 8.896 Nulos: 6.930

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PS	439.784	47,94	46,63	18	18
PPD/PSD	299.478	32,64	36,39	12	14
CDS/PP	69.030	7,52	7,77	2	3
PCP-PEV	57.267	6,24	6,03	2	2
BE	21.411	2,33	-	-	-

LEGISLATIVAS 99



A maior abstenção em eleições legislativas

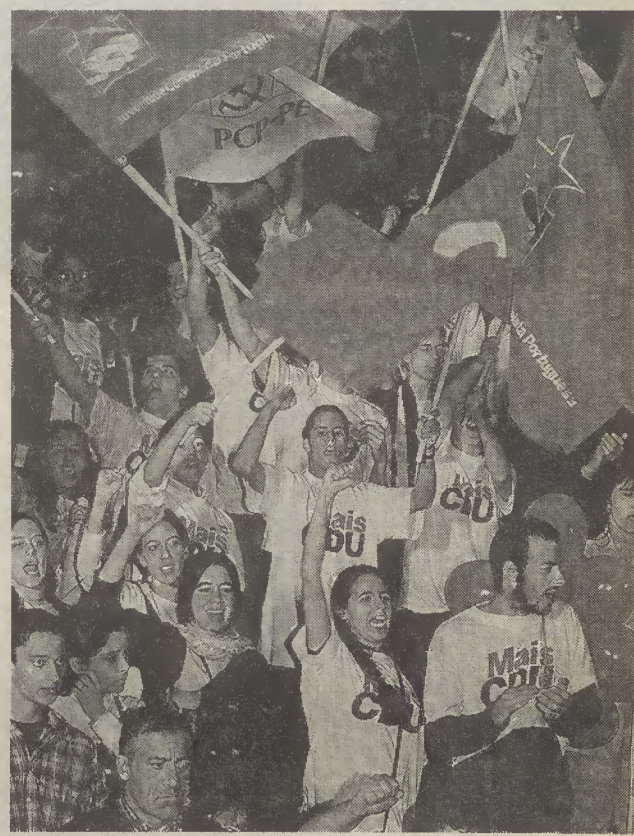
A abstenção nas eleições de domingo foi a mais elevada de sempre na história das legislativas em Portugal, com 3 308 906 dos 8 672 801 eleitores inscritos a não votarem, o que significa uma percentagem de 38,15 por cento.

A abstenção mais baixa, das nove eleições legislativas efectuadas após o 25 de Abril, ocorreu em 1979 (12,87 por cento), depois de em 1976 ter sido de 14,36 por cento.

A partir de 1979, a abstenção iniciou uma subida gra-

dual e constante, situando-se em 16,06 por cento (em 1980), 22,21 por cento (em 1983), 25,84 por cento (em 1985), 28,43 por cento (em 1987), 32,23 (em 1991) e 33,70 por cento (em 1995).

A abstenção em Macau registou domingo uma taxa de 91,94 por cento. Dos 11 994 eleitores recenseados em Macau apenas votaram 966. Nas eleições legislativas de 1995, estavam inscritos em Macau 12 499 eleitores tendo votado 1 800, o que deu uma taxa de abstenção de 85,5 por cento.



Santarém

Inscritos: 389.692 Votantes: 242.495
 Abstenção: 37,80% (em 1995: 31,98%)
 Brancos: 2.956 Nulos: 2.596

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PS	110.326	45,50	45,82	5	5
PSD	73.252	30,20	30,97	3	3
PCP-PEV	24.554	10,10	9,52	1	1
CDS/PP	19.559	8,10	8,71	1	1
BE	4.798	2,00		-	

Viana do Castelo

Inscritos: 225.652 Votantes: 137.179
 Abstenção: 39,21 (em 95: 35,59%)
 Brancos: 1.151 Nulos: 1.424

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PS	55.132	40,19	38,66	3	3
PSD	49.043	35,75	42,00	2	3
CDS/PP	19.239	14,02	11,19	1	-
PCP-PEV	6.877	5,01	4,54	-	-
BE	1.687	1,23		-	

Setúbal

Inscritos: 645.045 Votantes: 389.948
 Abstenção: 39,55% (em 1995: 32,30%)
 Brancos: 4.797 Nulos: 3.342

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PS	170.193	43,65	44,91	8	9
PCP-PEV	96.705	24,80	23,76	5	4
PSD	70.340	18,04	18,39	3	3
CDS-PP	21.969	5,63	7,22	1	1
BE	13.785	3,54		-	

Vila Real

Inscritos: 219.118 Votantes: 124.375
 Abstenção: 43,20% (em 1995: 39,79%)
 Brancos: 906 Nulos: 1.571

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PSD	56.507	45,40	45,97	3	3
PS	50.691	40,80	39,97	2	2
CDS/PP	8.599	6,90	7,82	-	-
PCP-PEV	2.992	2,40	1,94	-	-
BE	995	0,80		-	

LEGISLATIVAS 99



Mais frio no Altis

«O discurso do apelo à responsabilidade das oposições, feito pelo resignado Guterres, foi estreado ontem, por volta das dez da noite por António Costa. Apanhado no átrio do Altis pela SIC, Costa lá foi dizendo que a diferença entre uma maioria absoluta e uma relativa é que na primeira a responsabilidade é de quem governa, enquanto que na segunda a "grande responsabilidade é da oposição".»

«Foi o momento da inversão, do fim dos entusiasmos. A SIC publicitava que afinal a maioria absoluta dada como garantida não ia acontecer e o Altis começou a arrefecer. Se bem que, em boa verdade, ele nunca tenha sido propriamente triunfante.

«Era visível um clima de tensão subjacente nas declarações das diversas figuras de segunda, terceira e quarta fila que logo a partir do fecho das urnas

circularam entre os jornalistas. E a prudência era manifesta nas declarações de homens de confiança de Guterres, como António José Seguro, Ferro Rodrigues e Pina Moura. Só que quando a SIC atirou com o balde de água fria, de repente, desapareceram os dirigentes socialistas que até aí andavam entre os jornalistas. Que só voltaram para ouvir Guterres.»

(São José Almeida, «Público»,
11 de Outubro)

Viseu

Inscritos: 348.083 Votantes: 203.673
Abstenção: 41,50% (em 1995: 38,55%)
Branco: 1.780 Nulos: 2.473

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PSD	90.116	44,20	44,23	4	4
PS	77.809	38,20	38,35	4	4
CDS/PP	21.294	10,50	11,47	1	1
PCP-PEV	4.470	2,20	1,80	-	-
BE	2.399	1,20		-	

RA Açores

Inscritos: 186.578 Votantes: 93.763
Abstenção: 49,75% (em 1995: 43,50%)
Branco: 687 Nulos: 802

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PS	49.947	53,27	37,50	3	2
PPD/PSD	33.564	35,80	47,80	2	3
CDS/PP	5.215	5,56	9,39	-	-
PCP-PEV	1.612	1,72	1,74	-	-
BE	992	1,06		-	

RA Madeira

Inscritos: 208.567 Votantes: 121.583
Abstenção: 41,71% (em 95: 35,27%)
Branco: 1.280 Nulos: 1.850

	VOTOS	PERCENTAGEM		DEPUTADOS	
		1999	1995	1999	1995
PSD	56.302	46,31	46,07	3	3
PS	42.615	35,05	32,85	2	2
CDS/PP	12.930	10,63	12,92	-	-
PCP-PEV	3.424	2,82	1,31	-	-
BE	1.480	1,22		-	



LEGISLATIVAS 99



Alegria e festa na Soeiro

«A alegria era tal que ontem os militantes da CDU no bar da sede do PCP, em Lisboa, até bateram palmas a Jorge Coelho. Quando o ministro e candidato do PS por Setúbal reconheceu, numa televisão, que os socialistas não iriam obter a maioria absoluta. “Caramba, andámos a penar 16 anos. Há 16 anos que não subíamos assim a votação.” A frase foi sendo repetida ao longo da noite, aqui e ali, à medida que, na sede da Soeiro, as projecções dos resultados, às sete da tarde, se foram confirmando nos resultados oficiais. Mas a casa ia indo abaixo quando se soube que a CDU recuperou o deputado por Braga (Agostinho Lopes, no caso) e elegeu mais em Setúbal, o quinto.» (...)

«E foi já em clima de festa que Carvalhas desceu da sala de conferências de imprensa até ao rés-do-chão, ao bar, para falar aos muitos militantes que foram chegando, ao longo da noite eleitoral, no meio de grande gritaria e bandeiras da CDU e do PCP. “É um momento de grande contentamento”, começou por dizer. Nunca “virámos as costas ao trabalho”, afirmou Carvalhas, mesmo quando o partido “teve resultados negativos ou insatisfatórios”. Agora, com o “reforço da CDU”, que pediu até à exaustão durante toda a campanha, encara o futuro “com mais confiança” e promete, hoje com mais dois deputados, continuar a trabalhar.»

(Nuno Simas, «Diário de Notícias», 11 de Outubro)



Podemos ir para a rua?

«A sala irrompe em aplausos quando as primeiras estimativas negam a maioria absoluta ao PS. Aparentemente, estava, assim, garantido um dos objectivos da CDU. “Vou fumar mais um cigarro”, comemorava uma das militantes mais atentas ao desenrolar da contagem dos votos, na noite de ontem, na sede do PCP na Avenida da Boavista, no Porto. Desde o fecho das urnas que aquela era uma sala invadida por uma serenidade intensa, em silêncio quando eram entrevistados dirigentes nacionais do PCP, mais ruidosa quando o discurso era outro. Quando, por exemplo, era Santana Lopes quem discursava: “Na direita não há ninguém cor-

recto... São coisas de partidos burgueses”.

«Paulatinamente, a serenidade foi substituída por um contentamento crescente. À medida que eram anunciados os resultados da CDU, o ambiente era mais distendido e os aplausos subiam de tom. Com o anúncio da conquista de um deputado pelo círculo de Braga, com os resultados em Évora, mas sobretudo quando foi conhecido o 16.º deputado da coligação ou quando a maioria absoluta se tornou uma miragem socialista. “A CDU já pode sair para a rua?”, perguntava um comunista mais afoito.»

(Amílcar Correia, «Público» de 11 de C

AGENDA

REUNIÕES E PLENÁRIOS

ALHANDRA

Reunião concelhia de Quadros sobre os resultados eleitorais, com a participação de **Francisco Lopes**: sábado, dia 16, às 15h30, no CT de Alhandra

FARO

Plenário da Organização Regional do Algarve, para análise dos resultados das eleições legislativas: sábado, 16, a partir das 15h, no Centro de Trabalho de Faro

LISBOA

● Plenário de militantes do Sector Sindical da ORL para análise das eleições legislativas e discussão das próximas



batalhas políticas e sociais: segunda-feira, dia 18, às 20h30, com a participação de **José Casanova**

● Plenário do Sector Intelectual da ORL, sobre resultados eleitorais e tarefas do Partido, com

a participação de **Luís Sá**: segunda-feira, 18, às 21h, no CT Vitória

● Reunião alargada do Organismo de Direcção da Zona Centro, com a participação de **António Andrez**: terça-feira, 19, às 21h, no Centro de Trabalho Vitória

● Plenário da Organização do Sector Público da ORL, com a participação de **José Casanova**: terça-feira, 19, às 18h, no CT da Av. Duque de Loulé

● Plenário de Quadros da Organização da Função Pública de

Lisboa, para análise de resultados eleitorais e discussão do plano de acção 99/2000: quarta-feira, 20, às 18h30, no CT Vitória

● Plenário do Sector da Saúde da ORL: quarta-feira, 20, às 21h, no Centro de Trabalho Vitória

● Plenário de militantes da Zona Norte da Cidade de Lisboa, com a participação de **Luís Fernandes**: terça-feira, 19, no CT Vitória

● Plenário de militantes do Sector de Transportes da ORL, com a participação de **José Casanova**: quinta-feira, 21, às 18h, no CT Vitória

ODIVELAS

Plenário concelhio de Quadros, com a participação de **Domingos Abrantes**: sexta-feira, 15, às 21h30, no CT de Odivelas

OEIRAS

Reunião alargada do O.D. do Sector de Empresas: quarta-feira, dia 20, às 19h

SINTRA

Reunião da Comissão Concelhia, Comissões de Freguesia e outros quadros do Partido sobre resultados eleitorais e planificação do trabalho para os próximos meses: sexta-feira, dia 15, no salão da Igreja de Rio de Mouro, com a participação de **António Andrez**



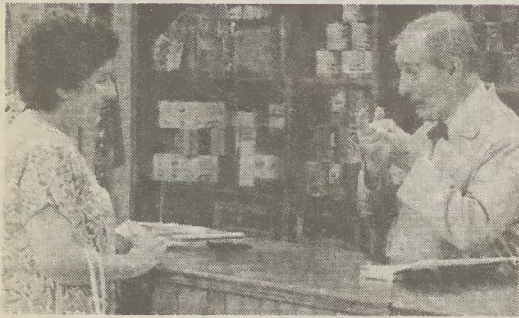
Para analisar os resultados eleitorais de 10 de Outubro, reúne hoje o Comité Central do Partido Comunista Português

Legislativas 99

Mais
CDU

PCP-PEV





A «Loja de Camilo», mais uma adaptação de uma «sit-com» inglesa, em estreia na SIC

Quinta, 14

RTP 1

08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.50 Consultório
14.50 Nas Asas do Destino
16.00 Amigo Público
17.00 Infantil
19.00 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 A Lenda da Garça
22.00 Lições do Tonecas
22.30 A Mulher de Branco
23.30 24 Horas
00.20 A Namorada Errada
(de David Jackson, EUA, com Barbara Mandrell, Zoe McLellan, Jonathan Scarfe, Barry Plaitman. Drama)

RTP 2

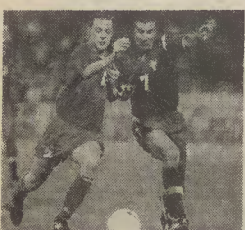
15.00 Informação Gestual
15.45 Derrick
16.30 Lendas da História
17.30 Matas, Bosques e Brenhas
18.00 Informação Religiosa
19.00 Juvenil
20.30 Riscos
21.00 Conrad Bloom
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.40 Acontece
23.05 Juízo Final
23.35 No Rasto do Mal
00.30 Sinfonias de Guerra - Shostakovich

SIC

08.00 Buéréré
10.00 Sic 10 Horas
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Fátima Lopes
18.00 Andando nas Nuvens
19.00 A Força de um Desejo
20.00 Jornal da Noite
21.00 Suave Veneno
22.00 Esta Semana
23.30 Caçadores de Prémios 2
(de George Erschbamer, EUA/1997, com Michael Dudikoff, Lisa Howard, Tony Curtis. Comédia/Ação)

TVI

09.00 Animação
11.00 Estrela de Fogo
12.15 Sangue do Meu Sangue
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
14.30 Samantha
15.30 Colégio Brasil
16.00 Animação
18.30 Asas nos Pés
19.30 Directo XXI
20.00 S.O.F. - Força Especial
21.00 Directo XXI
21.15 Um por Todos
22.30 Transxuais
23.15 A Bola É Nossa
01.00 A Revolta da Cidade
(de Rob Nilsson EUA/1998, com Ron Perlman, Stephen Lang, Judy Collins. Ficção Científica)
02.50 Will & Grace
03.20 Aventuras no Pacífico
04.20 A Balada de Hill Street
05.20 Mulher Perigosa



...e Futebol - agora mais do que nunca

Sexta, 15

RTP 1

08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.50 Consultório
14.50 Nas Asas do Destino
16.00 Amigo Público
17.00 Infantil
19.00 Regiões
20.00 Telejornal



«Jonathan Creek»: ao domingo na RTP2

21.05 Lenda da Garça
22.00 Companhia do Riso
22.30 Dragão de Fumo
23.30 Passeio da Fama
00.30 24 Horas
01.20 Irmãos Até à Morte
(de Tibor Takacs, EUA/1993, com Lorenzo Lamas, Hank Cheyne, Kimberley Kates, Joe Son. «Thriller»)
03.05 Ondas de Crime
(de Doug Barr, EUA/1996, com Dale Midkiff, Erika Eleniak, Paul Johansson. «Thriller»)
05.00 Fórmula 1 - GP da Malásia

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.45 O Caminho das Estrelas
16.30 Lendas da História
17.30 Matas, Bosques e Brenhas
18.00 Programa Religioso
18.35 Ilhas Vivas
19.00 Juvenil
20.35 Riscos
21.00 Conrad Bloom
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.50 Acontece
23.05 Mente Assassina
00.40 Os Planetas - A Lua
01.40 Amigos

SIC

08.00 Buéréré
10.00 Sic 10 Horas
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Fátima Lopes
18.00 Andando nas Nuvens
19.00 A Força de um Desejo
20.00 Jornal da Noite
21.00 Ponto de Encontro
22.40 Suave Veneno
23.45 Jogo Limpo
02.00 Último Jornal
02.35 Oteló
(de Oliver Parker, EUA/1995, com Laurence Fishburne, Kenneth Branagh, Irene Jacob, Nathaniel Parker, Ver Desteque)
04.45 Portugal Radical
05.15 Vibrações

TVI

09.00 Animação
11.00 Estrela de Fogo
12.15 Sangue do Meu Sangue
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
14.30 Samantha
15.30 Colégio Brasil
16.00 Animação
18.30 Asas nos Pés
19.30 Directo XXI
20.00 S.O.F. - Força Especial
21.00 Directo XXI
21.15 Os Reis da Música Nacional
24.00 Mãe aos 15
(de Sam Pillsbury, EUA/1997, com Park Overall, Kirsten Dunst, David Andrews, Margot Demeter. Drama)
02.00 Will & Grace
02.30 Aventuras no Pacífico
03.30 A Balada de Hill Street
04.30 Mulher Perigosa

Sábado, 16

RTP 1

08.00 Infantil/Juvenil
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Top +
15.00 Máquinas
16.00 Estrada Viva
16.40 Invasores Espaciais
(de Patrick Read Johnson, EUA/1990, com Douglas Barr, Royal Dano, Ariana Richards, J.J. Anderson. Comédia/Ficção Científica)
18.55 Futebol: Gil Vicente-Benfica
21.00 Telejornal
22.10 Santa Casa
24.00 Nash Bridges
01.00 24 Horas
01.40 Liga dos Campeões
02.45 Gelo
(de Bradford May, EUA/1996, com Dale Midkiff, Joe Pantoliano. Policial)
06.00 Fórmula 1 - GP da Malásia

RTP 2

09.00 Universidade Aberta
12.00 Quem Sai aos Seus
12.35 Juvenil
13.40 Dinheiro Vivo
14.00 Gente da Cidade



14.30 Desporto 2
19.00 2001
19.30 Onda Curta
(Um Dia Bem Passado, de Charles Chaplin. Curta Metragem)
20.00 Os Aventureiros - Hillary e Tenzing
20.55 Departamento de Homicídios
22.00 Jornal 2
22.50 O Lugar da História
23.40 Allô, Allô!
00.10 Crimes do Pior
00.40 Smith and Jones
01.10 Genalogias de um Crime
(de Raul Ruiz, Fr./1991, com Catherine Deneuve, Michel Piccoli, Melvyn Poupaud, Bernadette Lafont. Ver Desteque)

SIC

08.00 Zip Zap
11.55 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Quase Uma Família
(de Jonathan Kaplan, EUA/1989, com Glenn Close, James Woods, Mary Stuart Masterson. Ver Desteque)
16.00 Big Show Sic
20.00 Jornal da Noite
21.00 Mundo VIP
22.20 Pequenos e Terríveis
23.30 Contas Saldadas
(de Rod Hewitt, EUA/1998, com Lorenzo Lamas, Angela Jones, Michael Paré. Ação)
01.50 Afrodisia
02.50 Último Jornal
03.25 Portugal Radical

TVI

09.00 Animação
12.20 Top Rock
13.30 Contra-Ataque
14.30 Caras Lindas
16.00 Paixões de Agosto
(de Anthony Hopkins, EUA/1996, com Anthony Hopkins, Hugh Lloyd, Kate Burton, Leslie Phillips. Drama)
18.30 Na Linha do Inimigo
(de Mark Griffiths, EUA/1996, com Chris Mulloney, Courtney Gains, Mark Carlton. Guerra)
21.00 Directo XXI
21.10 Negligência Médica
(de Peter Levin, EUA/1997, com Bill Brochtrup, Brook Pierce, Casey Biggs. Drama)
23.00 Hong Kong '97
(de Albert Pyun, EUA/1994, com Brion James, Ming-Na Wen, Robert Patrick, Tim Thomerson, Andrew Divoff. Espionagem)
01.00 Histórias Fantásticas
02.00 A Balada de Hill Street
03.00 Mulher Perigosa

Domingo, 17

RTP 1

08.00 Infantil / Juvenil
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Made in Portugal
15.10 Academia de Polícia
16.10 Silverado
(de Lawrence Kasdan, EUA/1985, com Kevin Kline, Scott Glenn, Kevin Costner, Danny Glover, Brian Dennehy, Linda Hurt, Jeff Goldblum, John Cleese. Ver Desteque)
18.40 Destinos de Sofia
19.25 Domingo Desportivo
20.00 Telejornal
21.20 Os Principais
22.45 Jet Set
23.20 Domingo Desportivo
00.35 24 Horas
01.15 Stryker
(de Cirio H. Santiago, EUA/Filipinas/1983, com Steve Sandor, Andria Savio, William Ostrander, Michael Lane, Julie Gray. «Thriller»)

RTP 2

09.00 Programa Religioso
10.30 Missa
11.20 Infantil / Juvenil
13.05 Quem Sai aos Seus
13.30 Saber & Fazer
14.00 Jornal d' África
14.30 Rotações
15.00 Desporto 2
18.40 Ladrão que Rouba Ladrão
20.00 Artes e Letras - «Chopin»
21.00 Jonathan Creek
22.00 Jornal 2
22.50 Horizontes da Memória
23.20 Faenas
23.50 Fim de Semana em Família
(de Jodie Foster, EUA/1995, com Holly Hunter, Robert Downey, Jr., Anne Bancroft, Charles Durning, Geraldine Chaplin. Comédia Dramática)

SIC

08.00 Zip Zap
12.00 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Os Meus Vizinhos
(de Jeff Kanev, EUA/1989, com Shelley Long, Craig T. Nelson, Betty Thomas, Mary Gross. Comédia)
16.00 Vip
17.00 Rex, O Cão Polícia
18.00 O Quinto Elemento
(de Luc Besson, EUA/1997, com Bruce Willis, Gary Oldman, Milla Jovovich. Ver Desteque)
20.00 Jornal da Noite
21.00 Um Sarilho Chamado Marina



«Esta Semana» de regresso, à quinta-feira na SIC

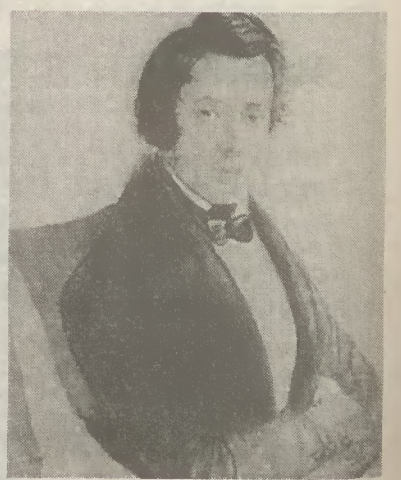
21.30 A Loja de Camilo
22.00 Casos de Polícia
00.15 Avaria no Asfalto
(de Jonathan Mostow, EUA/1997, com Kurt Russell, J.T. Walsh, Kathleen Quinlan. Ação)
02.00 Último Jornal
02.35 Médicos sem Fronteiras
03.35 Portugal Radical

TVI

09.00 Animação
11.00 Programa Religioso
11.50 Missa
13.00 O Adeus de Emma
(de Graeme Rattigan, EUA/1996, com Aden Gille, Jack Thompson, Jacqueline McKenzie. Comédia)
15.00 Caras Lindas
17.30 Segredo das Estrelas
19.00 Michael Parré - A Arma Secreta
21.00 Directo XXI
21.15 Todo o Tempo do Mundo
22.05 Causa Justa
23.00 A Última Caminhada
(de Tim Robbins, EUA/1995, com Sean Penn, Susan Sarandon, Robert Prosky. Ver Desteque)
01.20 Poderes Ocultos
(com Amy Dolenz, Timothy Gibbs, John Gatins. Drama)
03.15 A Balada de Hill Street
04.15 Mulher Perigosa



Leitão de Barros na galeria de «Retratos» da RTP: segunda-feira à noite



Chopin no «Artes e Letras», dedicado ultimamente aos grandes compositores (RTP2, domingo, às 20)

Segunda, 18

RTP 1

08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Consultório
14.40 Nas Asas do Destino
16.00 Amigo Público
17.00 Infantil
19.00 Regiões
20.00 Telejornal
21.05 A Lenda da Garça
21.45 Esquadra de Polícia
22.50 Jogo Falado
00.45 24 Horas
01.35 Fim de Semana de Osterman
(de Sam Peckinpah, EUA/1983, com Rutger Hauer, John Hurt, Craig T. Nelson, Dennis Hopper. Espionagem)

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.30 Novas Aventuras de Robin Hood
16.30 Lendas da História
17.30 Matas, Bosques e Brenhas
18.00 Informação Religiosa
18.35 Universidade Aberta
19.00 Juvenil
20.30 Riscos
21.00 Conrad Bloom
22.00 Jornal 2
22.50 Acontece
23.35 A Coroa e o País
00.05 Perigo iminente
01.00 Retratos: «Leitão de Barros»

SIC

08.00 Buéréré
10.00 Sic 10 Horas
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Fátima Lopes
18.00 Andando nas Nuvens
19.00 A Força de um Desejo
20.00 Jornal da Noite
20.50 Clube dos Campeões
21.20 Suave Veneno
22.30 Roda de Milhões
00.40 Espírito do Sol
(de Michael Cimino, EUA/1996, com Woody Harrelson, Jon Seda, Anne Bancroft. Ação)
03.00 Último Jornal
03.35 Detour
(de Edgar G. Ulmer, EUA/1945, com Tom Neal, Ann Savage, Claudia Drake, Tim Ryan. Ver Desteque)
04.50 Portugal Radical

TVI

09.00 Animação
11.45 Estrela de Fogo
12.15 Sangue do Meu Sangue
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
14.30 Samantha
15.30 Colégio Brasil
16.00 Animação
18.30 S.O.F. - Força Especial
19.30 Directo XXI
20.00 Tiro e Queda
21.00 Directo XXI
21.10 A Testemunha
(de Yves Simoneau, 1997, com Tori Paul, Blu Mankuma, Molly Parker, Piper Laurie. Drama)
00.30 Will & Grace
01.00 Terra: Conflito Final
02.00 Jogo de Sedução
02.30 A Balada de Hill Street
03.30 Mulher Perigosa

Terça, 19

RTP 1

08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Consultório
14.40 Nas Asas do Destino
16.00 Amigo Público
17.00 Infantil
19.00 Regiões
20.00 Telejornal
21.05 A Lenda da Garça
21.40 Herman 99
23.45 Jesse
01.15 24 Horas
02.05 Sequest, Brigada Submarina

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.45 Derrick
16.35 Tesouros do Mundo Antigo
17.30 Matas, Bosques e Brenhas
18.00 Informação Religiosa
18.35 Juvenil
20.30 Riscos
21.00 Conrad Bloom
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.50 Acontece
23.35 Felizes Juntos
(de Wong Kar-Wai, Hong-Kong/1997, com Leslie Cheung, Tony Leung, Chang-Chen, Chiu-Wai. Ver Desteque)
01.20 Valley Deep Mountain High

SIC

08.00 Buéréré
10.00 Sic 10 Horas
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Fátima Lopes
18.00 Andando nas Nuvens
19.00 A Força de um Desejo
20.00 Jornal da Noite
21.00 Médico de Família
22.15 Suave Veneno
23.30 A Lei das Ruas
(de Travis Milloy, EUA/1997, com Justin Page, Scott Cooke. Drama/Ação)
02.30 Último Jornal
03.05 Cidade Escaldante
03.35 Portugal Radical

TVI

09.00 Animação
11.45 Estrela de Fogo
12.15 Sangue do Meu Sangue
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
14.30 Samantha
15.30 Colégio Brasil
16.00 Animação
18.30 S.O.F. - Força Especial
19.30 Directo XXI
20.00 Tiro e Queda
21.00 Directo XXI
21.10 A Testemunha
(de Yves Simoneau, 1997, com Tori Paul, Blu Mankuma, Molly Parker, Piper Laurie. Drama)
00.30 Will & Grace
01.00 Terra: Conflito Final
02.00 Jogo de Sedução
02.30 A Balada de Hill Street
03.30 Mulher Perigosa

Quarta, 20

RTP 1

08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Consultório
14.50 Nas Asas do Destino
16.00 Amigo Público
17.00 Infantil
19.00 Regiões
19.35 Futebol: F.C.Porto-Real Madrid
21.45 Telejornal
22.50 A Lenda da Garça
23.30 Liga de Campeões
00.40 O Contrato
(de Stephen Frears, Gr.Br./1984, com Terence Stamp, John Hurt, Tim Roth, Laura Del Sol, Bill Hunter. Ver Desteque)
02.30 24 Horas
03.20 Diário de Maria

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.45 Novas Aventuras de Robin dos Bosques
16.30 Tesouros do Mundo Antigo
17.30 Matas, Bosques e Brenhas
18.00 Informação Religiosa
18.35 Juvenil
20.30 Riscos
21.00 Conrad Bloom
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.50 Acontece
23.00 Sinais do Tempo ou Zoom
00.05 Ópera: «O Barbeiro de Sevilha»

SIC

08.00 Buéréré
10.00 Sic 10 Horas
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Fátima Lopes
18.00 Andando nas Nuvens
19.00 A Força de um Desejo
20.00 Jornal da Noite
21.00 Jornalistas
22.15 Suave Veneno
23.15 Rendição Incondicional
(de Corey Yuen, EUA/1985, com Jean-Claude Van Damme, Kurt McKinney. Artes Marciais)
01.15 Toda a Verdade
02.15 Último Jornal
02.50 O Sexo e a Cidade
03.20 Portugal Radical

TVI

09.00 Animação
11.45 Estrela de Fogo
12.15 Sangue do Meu Sangue
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
14.30 Samantha
15.30 Colégio Brasil
16.00 Animação
18.30 S.O.F. - Força Especial
19.30 Directo XXI
20.00 Tiro e Queda
21.00 Directo XXI
21.15 Ri-te Ri-te
22.40 Gridlock
(de Sándor Stern, Can./1996, com David Hasselhoff, Kathy Ireland, Miguel Fernandes. Ação)
01.00 Will & Grace
01.30 O Corvo
02.30 Terra: Conflito Final
03.30 A Balada de Hill Street
04.30 Mulher Perigosa

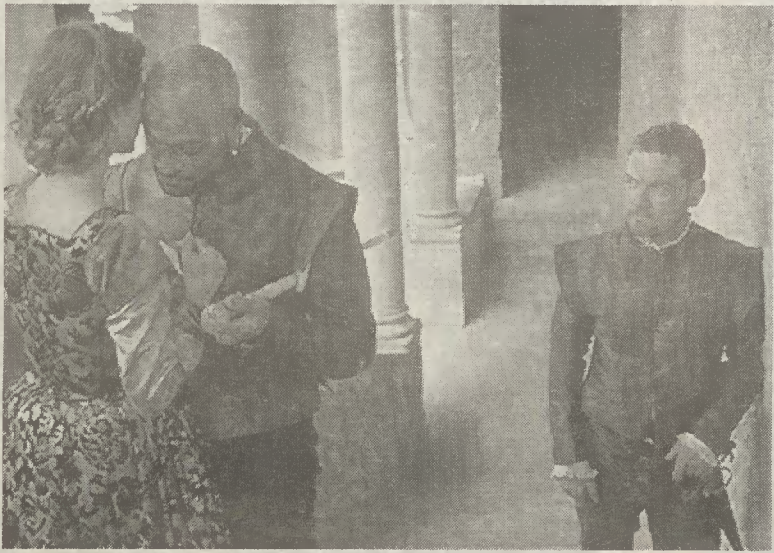
Nota: A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

TELEVISÃO

Por isto e por aquilo...

Otelo (Sexta, 02.35, SIC)

Eis uma adaptação americana do célebre clássico de Shakespeare, embora com a participação do britânico Kenneth Branagh no papel de Iago. Quem já viu e tem opinião confiável coloca fortes reservas não apenas à adaptação operada pelo realizador Oliver Parker mas também à própria caracterização psicológica das principais personagens, como se nada neste filme tivesse a ver com o original. Resta, portanto (se a insónia atacar!), prepararmos para ver pela primeira vez este filme na nossa TV e confirmar ou não a justeza das reticências.



«Otelo» e a intriga de Shakespeare, numa nova versão adaptada e realizada por Oliver Parker



Um fotograma de «O Quinto Elemento», de Luc Besson, as aventuras agora em estreia na televisão portuguesa

Quase uma Família (Sábado, 14.00, SIC)

Se não fossem alguns momentos elevados da interpretação de dois dos melhores actores americanos do momento - Glenn Close e James Woods, que, no fundo, justificam este destaque -, este filme seria imediatamente atirado para a prateleira dos mais insuportáveis melodramas, por muito que seja de respeitar a história que lhe está na base: o desejo, impossível de concretizar, de um casal maduro em ter um filho; e o seu encontro com um jovem casal que, à beira de ter um, é assaltado pelas incertezas sobre a sua capacidade de assumir essa responsabilidade. Repleto de clichés, este filme de Jonathan Kaplan dificilmente resiste a uma visão exigente. Pelo que bem podia ter sido colocado pela SIC no horário favorito: ou seja, fora de horas!

Genealogias de um Crime

(Sábado, 01.10, RTP2)

Como bem salienta o texto de apresentação deste filme constante do Boletim de Programas da RTP, o realizador chileno Raul Ruiz (de novo em destaque nestes dias pela sua adaptação de Proust) costuma interessar-se pela temática dos desdobramentos da personalidade, a qual volta a marcar este seu filme produzido em França pelo português Paulo Branco e que, inspirado num caso verídico passado no início do século, nos dá a conhecer a história sórdida de um crime e das duplicidades dos que nele estão envolvidos. Com a bela Catherine Deneuve e o inquietante Michel Piccoli, este é um filme premiado em Cannes, em estreia nas nossas televisões.

Silverado (Domingo, 16.10, RTP1)

Com um elenco irrepreensível e um habilíssimo argumento dos irmãos Kasdan (Mark e Lawrence), *Silverado* chegou às

pela primeira vez na televisão portuguesa) um dos maiores êxitos de bilheteira dos últimos anos. Apoiado na eficaz indústria do cinema comercial norte-americano, Besson conta-nos a história com ressonâncias e estética de banda desenhada de um motorista de táxi (Bruce Willis, pois claro!) que se cruza com uma mulher misteriosa que tem nas mãos o destino da humanidade, sendo que o nosso herói se transforma de um momento para o outro no salvador do mundo. Para entreter e divertir!

A Última Caminhada (Domingo, 23.00, TVI)

Já conhecido de anteriores projecções nas nossas televisões, este é o caso dramático de um condenado à morte pelo crime que vitimou uma criança e que, à beira de percorrer o sinistro corredor da morte, acaba por pedir o auxílio de uma religiosa para que esta o reconforte nos últimos momentos da sua vida. Um filme de forte intensidade e grande profundidade humana, brilhantemente interpretado por Sean Penn e Susan Sarandon e realizado com poderosa contenção por Tim Robbins.

Detour

(Segunda, 03.35, SIC)

Dirigida por Edgar G. Ulmer com uma patente falta de meios, esta obra cinematográfica (porventura inédita entre nós, como aconteceu na época da sua estreia com outros países europeus), transformou-se num filme de culto que se impõe pela sua atmosfera de pesadelo, assim escapando ao ridículo de algumas indistinctas

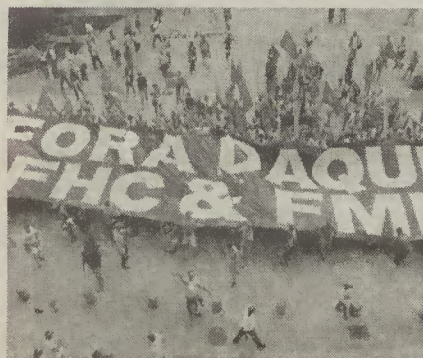
Felizes Juntos (Terça, 23.35, RTP2)

Premiado no Festival de Cannes de 1997, este filme realizado por Wong Kar-Wai, um dos mais famosos cineastas chineses de Hong Kong, é apresentado como um melodrama psicológico e intimista que nos revela a história de dois jovens homossexuais que resolvem partir à aventura para uma Buenos Aires onde a sorte os separa e o infortúnio volta a juntar. Com uma admirável fotografia a preto e branco e cor, eis mais um filme a descobrir esta semana.

O Contrato (Quarta, 00.40, RTP1)

O cineasta britânico Stephen Frears realizou este filme em meados dos anos 80, uma obra plena de finura e humor que se destaca por recusar o espectáculo pelo espectáculo e nos conta a história de um criminoso que, após dez anos de andar escondido, é descoberto por dois assassinos que pretendem fazê-lo desaparecer. Com um assinalável elenco, em que se destacam Terence Stamp, John Hurt ou Tim Roth (que aqui se estreia no cinema), a atenção vai ainda para o tema do genérico, da autoria de Eric Clapton.

CABO & SATÉLITE

**Globalização e crise social**

A foto não engana: em 30 de Abril deste ano, uma gigantesca manifestação desenrolava-se em S. Paulo (Brasil) cuja palavra de ordem era «Fora Daqui FHC (Fernando Henrique Cardoso) e FMI». É bem sabida a gravíssima crise social e os flagrantes desequilíbrios Norte-Sul provocados pela todo-poderosa e omnipresente política neoliberal, a chamada «globalização económica», através da qual os grandes potentados económicos transnacionais pretendem moldar e dominar o mundo e os governos seus lacaios submetidos às directrizes económicas do FMI e do Banco Mundial.

A propósito, o canal franco-alemão Arte debruça-se na emissão temática de hoje - intitulada «O Triunfo do Dinheiro» - sobre esta problemática, para tal apresentando uma série de documentários cujo simples enunciado demonstra o interesse da emissão. O primeiro deles, «O Poder FMI», de Pascal Vasselin (1999) é um inquérito levado a cabo durante seis meses junto do Director Geral do FMI,

Michel Camdessus.

«Geraldo, A Crise e Nós» é um documentário de Patrice Barrat e Jon Alpert (1999) que se anuncia impressionante e de grande frontalidade debruçando-se paradigmaticamente sobre a tragédia social de um torneio mecânico brasileiro, um dos 2800 operários despedidos pela multinacional Ford no Natal do ano passado. Seguem-se um debate de cerca de 20 minutos e um outro documentário intitulado «O Dinheiro Nunca Dorme», de Alain Lasfargues (1999), para tudo terminar (como é habitual) com uma obra de ficção, esta a primeira obra-prima do grande mestre do expressionismo alemão G. W. Pabst intitulada «O Tesouro» (1911, mudo, 80 min.) que se considerava perdida após a sua estreia em 1923, aqui numa versão que se anuncia magnificamente restaurada (incluindo a banda sonora musical) a partir de uma cópia conservada na cinemateca de Praga, um achamento que é depois contado num pequeno documentário de Holger Stern justamente intitulado «Os Caçadores do Tesouro». Enfim, para alguma coisa haveria de servir a televisão - mesmo independente e privada, mas entendida como verdadeiro serviço público! (Arte, Quinta-feira, entre as 19.45 e as 01.10)



As interpretações dramáticas de Sean Penn e Susan Sarandon, em «A Última Caminhada», de Tim Robbins

salas de cinema em meados da década de 80, após longos anos de eclipse do western. E logo se percebeu constituir como que uma homenagem a um género glorioso do cinema clássico americano, num desenvolvimento e criativo pastiche dos tiques e dos ingredientes dramáticos (e cómicos) que encontramos nos seus melhores exemplos. História movimentada que nos fala da construção de amizades entre aventureiros solitários que o acaso faz cruzar, não falta também aqui a conjugação de esforços dos «justiceiros» para enfrentar a corrupção e o autoritarismo de um grande rancheiro mancomunado com o sheriff... Enfim, um prazer para os olhos e para a memória.

O Quinto Elemento (Domingo, 16.50, SIC)

Realizado pelo francês Luc Besson, cá está (segundo julgamos

veis incongruências. Em poucas palavras, tudo começa com um homem a pedir boleia a um desconhecido para mais depressa ir ao encontro de uma sua amiga e que, ao cabo de uma série de peripécias (aqui incontáveis, de tão numerosas e inimagináveis) se vê envolvido numa misteriosíssima história. Com se trata de um dos Filmes do Século, a SIC vai transmiti-lo às 3.35 da manhã... se começar a horas!

P. 93525001000

Desculpem-me a provocação, mas continuo a dar por mim a constatar que o espectador de televisão neste país, pela força da habitação, parece já ter sido completamente anestesiado face à sem-vergonha de que dão prova, em geral, todos os nossos operadores televisivos, no uso e abuso (quantas vezes ultrapassando os próprios limites legais) da faculdade que a mesma Lei lhes confere de inserirem publicidade nas suas emissões.

É certo que esta situação se agravou substancialmente a partir do momento em que o oportunismo político objectivamente permitiu que o governo de um tal Cavaco Silva, em tempos que já lá vão, tenha desviado a atenção dos portugueses, utilizando em clara manobra demagógica a «benesse» de aparentemente lhes poupar o pagamento de uma taxa de televisão para, ao mesmo tempo, de forma indirecta, abrir caminho para que se continue a sacar do bolso dos contribuintes os milhões de contos que todos os anos cobrem os constantes défices que a gestão absurda, incompetente e suicida da nossa televisão pública origina.

Entretanto, mesmo dando de barato esta «inevitabilidade» de ter de continuar a suportar os autênticos exageros publicitários que se sucedem no primeiro canal da RTP, o facto é que, mesmo na RTP 2, que a «bondade» governamental há tempos poupou à invasão da publicidade comercial, a insensibilidade dos programadores e dos burocratas que planificam as suas emissões continua a permitir usos e abusos - neste caso, da chamada «publicidade institucional» (cujo controlo de qualidade parece, aliás, arredio dos responsáveis da estação),

TVISTO

Francisco Costa

Carmen Dolores - P. 93525001000 - versão actualizada - Agosto de 99 - 2.ª parte.

Entretanto (pior a emenda do que o soneto!), não contente com o facto de ter deixado ir para o ar tal legenda, o burocrata de serviço ao alinhamento da emissão nem tal procurou ao menos disfarçar, resolvendo (pasmem-se!) mandar parar de forma abrupta a transmissão do programa, que já se havia reiniciado, para então inserir de supetão um bloco de dois spots de promoção interna da própria RTP relativos ao anúncio da transmissão de «Um Chá no Deserto» e da «Cavalaria Rusticana» - coisa que se lhe afigurou absolutamente inadiável, nem sequer lhe passando pela cabeça deixá-lo para o fim do programa já que a tal não estava obrigado por qualquer contrato de carácter publicitário!

O facto é que esta ocorrência veio manchar de forma irremediável o ritmo interno de um documentário que, independentemente da chama pessoal, irradiante, da personalidade nele retratada - e que, de forma tão veemente e até apaixonada, foi sendo sublinhada pelos vários e conceituados intervenientes e convidados a pronunciar-se sobre a grande actriz - apresentou algumas novidades em programas deste género, que não podem deixar de ser aqui referidas.

Por um lado, do ponto de vista da construção «dramatúrgica», não deixou de ser inventivo e executado de forma relativamente original o processo através do qual, pelo sistema *chroma-key*, tanto Carmen Dolores como os outros convidados se enquadravam harmoniosamente (até com eles «dialogando») em relação aos vários e abundantes



ainda e sempre interrompendo abruptamente os programas daquele canal, mesmo os de maior qualidade.

É assim possível continuarem a acontecer verdadeiros e escandalosos absurdos como aquele que se passou, por exemplo, com um dos últimos programas da série «Retratos» que a RTP 2 vem transmitindo com regularidade e que, numa iniciativa que merece todo o aplauso, se destina a recordar-nos que, afinal, existem entre nós, artistas, escritores, pensadores, que contribuem para o engrandecimento da nossa Cultura.

Tratava-se, na circunstância, de um excelente programa dedicado a uma grande actriz, Carmen Dolores, e que, na sua actual adaptação de 99 em relação ao original de 94 (que, confesso, me tinha passado despercebido na ocasião, se é que chegou a ser então transmitido - tudo é possível naquela casa...), continua a manter um intervalo a meio (!), agora absurdo face aos novos regulamentos da publicidade naquele canal, e que ainda deixou ver uma fria legenda impressa a branco sobre fundo de cartão preto, com os dizeres:

materiais documentais de arquivo - fotos, recortes, sequências filmadas - que, a par e passo, iam sendo projectados como ilustração ao que era dito.

Mas a grande novidade e o verdadeiro achado do documentário, ainda relacionado com os aspectos formais da construção, foi a própria forma como a retratada falava sobre as memórias da vida e o percurso da carreira - não através da habitual montagem de excertos de uma entrevista, da qual apenas são aproveitadas as respostas, mas dirigindo-se à própria câmara, falando directamente connosco, em sequências de texto claramente preparadas antecipadamente, com o seu *timing* interno justo e adequado, e até deixando perceber na interiorização memorizada do que queria dizer, certos laivos de «representação» (pausas, sorrisos, até gargalhadas) que, neste caso, de forma alguma nos provocaram qualquer sensação de postura postiça.

Coisa só ao alcance, neste preciso contexto audiovisual, de uma personalidade tão sensível e inteligente como continua a ser Carmen Dolores. Bem haja!



Notas breves de campanha

Com a melopeia eleitoral ainda nos ouvidos, as ondas de tantas emoções vão-se perdendo nas pequenas rotinas e a vida retoma o seu ritmo.

O pano desceu, a cena mudou.

Os problemas reais do nosso tempo, e não a representação que deles fizeram, aí estão, exigindo soluções eficazes e não meros exercícios verbais ou promessas ilusórias.

1. Claramente, o truque do primeiro-ministro ao pretender confundir confiança política e confiança pessoal não passou. É um momento de antologia esse, em que Guterres interpelou o eleitorado: «Fechem os olhos, abram os olhos, olhem para mim: acham que eu...»

Não eram as pessoas e a suposta bondade das suas intenções mas as propostas políticas que estavam a ser julgadas. Dizia Barroso, nesta onda: «Darei 300 contos a cada agricultor. Se não cumprir, vou-me embora...».

Esta excessiva personalização da política, a tónica na crença mais do que na compreensão, conjugam-se bem com a forma como os acontecimentos são hoje mediatizados - a exploração ávida dos sentimentos, o empolamento das emoções, a crescente manipulação da afectividade.

Certamente, os leitores já repararam na busca insistente das lágrimas em primeiro plano, na exposição continuada da dor humana, na pergunta recorrente dos jornalistas, que não questionam «o que pensa de...?», preferindo antes «o que sentiu quando...?».

O território da racionalidade, onde se analisa, onde se pergunta, onde se debate, onde se constróem soluções, tende a diminuir na comunicação social globalizada.

2. O problema dos direitos de quem trabalha veio para esta campanha pela voz de Carlos Carvalhas e da CDU. Mas as principais candidaturas preferiram ignorá-lo. Não chegaram a inventar truques e promessas. Simplesmente ignoraram.

Ignoraram a legislação laboral, a generalização do emprego precário, os baixos salários, a qualificação profissional, o desemprego juvenil, a política de investimentos, o papel regulador do Estado no quadro de uma economia mundializada.

Mas estes são alguns dos principais problemas do nosso tempo.

Acabarão por ganhar o centro do debate político.

No momento, pontificam os *gurus* do capitalismo neoliberal. São eles que parecem ter uma concepção do futuro.

Como o prof. Charles Handy, da London Business School. Numa entrevista à revista «Der Spiegel», eis a sua receita: acabar com as grandes instalações, promover o trabalho domiciliário e a meio tempo, não aceitar mais de 25 anos de emprego na mesma empresa, estimular a produção de qualidade e deslocar a produção em massa para os países pobres. E apresenta a fórmula mágica: **metade vezes dois vezes três**. Ou seja: reduzir a metade o número de trabalhadores, pagar-lhes o dobro e exigir-lhes o triplo de produção.

Estes e outros receituários inspiram as decisões de muitos governantes, sem que estes, no entanto, o reconheçam.

MOTES & VOLTAS

Jorge Sarabando

Mas a verdade é que o trabalho humano está hoje desvalorizado. Os direitos laborais sofrem os efeitos da vaga desreguladora. A lei da selva instala-se com todas as suas consequências.

Por isso, os próximos anos impõem-nos a acrescida responsabilidade de contribuir para a construção de uma alternativa política. Que passa pela luta concreta, mas também pelo debate de ideias, pela convergência de esforços.

Muitos sinais têm surgido, entre diferentes organizações e correntes de opinião, reveladores de uma crescente sensibilidade e disponibilidade para enfrentar a degradada situação no mundo do trabalho e as regressões sociais decorrentes da política neoliberal.

Entre eles, sublinhe-se o 5.º Colóquio do Grupo Europeu da Pastoral Operária, realizado no Porto, bem como as conclusões do Encontro LOC/MTC, sobre a «Verdadeira Nova Organização do Trabalho», de que nos dá conta a revista *Testemunho* (n.º 2, Set./99). São textos que nos oferecem um valioso campo de reflexão e de preocupações comuns de estudo e intervenção.

É tempo de agir. Os bons resultados eleitorais são também um sinal.

ESCAPARATE



FADO

Paixões diagonais

É este o título do espectáculo que a fadista Mísia, uma das vozes mais destacadas do moderno panorama do nosso fado, irá apresentar no sábado 16, pelas 21.30, no Grande Auditório da Culturgeste. Segundo o texto de apresentação deste recital, «os fados de Mísia têm a originalidade de transportar a dimensão trágica da condição humana de hoje, acentuada pela combinação perfeita de músicas tradicionais com letras modernas. Quando canta, Mísia dá corpo a sentimentos clandestinos, por vezes envergonhados, por vezes reprimidos, ora doces e ternos, ora incontroláveis e arrebatadores, por vezes baixos, por vezes heróicos, e é nessa altura que o seu fado se torna branco como o desejo no estado puro. Percebemos então que, como Mísia diz, o fado é coisa pouco espiritual e, pelo contrário, é físico, febril, é o corpo feliz ou dorido a cantar».

Acompanham Mísia neste espectáculo, José Manuel Neto (guitarra portuguesa), António Pinto (viola), Marino de Freitas (baixo acústico), Manuel Rocha (violino) e Ricardo Pais (piano e acordeão).

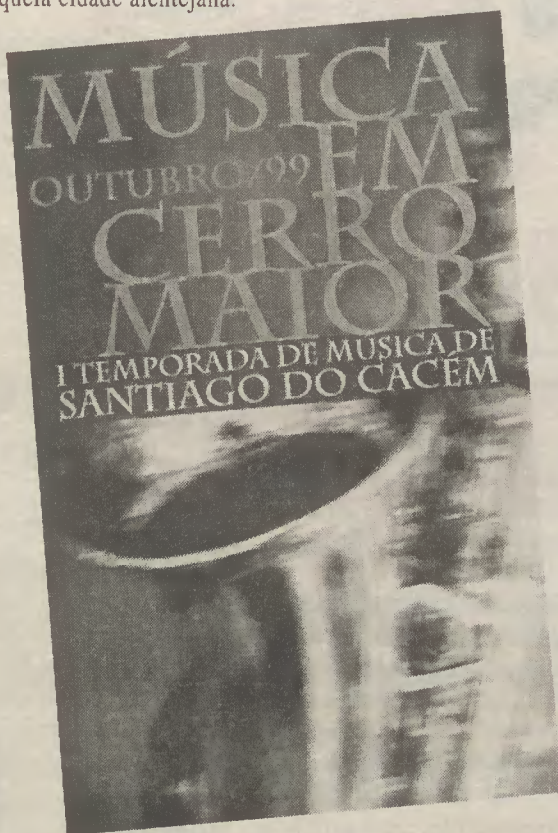
I Temporada de Música de Santiago do Cacém

Numa semana em que os principais destaques deste Escaparate se situam no campo da música, cumpre-nos chamar a atenção do leitor para as realizações culturais levadas a cabo pelo Poder Local.

Assim, por exemplo, começou no passado dia 1 e prolongar-se-á até 30 de Outubro a I Temporada de Música de Santiago do Cacém, numa organização do município daquela cidade alentejana.

São vários os géneros musicais que serão objecto de concertos e espectáculos, da música coral ao jazz, da música popular portuguesa à música sinfónica.

Assim, para os próximos dias, anunciam-se os seguintes espectáculos: dia 14, às 21.30 no Salão Social do Clube Petrogal (Vila Nova de S.º André), um dos maiores guitarristas portugueses António Cháinho, em destaque pelo



seu último trabalho discográfico «A Guitarra e Outras Mulheres», actuará com a cantora Marta Dias.

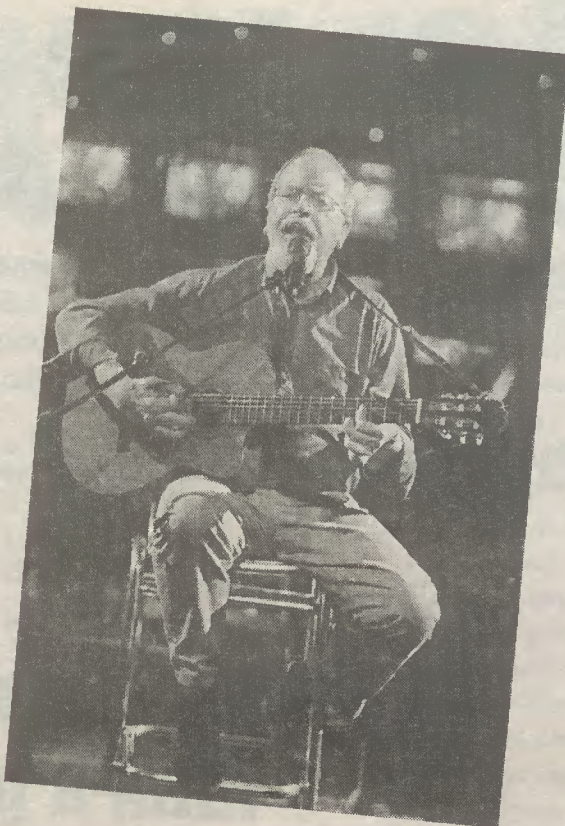
No sábado 16, às 16.30, na Biblioteca Municipal de Santiago do Cacém estará em foco o cante alentejano com a actuação do famoso Grupo Coral dos Camponeses de Pias integrada na homenagem ao escritor Manuel da Fonseca.

De hoje a oito dias, às 21.30, será a vez de o grupo «New Dixie» actuar no Auditório da Escola Secundária Padre António Macedo (Vila Nova de S.º André), evocando o jazz dixieland dos primeiros tempos.

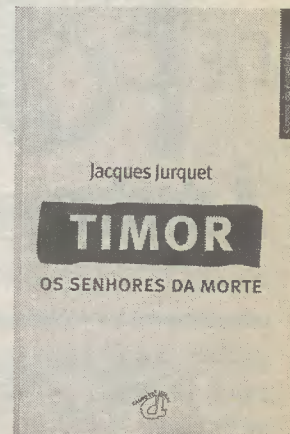
Dois dias depois, no sábado 23, às 15.30, três dos mais

conhecidos nomes do «canto de intervenção» – Manuel Freire, Francisco Fanhais e Francisco Naia – farão ouvir as suas canções na Biblioteca Municipal de Santiago do Cacém, num recital integrado na homenagem ao poeta José da Fonte Santa.

Finalmente, a 30 do corrente, pelas 21.30, encerrará esta I Temporada de Música de Santiago do Cacém com a actuação na Igreja Matriz desta cidade da excelente Orquestra Sinfónica Juvenil, sob a direcção de Christopher Bochman, em obras de Haydn (Sinfonia n.º 104), Mozart (Abertura «Così Fan Tutti») e Mendelssohn («Sonho de Uma Noite de Verão»).



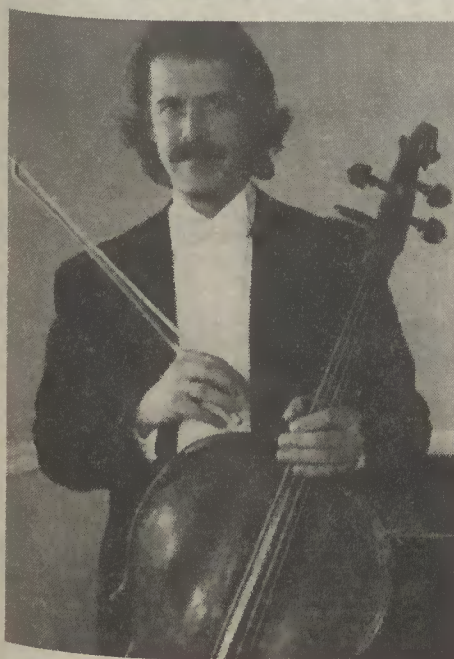
TEATRO



Timor Os Senhores da Morte

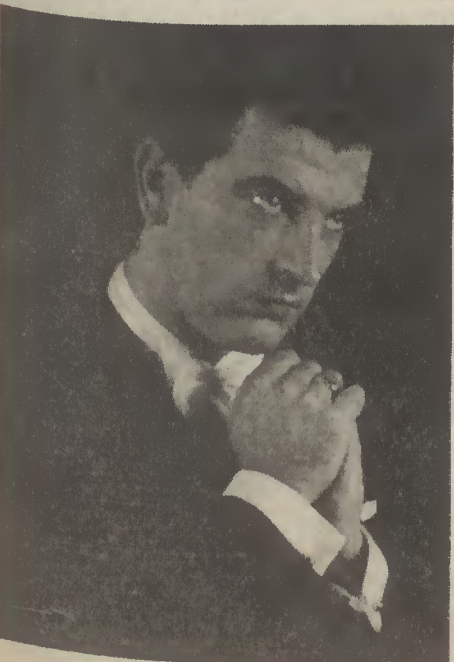
Na sua colecção Campo da Actualidade, da Campo das Letras, um livro que não podia ter actualidade maior. Timor Os Senhores da Morte, de Jacques Jurquet, corresponde a dois capítulos da já célebre obra deste autor - O Livro Negro do Capitalismo -, o escritor francês e destacado combatente da resistência que se encontrou, após o golpe fascista de Suharto, com dirigentes e sobreviventes do Partido Comunista Indonésio. Jurquet sabe do que fala. E Francisco Duarte Mangas, autor do prefácio deste livro, escreve: «Agora que a comunidade internacional parece ter acordado e os portugueses se manifestam em toda a parte contra os novos massacres do povo de Timor Lorosae, é fundamental ler (ou reler) este trabalho, despido de emoção, apoiado em fontes e factos seguros. Para dar mais força à indignação. Para, enfim, se perceber melhor certos silêncios ou hesitações.»

CLASSICA



Uma integral de Beethoven

Se é música clássica a preferência do leitor, então deverá ir assistir (sem falta!) a um acontecimento importante na oferta musical desta semana. Nada mais nada menos do que dois recitais (hoje e na próxima quarta-feira 20, às 21.20), agora no Pequeno Auditório do mesmo CCB. E, nesses recitais, a cargo de dois dos mais destacados músicos portugueses – o violoncelista Paulo Gaio Lima e o pianista António Rosado – será interpretada a integral das sonatas para violoncelo e piano de Ludwig van Beethoven. Desta integral, serão tocadas hoje as Sonatas n.ºs 2 e 3 (para além das 12 Variações sobre um tema de «Judas Macabée» de Haendel e das 7 Variações sobre uma ária da «Flauta Mágica», de Mozart) e, na próxima quarta-feira, as Sonatas nos. 1, 4 e 5 e as 12 Variações sobre outra ária da mesma «Flauta Mágica». A não perder!



BLUES E JAZZ

Musselwhite no CCB

São verdadeiramente raros os concertos de blues entre nós. Pois, desta vez (ainda mais raro!) é o grupo de um cantor de blues branco que vai actuar no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém. Nascido no Mississippi há cinquenta e dois anos, Charlie Musselwhite é, para além de um intérprete que se diz inteiramente identificado com a especial forma de cantar e viver os blues, um exímio tocador de harmónica. O concerto da sua banda, com Joseph Heinemann (piano), Felton Crews (baixo), John Wedemeyer (guitarra) e Bryant Mills (bateria) realizar-se-á hoje à noite, pelas 21.30.



Quinteto de Cláudio Roditi



Também rara entre nós é a possibilidade de ouvirmos jazz vindo do país irmão – o Brasil. Mas neste caso, embora brasileiro, o líder deste quinteto vem de uma região mais a Norte, mais propriamente dos EUA onde está radicado, com um grupo que dirige e que, por entre influências da música popular brasileira, lhes junta a expressão jazzística norte-americana. Talvez por isso o grupo se chame New York Brasil Connection, sendo constituído, além do trompetista, por Andrew Williams (trombone), Hélio Alves (piano), Nilson Matta (contrabaixo) e Duduka Fonseca (bateria).

O concerto de Cláudio Roditi será no sábado 16, às 21.30, no CCB, também no Grande Auditório.

Sérgio de Sousa DISCURSO DO HOMEM COMUM



Discurso do Homem Comum

Panfleto, é como Sérgio de Sousa, o autor deste livro editado pela Escritor, o classifica. «Discurso de um cidadão comum relativamente à sociedade que vive. Este cidadão tem a consciência de que nada do que é social lhe é alheio. Mas, sendo uma pessoa como a generalidade das restantes, leva a maior parte da sua existência acordada a exercer uma profissão, para angariar o sustento, seu e dos filhos, não podendo portanto aprofundar o estudo de todos os dossiers respeitantes às mais diversas matérias que, sectorialmente, alguns quadros superiores de empresas e ministérios, e uns poucos políticos, se ocupam. Não se demite, contudo, de olhar à sua volta, pensar o que vê e dizê-lo, no exercício da sua cidadania.» Um panfleto, pois...

ATALHE DE FOICE

À deriva

As análises aos resultados eleitorais são um dos exercícios mais interessantes a que se dedicam os analistas políticos e comentadores de serviço da nossa praça. Conhecido o veredicto das urnas, eis que a generalidade se desdobra para encontrar nos números os prognósticos antes insinuados ou mesmo proclamados como verdades absolutas.

Verdadeiramente exemplar da complexidade desta tarefa é o artigo de Vital Moreira, no «Público» de anteontem, intitulado «A decepcionante vitória». Depois de explicar como é que «tendo falhado a maioria absoluta, o PS deslustrou a sua vitória» - falhanço aliás que VM não compreende dado só se lembrar de sucessos na anterior governação -, VM admite que afinal o falhanço acabou por beneficiar o sistema político, uma vez que «a tendência para a bipartidarização estancou», o «leque político parlamentar ampliou-se e diversificou-se». No entanto, como não há bela sem senão, VM logo vislumbra um rol de desvantagens para os governos minoritários, a saber: a «instabilidade», a «tendência para as cedências aos grupos de interesse», a «desresponsabilização política», a «dificuldade de opções de políticas de fundo», dificuldades essas aparentemente intrínsecas apenas a segundos mandatos já que ao primeiro VM não tem nada de substancial a apontar, pelo que prevê «que as coisas se tornem mais difíceis» do que foram nos últimos quatro anos.

Passando à análise das causas do falhanço, VM conclui primeiro que o PS errou ao apostar explicitamente no objectivo da maioria absoluta, e sobretudo porque, tendo-o feito, descurou «a necessária "dramatização" eleitoral». Quer dizer, faltou ainda mais hipocrisia e espectáculo, mais papas e bolos, mais chantagem e intimidação dos «tolos». O segundo erro do PS, diz VM, foi o de ter privilegiado «o alargamento eleitoral ao centro-direita, desguarnecendo o lado esquerdo». Assim, o PS «foi bem sucedido na cativação do mundo dos negócios e de algum eleitorado conservador», mas «perdeu eleitorado urbano, no mundo do trabalho e nas camadas intelectuais». Acontece, quando a manta é curta, tapa-se a cabeça e destapa-se os pés. Aparentemente, VM não percebe porque é que o PS «acabou por pagar, mais do que se poderia esperar, os efeitos de algumas tergiversações ideológicas». A simples resposta de que pode ter sido porque afinal as ideologias não acabaram, parece não ter ocorrido ao articulista.

Chegados a este ponto, e reconhecida a preferência do PS em «conquistar o aplauso dos banqueiros e da Igreja Católica», ao invés de «realizar a reforma fiscal regular e melhorar os serviços públicos ou reformar a justiça ou o sistema de saúde», VM conclui que afinal a «decepcionante vitória» talvez seja «um bom indicador dos limites da chamada "terceira via" em países do Sul da Europa», onde a existência de «um partido comunista ainda com considerável implantação e uma forte tradição ideológica laica, republicana e socialista não permite que a deriva dos partidos socialistas para o centro seja efectuada sem riscos de perdas sensíveis à esquerda». Distraído, VM esqueceu-se do Norte da Europa, onde as «terceiras vias» já conheceram melhores dias.

Posto que a «terceira via» sempre anda à deriva, VM desconfia agora que «o abandono das referências doutrinares do socialismo (...) pode, afinal, não compensar». Mas se «ainda bem que assim é», como conclui VM e nós concordamos, o que há afinal de «decepcionante» na vitória do PS sem maioria absoluta? Palpita-nos que de tanto derivar já perdeu um pouco o norte.

■ Anabela Fino

Grupo do sector químico quer despedir 45 trabalhadores

Grupo gigante do sector farmacêutico quer mandar para o desemprego mais 45 trabalhadores, denuncia o Sindicato dos Trabalhadores da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás do Centro, Sul e Ilhas (SINQUIFA).

A Sanofi/Synthelabo, a nova sociedade resultante da fusão de dois grandes grupos de empresas de origem francesa

com dimensão mundial, o grupo Sanofi e o grupo Synthelabo, avançou com um processo de despedimento colectivo

de 45 trabalhadores, na sequência do processo de reestruturação em curso, denuncia o SINQUIFA em comunicado de imprensa.

De notar que o conjunto de cinco empresas envolvidas na fusão e na reestruturação (Sanofi Winthrop, Synthelabo Delagrang, Synthelabo Farmacêutica, Laboratório Synthelabo Fidelis e Synthelabo Médicor), já mandaram para o desemprego, desde 1998, cerca de 100 trabalhadores.

Na nota à comunicação social, a direcção do SINQUIFA afirma o seu desacordo com este despedimento colectivo e defende que «nenhuma reestruturação

justifica, só por si, o recurso ao despedimento, se não houver outras razões objectivas».

Os sindicalistas consideram que, «num grupo cujo conjunto de empresas realizaram em 1998 um volume de vendas de 35 biliões de francos franceses e passa a ocupar em termos de ranking no mercado farmacêutico internacional a 2.ª posição em França, a 6.ª posição na Europa e a 19.ª a nível mundial, não tem seguramente dificuldades económicas nem certamente se debaterá com problemas conjunturais ou de mercado».

O sindicato já solicitou a intervenção do Governo, até agora sem qualquer resultado.

OMS alerta futura geração de pais

A Organização Mundial de Saúde (OMS) advertiu para a necessidade de alertar a «futura geração de pais» para os princípios de uma reprodução em boas condições de saúde.

Em causa estão cerca de mil milhões de jovens entre os 15 e os 24 anos.

Num comunicado divulgado no dia em que as Nações Unidas celebram o nascimento do ser humano seis mil milhões, a directora-geral da OMS, Gro Harlem Brundtland, sublinha o apego da sua organização «ao conceito de saúde reprodutiva, que é e continuará a ser a nossa prioridade para o próximo século».

Segundo a OMS, a conferência internacional para a população e o desenvolvimento, realizada em 1994, contribuiu para alertar a opinião pública internacional para uma abordagem demográfica que inclua o conceito da reprodução em boas condições de saúde, a saber, a segurança na gravidez, o desenvolvimento sexual harmonioso dos adolescentes e o direito das mulheres e dos homens a controlarem a fecundidade.

A OMS lembra que, apesar de 60 por cento dos casais no mundo recorrerem à contracepção, pelo menos 100 milhões de casais têm dificuldades de acesso ao planeamento familiar.

Este ano, 40 a 50 milhões de mulheres no mundo realizaram um aborto provocado, sublinha a agência da ONU, indicando que metade destes abortos se fizeram em condições não seguras.

Segundo os dados divulgados pela OMS, todos os anos cerca de 600 000 mulheres morrem na sequência de uma gravidez ou parto. Mais de 90 por cento destas mortes ocorrem nos países em desenvolvimento.

Prossegue a greve no RNPC

Os trabalhadores do Registo Nacional de Pessoas Colectivas mantém a greve iniciada a 30 de Setembro, que tem por motivo o atraso «de muitos anos» na transição para a carreira profissional de registo e notariados - informou o Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores, numa nota em que lamenta os transtornos causados. Estes verificam-se, nomeadamente, nos registos de alterações de capital das empresas, na constituição de sociedades e na emissão de cartões de empresas em nome individual ou de pessoa colectiva, mas o sindicato atribui ao Governo «exclusiva responsabilidade» pela situação.

O executivo de António Guterres, acusa o STFPSPA, «vem sucessivamente protelando» a transição, ao recusar-se a aplicar o decreto-lei 283/99, de 26 de Julho, «o qual foi negociado com este sindicato para resolver o problema».

A greve abrange as horas

extraordinárias e o período das 14.30 às 17 horas, todos os dias.

Não docentes

Vai realizar-se na Faculdade de Economia de Coimbra, no próximo dia 22, um encontro regional de trabalhadores não docentes do Ensino Superior, promovido pelo Sindicato da Função Pública do Centro.

Ao anunciar a iniciativa, o sindicato salienta a sua importância para os trabalhadores: «a legislatura agora terminada ficou marcada por meses e meses de reuniões de negociações sobre o regime jurídico, que terminaram sem o nosso acordo e com o compromisso do Governo de fazer publicar o diploma legal até 15 de Setembro, o que não veio a suceder, constatando-se que o Governo que agora terminou o seu mandato não soube honrar muitos dos seus compromissos».



Assédio sexual no local de trabalho

A União dos Sindicatos de Lisboa (USL / CGTP-IN) promove amanhã, dia 15, pelas 14.30 horas, um encontro que abordará a temática do assédio sexual no local de trabalho.

A iniciativa realiza-se no âmbito do projecto europeu «AFRONTAR o assédio sexual no local de trabalho» que envolve organizações sindicais de Espanha (Comisiones Obreras de Catalunya) Itália (CGIL - Lombardia) e de Portugal (USL / CGTP-IN).

«No nosso país, esta tem sido uma questão pouco debatida, embora afecte muitos trabalhadores (essencialmente mulheres)», afirma a direcção da USL, em comunicado de imprensa. Pelo que considera «de extrema

importância lançar o debate sobre esta matéria, muitas vezes tratada como tabu».

Os promotores desta iniciativa contam com a participação das organizações internacionais envolvidas no projecto, representantes dos grupos parlamentares, investigadores sociais e personalidades ligadas à temática da mulher e da igualdade de oportunidades, bem como da Comissão Nacional de Mulheres da CGTP-IN e outros dirigentes e activistas sindicais do distrito de Lisboa.

